

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Tuany Flesch Pereira

Representações sociais sobre saúde-doença de homens rappers

Florianópolis 2022

Tuany Flesch Pereira
Representações sociais sobre saúde-doença de homens rappers
Dissertação submetida ao Programa de Pós- graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestra em Saúde Coletiva. Orientador: Prof. Dr. Mauro Serapioni.
Florianópolis 2022

# Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pereira, Tuany Flesch Representações sociais sobre saúde-doença de homens rappers / Tuany Flesch Pereira ; orientador, Mauro Serapioni, 2022. 191 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Saúde Coletiva. 2. Saúde Coletiva. 3. Representações sociais. 4. Movimento Hip-Hop. 5. Análise do Discurso. I. Serapioni, Mauro. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. III. Título.

# Tuany Flesch Pereira

# Representações sociais sobre saúde-doença de homens rappers

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 10 de novembro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Marta Inez Machado Verdi, Dr.(a) Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Tânia Regina Krüger, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Charles Dalcanale Tesser, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenação do Programa de Pós-Graduaçã	0
Prof. Mauro Serapioni, Dr.	
Orientador	

### **AGRADECIMENTOS**

Chegou o momento de agradecer às muitas pessoas que tornaram este trabalho possível, sem o apoio e incentivo de cada um de vocês, o caminho até aqui teria sido muito mais difícil.

Sou muito grata ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Inez Machado Verdi, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Regina Krüger e Prof. Dr. Charles Dalcanale Tesser, pelas valiosas contribuições prestadas durante a banca de qualificação e defesa deste trabalho, por destacarem a originalidade e pertinência do tema de pesquisa, encorajando o desenvolvimento de estudos criativos e inovadores no âmbito da Saúde Coletiva.

É com admiração, carinho e respeito que agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Mauro Serapioni, que acreditou no meu potencial e embarcou comigo nessa aventura de realizar um trabalho que alia as narrativas dos *rappers* com as representações sociais de saúde-doença. Obrigada pela sua disponibilidade, cumplicidade e ensinamentos, por ter me acolhido, escutado e guiado durante todo esse processo de pesquisa.

Ressalto a minha gratidão aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC/UFSC) pelo convívio repleto de aprendizagens, por contribuir com a minha formação profissional e crescimento pessoal. Orgulho-me de fazer parte desta história.

Agradeço aos meus pais, Scheila Regina Flesch Pereira e César Rolan Pereira, pela realização de mais um sonho, por estarem incondicionalmente empenhados na minha educação, apoiando-me em todos os sentidos durante toda a minha jornada acadêmica. Pai, meu orgulho, meu herói. Obrigada por me ensinar a ter perseverança, por ser um verdadeiro pai e nunca me desamparar. Particularmente em um país como o nosso onde o abandono paternal é uma constante, saber que tive um pai como você é um privilégio. Mãe, gratidão por me criar com tanto amor, carinho e paciência. Você me ensinou tanto!

Deixo também um agradecimento mais do que especial ao meu tio e Mestre em Geografia Moisés Alan Pereira (PPGG/UFSC), pelas sugestões de leitura, por me apresentar as obras do geógrafo Milton Santos. Obrigada por acompanhar os meus

progressos neste itinerário formativo, pela ajuda espontânea, debates e reflexões teóricas sobre o cenário político, econômico, social e ambiental do Brasil.

Agradeço de coração ao diretor do Instituto Parrhesia Erga Omnes, Orlando Vitor Noal Neto, que mediou o contato com os *rappers* e me acompanhou durante todo o trabalho de campo.

Sou profundamente grata aos *rappers* Chikuta MRS, Maciel Aranda Magnus e Nego Gilson que me receberam de braços abertos e se prontificaram a colaborar com a materialização desta pesquisa. Muito obrigada pela dedicação, envolvimento e confiança em compartilhar suas histórias de vida, sonhos e canções. Foi uma honra escrever sobre vocês, pessoas excepcionais, criativas e solidárias, que lutam cotidianamente contra o preconceito e descaso da esfera pública.

Rappers, vocês são a poesia, o protesto, a resistência, o orgulho, a motivação e autoestima dos jovens, nas ruas, nas escolas, nas comunidades e no debate político. Obrigada por manter o *rap* vivo na luta por justiça social.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Toda palavra usada nos versos de quem narra histórias reais toca o coração de alguém. Não importa o sentimento, seja lá qual for: alegria, tristeza, ódio ou amor. Canções que falam das batalhas, das conquistas. Vidas parecidas, muitos se identificam. Mancho páginas com lágrimas e tinta Bic. Lembranças, saudades, versos tristes (FACÇÃO CENTRAL, 2015).

### **RESUMO**

O presente estudo é fruto de uma aproximação entre a Saúde Coletiva e o Movimento Social Cultural *Hip Hop*, com o objetivo principal de compreender as representações sociais de saúde-doença de homens *rappers* que vivenciaram a privação de liberdade. Para tanto, baseou-se no diálogo teórico-metodológico construído entre a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a Teoria da Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux. Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, que utilizou entrevistas narrativas biográficas, observação participante e análise de canções do gênero discursivo rap dos mesmos participantes da pesquisa. No intuito de se aproximar ainda mais da realidade social em que vivem os narradores, as entrevistas narrativas e a construção do diário de campo aconteceram simultaneamente com a imersão da pesquisadora no campo. Para subsidiar as análises, foi realizada uma revisão de literatura sobre o movimento social e cultural Hip Hop, o sistema prisional brasileiro e a situação de saúde dos homens privados de liberdade, bem como, foram considerados os modelos conceituais em saúde e os aspectos mais relevantes da história da saúde no Brasil, destacando as contribuições dos movimentos sociais para a implementação do Sistema Único de Saúde e o nascimento da Saúde Coletiva. A técnica de análise do discurso foi utilizada no tratamento dos dados. A análise das canções de rap é apresentada inicialmente, seguida pela análise das entrevistas narrativas, organizadas em sequências discursivas. Concluiu-se que as representações sociais de saúde-doença dos rappers estão relacionadas aos Determinantes Sociais da Saúde, às Determinações Sociais, às Interseccionalidades e aos diversos modelos conceituais de saúde-doença construídos ao longo da história. Por fim, os discursos abordaram temas como seletividade penal, racismo estrutural, corrupção do colarinho branco, posições sociais, colonialismo, escravidão, dentre outros. Os resultados impulsionaram reflexões teóricas em torno da Psicanálise, Saúde Coletiva, Sociologia, Filosofia e Representações Sociais, enfim, diferentes áreas do conhecimento e campos de saber.

**Palavras-chave:** Representações Sociais; Saúde Coletiva; Movimento Hip-Hop; Análise do Discurso.

#### **ABSTRACT**

The present study is the result of an approximation between Collective Health and the Hip Hop Cultural Social Movement, with the main objective of understanding the social representations of health-illness of male rappers who have experienced deprivation of liberty. The study is based on the theoretical and methodological dialogue built between Serge Moscovici's Theory of Social Representations and the Theory of Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux. This exploratory research with has qualitative approach, which used biographical narrative interviews, participant observation, and analysis of songs from the rap discourse genre written by the participants of the research. In order to get even closer to the social reality in which the narrators live, the narrative interviews and the construction of the diary of events took place simultaneously with the researcher's immersion in the field. To support the analyses, a literature review about the Hip Hop social and cultural movement was carried out, the brazilian prison system and the health condition of men deprived of freedom, the conceptual models in health, and the most relevant aspects of the history of health in Brazil were considered, highlighting the contributions of social movements to the implementation of the Unified Health System and the birth of Collective Health. The discourse analysis technique was used in the data treatment. The analysis of the rap songs is initially presented, followed by the analysis of the narrative interviews, which were organized in discursive sequences. It was concluded that the rappers' social representations of health-illness are related to the Social Determinants of Health, Social Determinations, Intersectionalities, and the various conceptual models of health-illness constructed throughout history. Finally, the speeches addressed issues such as penal selectivity, racism, white-collar corruption, social positions, stimulated theoretical colonialism. slaverv. etc. Thev reflections Psychoanalysis, Collective Health, Sociology, Philosophy, Social Representation, different areas of knowledge and fields of expertise.

**Keywords**: Social Representations; Public Health; Hip-Hop Movement; Discourse Analysis.

Quadro 1 - A única pergunta inicial da entrevista	59
Quadro 2 - Os <i>rappers</i> participantes do estudo	59
Quadro 3 - Contexto de vida do <i>Rapper</i> X	104
Quadro 4 - Contexto de vida do <i>Rapper</i> W	104
Quadro 5 - Contexto de vida do <i>Rapper</i> F	105
Quadro 6 - Principais representações sociais de saúde-doença dos <i>rappers</i>	125

### LISTA DE SIGLAS

Alames Associação Latino-americana de Medicina Social

BNIM Método Interpretativo Narrativo Biográfico

Cebes Centro Brasileiro de Estudos em Saúde

CEP Comitê de Ética em Pesquisa

CDSS Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde

CNS Conselho Nacional de Saúde

CONEP Conselho Nacional de Ética em Pesquisa

DS Determinação Social dos processos de saúde-doença

DSS Determinantes Sociais da Saúde

EIRD Estratégia Internacional de Redução de Desastres

HCTP Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico

INAMPS Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

OMS Organização Mundial de Saúde

ONG Organização Não Governamental

ONU Organização das Ações Unidas

PNAISH Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem

PNAISP Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas

de Liberdade no Sistema Prisional

PPGSC Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRS Teoria das Representações Sociais

SD Sequências Discursivas

SUS Sistema Único de Saúde

SUSEPE Superintendência dos Serviços Penitenciários

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

# **SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	21
2.1 OBJETIVO GERAL	21
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
3 MARCO CONTEXTUAL	22
3.1 MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL HIP HOP	22
3.2 A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	26
4 MARCO CONCEITUAL	34
4.1 MODELOS CONCEITUAIS EM SAÚDE	34
5 MARCO TEÓRICO METODOLÓGICO	45
5.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	45
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	52
6.2 ASPECTOS ÉTICOS	53
6.3 A INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	54
6.4 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	55
6.4.1 Abordagem do Gênero Discursivo Letra de Música	55
6.4.2 Das Entrevistas Narrativas Biográficas	57
6.4.3 A Observação Direta e o Diário de Campo	59
6.5 ORGANIZANDO OS DADOS	60
6.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS	61
7 RESULTADOS	63
7.1 ANÁLISE DO DISCURSO DAS MÚSICAS DE <i>RAP</i>	63
7.1.1 Músicas do <i>rapper</i> Maciel Aranda Magnus	63
7.1.2 Músicas do <i>rapper</i> Chikuta MRS	79
7.1.3 Músicas do <i>rapper</i> Nego Gilson	89
7 2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	96

7.2.1 O diário de pesquisa	
7.2.2 Os contextos de vida	104
7.2.3 As temáticas materializadas nos enunciados	105
7.2.3.1 1º Recorte Discursivo – <b>A infância</b>	106
7.2.3.2 2º Recorte Discursivo – <b>As violências</b>	108
7.2.3.3 3º Recorte Discursivo – Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas	111
7.2.3.4 4º Recorte Discursivo – <b>Serviços públicos essenciais</b>	115
7.2.3.5 5º Recorte Discursivo – Redes comunitárias e cultura Hip Hop	120
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	150
APÊNDICE B - ARTIGO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE	SAÚDE-
DOENÇAS DE HOMENS RAPPERS	155
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA	180
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTI	CA EM
PESQUISA	181
ANEXO C – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DAS LETRAS DE MÚSICAS	182

# 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, com o golpe militar de 1964, o movimento estudantil e outros movimentos sociais populares ganharam força e se multiplicaram no cenário urbano do país. Se por um lado, o Estado imputava um controle cada vez maior sobre a vida da população, por outro, formava-se uma intensa rede solidária de resistência ao regime ditatorial instaurado. Nesse cenário, a contracultura ou cultura *underground* se difundiu por meio das artes plásticas, da literatura, da música e de jornais alternativos como "O Pasquim", considerado uma importante ferramenta de crítica à repressão política e ao conservadorismo moral da época (CAPELLARI, 2007).

O regime totalitarista só chegou ao seu esgotamento vinte anos depois, em 1985. No mesmo período em que a perspectiva contracultural do movimento *Hip Hop* se expandiu pelo Brasil. Logo, o *rap* nacional emergiu através da voz de uma juventude negra e marginalizada que, mesmo com o processo de redemocratização do país, ainda permanecia em condições de vida precárias, marcada pela escassez de acesso aos bens e serviços essenciais, como saúde, educação, moradia, emprego e renda (PIRES, 2007).

A ditadura militar acentuou as desigualdades sociais do país, proporcionando à temática saúde e democracia maior visibilidade, e a relação entre elas passou a ser alvo constante de reflexões e debates entre os movimentos sociais, dando origem ao movimento da Reforma Sanitária e a conformação de um novo campo de saberes e práticas, de natureza transdisciplinar, denominado de Saúde Coletiva (CONCEIÇÃO; ROSA, 2017).

Na concepção de Barata (2001), o movimento da Saúde Coletiva nasce como uma forma de contestação ao autoritarismo de Estado e visa introduzir a promoção da saúde como prática prioritária, incorporando novos atores sociais no cenário político do país, dando voz e intencionalidade a outros sujeitos.

Neste sentido, é possível identificar alguns pontos de confluência entre o movimento da Saúde Coletiva e o movimento social *Hip Hop*, uma vez que ambos compartilham novos saberes, ideias e práticas, visando o exercício da cidadania e a superação das desigualdades sociais.

A respeito dos movimentos sociais, Gohn (1997) conceitua:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios, disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política (GOHN,1997, p. 251).

A fim de aproximar o leitor da presente pesquisa e fomentar reflexões a respeito da relevância do tema proposto. Toma-se como ponto de partida as considerações do *rapper*, advogado e escritor brasileiro Carlos Eduardo Taddeo (2020), narradas na canção "Estamos Mortos", faixa inicial de seu álbum solo "O Necrotério dos Vivos":

Ninguém pode ser considerado vivo comendo sobras de lixeiras, erguendo mãos para pedir esmolas, fumando crack, perdendo a saúde puxando carroças de papelão. Não existe vida em DPs, CDPs, viaturas, reformatórios, presídios e tribunais. Não existe vida nos subempregos, com salários de fome, nas casas devastadas pelo lícito do alcoolismo [...]. Não existe vida nos bolsões de miséria que fazem as armas serem atrativas para meninos e meninas, que antes dos 25 estarão em caixões lacrados. [...] Quem é o número de matrícula prisional não passa de uma alma que vaga pelo cárcere de presídio em presídio. [...] Se não fossemos apenas sistemas respiratórios aspirando pólvora, tiraríamos do poder os tiranos que aprovam decretos que acabam em helicópteros brincando de tiro ao alvo em comunidades carentes. A opressor! Eu sei que você comprou com a sua riqueza suja o direito da existência, eu sei que você conhece a estrita legalidade, conhece o respeito à integridade física psíquica e moral, tem o privilégio de pensar de forma independente sem coação televisiva e educacional [...]. Irmão de guerra, sinto muito em te informar que quem não tem o padrão de vida estabelecido na Constituição Federal já está em estado avançado de putrefação, quem tem a probabilidade de uma morte violenta por sua condição financeira e cor de pele já sobrevive dentro de um túmulo. A coroa de flor é só um detalhe pra nós, que caminhamos sem vida na escuridão da indigência. Viver é ter a opção de crescer profissionalmente e intelectualmente, de não ser metralhado pela polícia, de não ser torturado num sistema prisional puramente vingativo. Enquanto não pudermos impedir o genocídio, o racismo, a alienação, o aprisionamento em massa, a pobreza extrema e a anulação social, não passaremos de cadáveres que respiram. Meus pêsames a todos nós que vegetamos no necrotério dos vivos (TADDEO, 2020).

Diante do exposto, é possível perceber que a pesquisa oportuniza conexões entre a realidade social e a teoria de diversos campos do conhecimento. Entendendo a necessidade de construir um recorte temático para delimitar a dimensão do estudo,

optou-se pela investigação das representações sociais sobre saúde-doença de homens *rappers* que partilham aspectos de vida em comum: são compositores de músicas do gênero *rap*, nascidos nas periferias das grandes cidades e com passagem pelo sistema prisional.

Gostaria de sinalizar que não é a intenção deste trabalho problematizar e detalhar sobre a natureza dos delitos. Mas sim, à luz da abordagem qualitativa, trazer as histórias de vida de pessoas envolvidas, ou não, com experiências de tráfico de drogas, assalto, roubo e uma série de atividades consideradas ilícitas, mas que são inerentes à vida em sociedade.

Mais do que interpretar suas vozes, buscou-se percorrer suas tramas sociais para conhecer suas vivências, percepções e ideias acerca dos processos de saúdedoença, no sentido de compreender os mecanismos de enfrentamento e superação dos acontecimentos narrados, identificando as possíveis interlocuções com o campo da Saúde Coletiva.

O interesse pelo tema da cultura *Hip Hop* surgiu no ano de 2013, devido à convivência com alguns integrantes do movimento em atividades sociais. Nesses encontros, nas rodas de conversa e apresentações musicais, vários temas emergiram e com frequência surgia certa insatisfação com o Sistema Único de Saúde (SUS).

Além disso, durante a graduação de Enfermagem, a coordenadora do curso percebeu as singularidades do meu perfil profissional e sugeriu que eu direcionasse a trajetória acadêmica para o campo da Saúde Coletiva, indicando a minha participação no projeto de extensão "Observatório de Juventudes em Situação de Prisão", dos cursos de Psicologia e Direito, em parceria com a SUSEPE e Brigada Militar. Com isso, passei a ser a primeira estudante de Enfermagem a integrar o projeto, que investigava o fenômeno da criminalização da juventude em duas faces: acompanhando jovens em situação de prisão na Cadeia Pública de Porto Alegre e acompanhando os casos de Direito Penal, através da prática de acolhimento a assistidos do Núcleo de Práticas Jurídicas do Centro Universitário Metodista IPA.

Diante dessas aproximações, que demonstraram como a sociedade está estruturada e como somos condicionados a desacreditar num futuro melhor para quem habita as periferias urbanas brasileiras, foi possível perceber os elos entre os temas da Saúde Coletiva, movimento social *Hip Hop* e sistema prisional. Inclusive, sob um novo ângulo, lançar o olhar para as canções de *rap* como narrativas de vida

que relevam a demanda por cuidados de saúde, enquanto um recurso terapêutico potente para a descarga emocional da violência e das iniquidades sociais, que chamam a atenção para o abandono do Estado e a ineficácia das políticas públicas/estatais.

Historicamente, a música vem sendo muito utilizada para ampliar a voz dos sujeitos silenciados pela exclusão social, representa um dispositivo de proteção e promoção do direito à liberdade de expressão, visando à inclusão social, solidariedade, união e respeito mútuo. É com base nesses valores que nasce o movimento social *Hip Hop*, composto por quatro elementos artísticos: o grafite (no âmbito das artes visuais); o *break* (expressão através da dança); o DJ (aquele que coloca a música no toca-discos); o MC (a pessoa que transmite um discurso com rimas e poesia ao povo), sendo que esses dois últimos constituem o *rap*.

A palavra *rap* significa ritmo e poesia, é um estilo musical constituído por elementos acústicos e fragmentos de diversos outros padrões musicais, com batidas rítmicas que servem de base para uma improvisação poética que tem como tema principal a denúncia social e a narrativa de vida dos jovens de periferia (SILVA; SOARES, 2004).

Aqui, parte-se do princípio de que as experiências pessoais e coletivas dos sujeitos têm valor para a compreensão de mundo, podendo estar relacionadas com as representações sociais e os processos de saúde-doença. Por isso, utilizou-se como fonte de coleta de dados as entrevistas narrativas biográficas, a observação participante e as canções do gênero discursivo *rap* dos próprios participantes da pesquisa. Dessa forma, procurou-se responder o seguinte questionamento: *Quais são as representações sociais sobre saúde-doença de homens rappers que vivenciaram a privação de liberdade?* 

O estudo de Rosas (2017) sobre as representações sociais de *rappers* acerca da violência aponta que esta última esteve mais relacionada aos abusos cometidos pela polícia. Outro aspecto relevante para as representações sociais da violência é a negação desta, quando questionado sobre o local onde o sujeito reside. O sentimento de apego ao lugar faz com que as pessoas não reconheçam ou não queiram perceber a violência no seu meio social.

A polarização entre periferia e centro urbano também apareceu, revelando que as pessoas externas à periferia continuam nutrindo o estigma de que esses locais

são violentos. Os *rappers* manifestaram em suas canções que percebem essa segregação e estigma. Em suma, além de auxiliar na redução da violência, o *rap* é uma força individual e grupal que amplia a capacidade de dialogar sobre e com a sociedade, por tudo isso, merece ser estudado e defendido (ROSAS, 2017).

As linhas cartográficas "abissais" que demarcavam o Velho e o Novo Mundo no período colonial, vigoram no pensamento moderno ocidental e perpetuam relações políticas e culturais excludentes no sistema mundial contemporâneo. A realidade social ainda é dividida radicalmente por um sistema visível e invisível de linhas, estabelecendo dois universos distintos: o "deste lado da linha" e o do "outro lado da linha". A principal característica do pensamento abissal é a impossibilidade da existência simultânea de dois lados da mesma linha (SANTOS, 2007).

A teoria abissal, defendida por Boaventura de Sousa Santos (2007), permite compreender as periferias urbanas e o sistema prisional como lugares "do outro lado da linha", territórios onde prevalece a violência, praticada especialmente pelos agentes do Estado. Neste sentido, evidencia-se a conduta antidemocrática de certas instituições da sociedade, incompatíveis com os fundamentos, objetivos, direitos e garantias instituídos pela Constituição Federal de 1988, estando associado, sobretudo, à herança do racismo estrutural.

Desde a antiguidade, o racismo sempre foi uma realidade social e cultural baseada puramente no fenótipo, antes mesmo de representar um fenômeno político e econômico ancorado na biologia. O fenótipo configura-se como um elemento objetivo real, que alimenta o imaginário social e serve de linha de demarcação entre os grupos raciais, sendo o ponto de referência em torno do qual se instituem as discriminações "raciais" (MOORE, 2007).

Almeida (2019) destaca que o racismo proporciona o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência vigentes na sociedade contemporânea. E aponta as três dimensões principais do racismo: a individualista, a institucional e a estrutural. A dimensão individualista, reflete-se em preconceitos e discriminações para com os grupos racializados, desconsiderando a natureza política do racismo e, por configurar um fenômeno comportamental, a educação e a conscientização sobre os efeitos nocivos do racismo são as principais formas de enfrentar este problema.

A dimensão institucional expõe que o racismo advém das instituições da sociedade, atuando para a manutenção das desvantagens e privilégios alicerçados na raça. Os grupos que ocupam posições de destaque, tendo maior poder de decisão, são formados majoritariamente por homens brancos que dificultam a ascensão social de mulheres e homens negros. Já na dimensão estrutural, a história de cada sociedade é relevante. No caso do Brasil, o racismo estrutural foi construído através de uma colonização escravagista e genocida, baseada na superioridade da raça branca, dito de outro modo: as instituições são racistas, porque a sociedade é racista (ALMEIDA, 2019).

No contexto do sistema prisional correlacionado à cultura Hip Hop, não se pode deixar de mencionar o projeto "MCs Para a Paz", implementado pela Coordenadoria da Juventude da Assessoria Direitos de Humanos Superintendência de Serviços Penitenciários, do Rio Grande do Sul. A vivência desenvolvida com os jovens do regime fechado e semiaberto, aliou a cultura Hip Hop com a educação cidadã, formando jovens protagonistas na disseminação da cultura de paz no interior das galerias, prisões, famílias, comunidades e sociedade. Proporcionou momentos de estudo, arte, produção, aprendizagem, cooperação e conscientização, possibilitando aos apenados espaços que fujam da dor, sofrimento e angústia (BASSANI, 2010).

Poncio (2014) demonstrou que a cultura *Hip Hop* é um movimento de luta, organização e mobilização social, penetrando as prisões para romper com o estereótipo criminal e, explanando sobre a seletividade penal a que estão submetidos. A pesquisa tratou do *rap* enquanto discurso político que proporciona maior visibilidade à realidade suburbana, denunciando os abusos sofridos pela opressão do Estado e classes dominantes. O sujeito, com uma nova forma de agir, começa a ter consciência de sua própria história e a representar interesses coletivos. Movimenta-se pela defesa dos direitos sociais, por mais investimentos e visibilidade em torno de suas necessidades. O estudo retratou, pela análise de conteúdo das músicas de *rap*, perspectivas mais amplas sobre o sistema prisional, sinalizando a resistência dos reclusos à deterioração carcerária.

A presente pesquisa foi organizada em 8 capítulos. Na *introdução*, realizou-se uma breve revisão de literatura sobre dos fenômenos investigados, tratando dos

objetivos, conceitos, temas, motivações e os percursos teórico-metodológicos empregados para a realização deste estudo.

No *marco contextual*, caracterizou-se a história e as manifestações artísticas que compõem o movimento social e cultural *Hip Hop* no Brasil, bem como, suas formas de protesto à realidade social. Na sequência, explanou-se sobre a situação das instituições penais brasileiras e os aspectos relacionados à saúde do homem em privação de liberdade, especialmente dos *sujeitos periféricos*<sup>1</sup>.

O quarto capítulo trata do *marco conceitual*, nele discorreu-se sobre os modelos conceituais em saúde construídos ao longo dos anos e os aspectos mais relevantes da história da saúde no Brasil, sinalizando as contribuições dos movimentos sociais na implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) e para o nascimento do campo de práticas e saberes da Saúde Coletiva. Ainda, contemplaram-se as linhas abissais, as epistemologias do sul e a descolonização da saúde sob as lentes de Boaventura de Sousa Santos.

O quinto capítulo aborda o *marco teórico-metodológico*, no qual se fundamentou a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici, evidenciando seus conceitos, percursos históricos e benefícios para as pesquisas no campo da Saúde Coletiva. Depois, no sexto capítulo, os *procedimentos metodológicos* foram detalhados, envolvendo: a caracterização da pesquisa; os aspectos éticos; a instituição coparticipante; técnicas de coleta de dados; organização e seleção dos discursos produzidos nas letras de *rap* e entrevistas narrativas. Com base no método de Análise do Discurso, os caminhos para a análise e interpretação dos dados foram apresentados aos leitores em dois momentos.

O sétimo capítulo traz os *resultados*, apresentam-se as análises das letras de *rap*, o diário de campo e as análises das entrevistas narrativas, situadas em Sequências Discursivas (SD). Courtine (2009, p. 55) conceitua as Sequências Discursivas (SD) como "sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase", e ressalta que esta é uma perspectiva aberta, devido à variedade da natureza e da

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Sujeitas e sujeitos periféricos é um conceito desenvolvido a partir da canção do compositor Tita Reis, intitulada de sujeito periférico. Segundo D'Andrea (2013, p. 173): "O sujeito periférico é quem tomou posse de sua condição periférica. Quem descobriu e assumiu essa condição. Quem transformou-se de ser passivo a ser ativo dessa condição. De periférico em si para periférico para si."

forma dos materiais recolhidos, no sentido de que o formato de uma sequência discursiva será diferente a depender dos procedimentos de análises empregados.

Nas considerações finais, a pergunta sobre as representações sociais dos rappers acerca da saúde-doença foi retomada e problematizada. A discussão dos resultados envolveu a articulação entre as representações sociais e os modelos conceituais em saúde, além de pontuar algumas questões sobre o movimento social-cultural *Hip-Hop* em conjunto com o sistema prisional, criminologia, Psicanálise e a estrutura da sociedade brasileira como um todo. Além disto, também figura como resultado desta pesquisa o artigo original intitulado "Representações sociais sobre saúde-doenças de homens *rappers*" disposto na íntegra no Apêndice B.

# **2 OBJETIVOS**

# 2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as Representações Sociais sobre saúde-doença de *Rappers* que vivenciaram a Privação de Liberdade.

# 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar as Representações Sociais de saúde-doença compartilhadas nas letras de músicas escritas por cantores de *rap* que vivenciaram a Privação de Liberdade.

Identificar as Representações Sociais de saúde-doença explanadas nas Entrevistas Narrativas Biográficas de homens *Rappers* que vivenciaram a Privação de Liberdade.

### **3 MARCO CONTEXTUAL**

# 3.1 MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL HIP HOP

Desenhar a pesquisa incorporando o movimento social e cultural *Hip Hop* não foi uma tarefa simples, isto, devido à multiplicidade de campos com que se relaciona. São possíveis enquadramentos teóricos que abordam juventude, gênero, classe social, cultura nacional, cultura negra, dentre outros que estão transversalmente presentes neste trabalho. Antes de contemplar as contribuições do movimento para as pesquisas sociais e da Saúde Coletiva, é preciso contextualizar a história e os elementos que compõem essa cultura de rua.

Bastos (2014) aponta que na segunda metade do século XX, a contracultura, o movimento negro, feminista e da juventude ganharam maior ênfase, alterando as relações entre política e cultura, de modo que o tema da identidade tornou-se, então, central. Percebendo as expressões culturais e artísticas entre afro-americanos, caribenhos e latinos, sujeitos moradores da periferia do *Bronx* em Nova York, o líder da banda *Zulu Nation* (*Afrika Bambaataa*) oficializa o movimento *Hip Hop* e os elementos que o compõem: o DJ (música), o MC (rima e poesia), o *break* (dança) e o grafite (pintura).

O elemento corporal do *Hip-Hop* é interpretado pelos dançarinos de *break*, os movimentos expressam a reação do corpo sendo alvejado por tiros, e simulam as estratégias de ataque e defesa dos soldados americanos durante a guerra do Vietnã. O *DJ* (*Disc-Jockey*) ou discotecário, é o responsável pelas mixagens e pelo controle da mesa de som, podendo estar inserido ou não em algum grupo de *rap*. Já, o quarto elemento, os Mestres de Cerimônias (MCs), são os detentores dos discursos poéticos rimados e improvisados. O *rap* é considerado um "produto musical, resultado da manipulação dos sistemas de som por um DJ e do discurso poético cantado por um MC" (RIGHI, 2011, p. 46).

Com a mesma vertente histórica, a pixação<sup>2</sup> e o grafite são manifestações visuais de rua originalmente vinculadas às práticas de natureza informal e ilegal, compondo grande parte da paisagem das cidades na contemporaneidade. Há diversos livros de arte e exposições temáticas dedicadas ao grafite e, mais

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Pixação é o ato de escrever nos muros, fachadas de edificações ou monumentos, costuma apresentar frases de protesto, assinaturas pessoais ou de gangues.

recentemente, à pixação, consagrando estas expressões como um movimento artístico legítimo. Contudo, convém destacar que o grafite e a pixação continuam ocupando um espaço antagônico, oscilando entre rua e a galeria (e museu), entre vandalismo e arte (LEAL; CAMPOS, 2022).

Os pixadores escalam prédios, pontes e viadutos à noite, deixando suas marcas através de tags (assinaturas) e frases de protesto que expõem as desigualdades sociais dos centros urbanos e bairros.

Leal e Campos (2022) comentam que no contexto brasileiro, o grafite e a pixação tiveram origem nas periferias, são produzidos por sujeitos que podem criar tanto um quanto o outro. As letras dos pixos são determinadas por cada pixador ou grupo de pixadores visando criar uma identidade particular, a compreensão desta tipografia exige uma iniciação que possibilita a sua leitura e apreensão.

O movimento *Hip Hop* transforma as cidades em espaços mais diversificados, os coletivos e sujeitos se apropriam dos territórios e vão lhe atribuindo novas significações pelas intervenções artísticas nas paredes e muros, pela sonoridade dos DJs, MCs e pelo *breakdance*. As batalhas de rimas, poesias e danças, realizados em espaços públicos, são uma forma saudável de os jovens se encontrarem e, através da cultura urbana e da reivindicação do direito à cidade, promovem a integração social (SOUZA; BERNARDES, 2018).

No Brasil, ao longo dos anos 1980, a cultura *Hip Hop* cresceu por meio dos encontros organizados na Estação São Bento do Metrô de São Paulo, chamando a atenção para o *rap* que apresenta relação de intimidade e reciprocidade com o universo prisional, por ser uma música surgida entre a população negra e periférica que outrora foi escravizada. As músicas de *rap* têm na massa carcerária brasileira um público fiel, assim como *rappers* em potencial. A privação de liberdade não impediu que alguns detentos publicassem livros ou que alguns grupos de *rap* não apenas se organizassem dentro da prisão, como conseguissem gravar discos na penitenciária (PONCIO, 2014).

No livro "O grito do Hip Hop", Puntel e Chaguri (2004) afirmam:

Vítimas dos constantes descasos governamentais, aos moradores da periferia resta apenas uma saída: confiar em suas próprias forças, ou seja, buscar dentro deles mesmos, dentro de suas afirmações culturais, a saída para seus gritantes problemas sociais [...]. O movimento Hip Hop procura dar voz e vez à um povo que precisa de emprego, de escola, de hospitais, de moradia; enfim, de políticas públicas que evitem o ingresso dos jovens na

criminalidade. Procura dar voz e vez não à parte do povo que cala, mas é justamente a fala da parte calada do povo (PUNTEL; CHAGURI, 2004, p. 8).

Os *rappers*, com seu estilo próprio, não têm a intenção de suavizar o descaso governamental com as periferias. Provocam a identificação recíproca entre os jovens e disseminam os mecanismos necessários à sua sobrevivência, os quais estão profundamente enraizados na experiência local e, ocorrem em todo seio de contradição à inclusão e cidadania (RIGHI, 2011).

Para Souza (2006), os *rappers* elaboram narrativas com foco na realidade local e no contexto das metrópoles em que vivem, agregando signos de visibilidade, onde a composição estética é uma das marcas da identidade grupal, um sinal de pertencimento, de exposição da diferença e que também estabelece práticas de consumo do grupo. A dimensão estética, da globalização e do consumo para os indivíduos inseridos no *Hip Hop*, e a esfera política dos ativistas do movimento, é abordada pelo autor:

O Movimento *Hip-Hop* surge como uma atitude de contestação e irreverência que cria signos que os diferenciam enquanto coletividade. O Movimento *Hip-Hop* representa um importante espaço de debate das consequências da globalização. Mudaram as relações de trabalho, os ideais utópicos, a aposta no futuro e as consequências são mais contundentes em alguns grupos populacionais, que mesmo participando deste processo, muito pouco possuem de autonomia e poder de decisão sobre suas escolhas (SOUZA, 2006, p. 2).

Gradualmente, a consciência de movimento social de juventude negra amadureceu no Brasil. As lideranças se constituíram, os objetivos foram estabelecidos e uma organização foi concebida. O fato de ser um movimento estruturado e direcionado para solucionar os atravessamentos, as carências e as mediações simbólicas da juventude, faz com que o *Hip Hop* tenha qualidades específicas que o diferencia de outros movimentos sociais (BASTOS, 2014).

O movimento também se distingue de outras organizações sociais promovidas por jovens, por conciliar de maneira articulada o caráter social-político com o cultural e simbólico, remetendo à ancestralidade africana e visando a valorização do povo negro em defesa da "identidade negra" na luta antirracista, movimentando-se e colocando a juventude pobre e negra na agenda política do país (BASTOS, 2014).

Os jovens engajados com o *Hip Hop* compreendem a periferia para além da exclusão social e discriminação (principalmente da parte policial). As relações impessoais são valorizadas na periferia, trata-se de um território identificado como um

lugar de amizades, família e ascensão social. Nesta direção, o *rap* assume a função de proporcionar melhorias de vida nas periferias, transformando momentos de tensão em descontração, lazer, cultura, alegria e arte (SILVA; SOARES, 2004).

Vale destacar que é um equívoco generalizar o *rap*, pois as dissemelhanças entre os *rappers* são consideravelmente significativas. Enquanto alguns valorizam a vida de gângster, enaltecem o consumo de drogas e as práticas misóginas, outros denunciam esse cenário problemático com sons de tiros, helicópteros e ruídos de carros de polícia. O último, é um *rap* que ataca sistematicamente a cultura midiática, conta a violência e a exploração urbana e é perturbador, quando tocado em espaços públicos, anuncia que a sociedade está segregada e repleta de conflitos explosivos (KELLNER, 2001).

Lembrando Rita Segato (2005), sobre território, espaço e lugar, o discernimento de território apresenta um arranjo mais alcançável, dado que a palavra já emerge como uma consoante de representação. É, de certo modo, espaço representado e apropriado, uma assimilação discursiva do lugar. Não é, por exemplo, uma representação científica do espaço como formaliza a física, a geometria ou trigonometria, que cria arquétipos para atribuir uma "forma" ao espaço.

O território reporta a uma apropriação política do espaço, tem relação com sua administração e, portanto, com sua delimitação, classificação, habitação, usos, distribuição, defesa e, muito especialmente, com a identificação. Situando essa questão, detalha-se a visão de Segato (2005):

Não há território sem sujeito de apropriação - sujeito em possessão e em posição; e não há território sem outro. Território é, nessa perspectiva, realidade estruturada pelo campo simbólico e, assim como o espaço é domínio do real, suposto, mas alcançável em si, só acessível nos formatos que a fantasia lhe permite assumir - entendendo como concreções do imaginário espacial de uma época e cultura, as linguagens da arquitetura e do urbanismo, os circuitos recorrentes da transumância individual ou coletiva, e as paisagens a que nos apegamos - o território é a dimensão econômicopolítica desta realidade imaginária, e implica em sua propriedade, administração e estratégias defensivas - campo da fantasia do domínio do sujeito e da ideologia patriótica ou nacionalista de um povo. O lugar e, sobretudo, o lugar de assentamento de um sujeito individual e coletivo, é o suporte onde essas produções espaciais e territoriais se concretizam, onde se erguem suas balizas e, inevitavelmente, onde os limites de um real emanado de materialidade do espaço físico e natural emergem em crises periódicas e imprevisíveis, mostrando a precariedade dos trabalhos da imaginação e o trajeto indeterminável da história (SEGATO, 2005, p.3).

A análise do sistema de significações simbólicas entre os sujeitos ligados à cultura *Hip Hop* é explanada por Martins (2008), que investiga as letras de *rap* e as define como linguagem cultural e consumível, produtora de conexões entre o global e local, representando uma nova forma de identidade exteriorizada através da arte e por suas posições contrárias ao sistema hierárquico de poder. O *rap* nacional, além de contestar a problemática urbana, inspira um novo espaço de reflexão social.

Acredita-se que as letras de *rap* podem ser apreendidas pelas pesquisas do campo da Saúde Coletiva, visando auxiliar na compreensão das representações sociais de saúde-doença difundidas nas comunidades periféricas urbanas do país. A exemplo, em algumas escolas públicas, as músicas de *rap* já são utilizadas nas aulas de história, geografia e sociologia como método para fomentar a troca de saberes e promover uma maior aproximação com a identidade cultural dos alunos.

# 3.2 A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

No Brasil existem vários tipos de unidades prisionais, destinadas a presos em diferentes situações. A Lei de Execução Penal prevê que as penitenciárias devem abrigar os sentenciados a mais de oito anos de reclusão e estes devem cumprir suas penas em regime fechado. Devem ser encaminhados às colônias agrícolas ou industriais, os indivíduos condenados a penas entre quatro e oito anos, que são os presos do regime semiaberto. Já na casa do albergado, devem permanecer os condenados cujas penas máximas não ultrapassem quatro anos, estando esses sujeitos sentenciados em regime aberto (BRASIL, 1984).

Os Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), mesmo que tenham o nome de hospital, não são considerados instituições de saúde pelo SUS, mas como unidades prisionais voltadas à custódia de pessoas com transtorno mental que se encontram em conflito com a lei e incapazes de perceber a ilicitude de suas ações (BRASIL, 2014).

O sistema prisional tem como objetivo ressocializar os infratores das normas estabelecidas pela Constituição Federal. Contudo, basta observar o elevado índice de reincidência para comprovar a ineficácia do papel ressocializador da pena privativa de liberdade. Não se pode imaginar que em ambientes de sofrimento como a prisão, é possível que o indivíduo possa se desenvolver adequadamente e alcançar um caminho longe da violência e da criminalidade (HELING, 2021).

Os direitos das pessoas privadas de liberdade estão previstos em diversos documentos internacionais e nas constituições modernas. Conforme o artigo 38 do Código Penal brasileiro, a população privada de liberdade mantém todos os direitos não envolvidos pela perda da liberdade, impondo-se à todas as autoridades o apreço à sua integridade física e moral. Entre estes, se encontra o direito à vida, que diz respeito à obrigação da administração quanto à assistência material, à saúde, jurídica e religiosa. Independentemente do que os levou para essa situação, o direito de gozar dos mais elevados padrões de assistência à saúde devem ser preservados (SILVA; NAZARIO; LIMA, 2015).

Muito diferente do que prevê a lei, a realidade das instituições penais é caótica, devido às condições de sobrevivência extremamente precárias, a falta de investimentos governamentais em infraestrutura, manutenção e equipes profissionais, dentre outros problemas, que se afastam do necessário para fazer cumprir o papel de reintegração social. Assim, o sistema prisional acaba reproduzindo o contexto de violência e ilegalidade, uma vez que não oferece as condições fundamentais para o cumprimento da pena com dignidade (MIRANDA, 2016).

A insalubridade e superlotação das celas, aliadas à má-alimentação, sedentarismo, uso abusivo de drogas e falta de higiene, tornam as prisões um ambiente favorável à proliferação de epidemias e ao contágio de doenças, fazendo com que o preso, ao cumprir sua pena, saia de lá com o aporte físico e psíquico muito debilitado. Os detentos adquirem inúmeras doenças no interior das prisões, evidências científicas apontam enfermidades do aparelho respiratório (tuberculose e pneumonia), doenças sexualmente transmissíveis, odontológicas, deficiências físicas (paralíticos e semiparalíticos), câncer e hanseníase. Além disso, há um número significativo de presos com transtornos de saúde mental (ASSIS, 2007).

A maioria das unidades prisionais não tem nenhum tipo de cuidado hospitalar: os detentos dependem de escoltas precárias e demoradas da Polícia Militar<sup>3</sup>, para serem levados ao atendimento de saúde e, consequentemente, correm o risco de não haver vaga ou recursos adequados para o cuidado necessário. Grande parte dos profissionais de saúde ainda não tem o devido preparo para lidar com as

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> No Brasil, a Polícia Militar tem encargos de policiamento geral de civis e militares, conhecida como Força Policial, realiza o policiamento ostensivo, preventivo e repressivo imediato e de preservação da ordem pública em todo o território brasileiro.

subjetividades dessa população específica e, assim, o que ocorre é uma dupla penalização do condenado (ASSIS, 2007).

Destaca-se a responsabilidade do Estado na construção de espaços que proporcionem maior apoio as demandas e necessidades de saúde dos reclusos. É urgente que o Estado assuma seu papel para além da lógica punitiva, reconhecendo o princípio da dignidade da pessoa humana e o direito fundamental de cidadania (NOUR et al., 2015).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade (PNAISP), estipula que as equipes de saúde no sistema prisional devem estar direcionadas e capacitadas para oferecer atenção integral à saúde das pessoas privadas de liberdade, primando por ações de promoção à saúde, prevenção de agravos e de recuperação, referenciando as ações de maior complexidade para os demais níveis de atenção da Rede de Atenção à Saúde (BRASIL, 2014).

Para tanto, é preciso repensar as práticas de saúde no interior do sistema prisional, privilegiando a noção de humanização como estratégia transformadora de práticas e de sujeitos, capaz de acolher as pessoas privadas de liberdade com dignidade, respeito e qualidade, no sentido de consolidar o acolhimento em pelo menos três tempos: ao entrar, ao ficar e ao sair da instituição prisional (VERDI; MATIAS; JUNIOR, 2015).

Portanto, o acolhimento é uma diretriz e tecnologia de sustentação para a gestão compartilhada do cuidado em saúde, que permite aos trabalhadores e equipes de saúde coproduzir um cuidado efetivo e humanizado, segundo os princípios do SUS. A política Nacional de Humanização é uma aposta no protagonismo dos sujeitos, na potência do coletivo e nas redes de cuidado compartilhadas (VERDI; MATIAS; JUNIOR, 2015).

As mulheres e os homens são definidos socialmente por papéis construídos historicamente e, no que se refere ao sexo masculino, esse conjunto de comportamentos tem significados em torno de ideias como virilidade, violência e inconsequência. Os padrões de masculinidades causam um distanciamento dos serviços de saúde, situação essa desfavorável aos homens e agravada pela precariedade do sistema prisional. Conhecer o cotidiano de cada preso, suas formas de viver e as peculiaridades de organização da vida social nas penitenciárias,

representa um dos caminhos para refletir qual saúde é possível para essa população (REIS; KIND, 2014).

A partir das ideias de Goffman (1974), a mutilação ou mortificação do *self* é materializada através da ressocialização. O apenado é submetido a um processo radical, no qual é exercido sobre ele um grande controle que, por vezes, implica em desprender-se de seus diversos papéis sociais e individuais, e aprender outros. A utilização de roupas padronizadas ou o corte de cabelo realizado pela equipe dirigente em cada um dos presos, são formas de enquadramento do sujeito ao padrão imposto pela detenção, ignorando a sua autoidentificação anterior. O sistema prisional opera numa destruição do "eu civil" do apenado, homogeneizando os indivíduos por meio do distanciamento das coisas que o tornam singular.

A violência física intramuros vem sendo apresentada na literatura nacional como um dos componentes constitutivos das prisões. Os elementos que estruturam e autentificam o emprego da força física em substituição da punição formal, envolvem tanto a socialização do agente penitenciário no "mundo do crime" quanto o próprio *self* que lhe fora "esculpido" durante a iniciação profissional como operador da lei (SILVA, 2002).

Há uma noção vigente no sistema prisional de "ser sujeito homem" construída através dos signos de "masculinidades", o que remete ao comportamento violento extremado como padrões de conduta, evidenciando que a relação com o outro é mediada, em certos aspectos, pelo uso da força física. O confronto físico constitui-se como um mecanismo habitual no acerto de contas (SILVA, 2002).

Pode-se, lastimavelmente, dizer que as prisões brasileiras ainda sofrem com penas medievais e arbitrárias. Outra prova disso, foi o massacre do Carandiru que resultou na morte de 111 detentos, a maior chacina de presos da história do país, a qual, até hoje, não teve seus responsáveis identificados. A inserção e aceitação no ambiente social ainda não foram alcançados pelos sujeitos condenados que cumpriram e/ou cumprem pena no sistema prisional. O novo caminho e uma nova imagem não é realidade para os rotulados "bandidos sem solução e sem voz". O *rap* utilizado pela população carcerária, muitas vezes, é a única garantia de representação cultural, de reafirmação de sua existência e de recuperação (CORRÊA, 2016).

O documentário de Luciana Burlamaqui: *Entre a luz e a sombra* (2007), mostra a potência do grupo Detentos do *Rap*, criado em 1994, por quatro condenados presos

na Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru. O primeiro álbum do grupo, intitulado "Apologia ao Crime", foi gravado na prisão e vendeu mais de 30 mil cópias. O mesmo ocorreu com o grupo 509-E, enquanto cumpriam pena de 10 anos de reclusão. Os integrantes Dexter e Afro-X se envolviam com a música na penitenciária e, ao passo que se tornaram representantes dos encarcerados do Brasil, foram considerados inimigos pelos policiais, principalmente após a rebelião que resultou no fim do Carandiru. Depois desse episódio, o grupo foi censurado e proibido de fazer shows nas ruas.

As considerações apresentadas até aqui, reafirmam a existência de espaços e situações que não condizem com a organização das sociedades metropolitanas, exprimindo ser possível existir divisões acentuadas em um mesmo Estado-nação, organizadas do "lado de cá" da linha abissal, sendo a prisão um desses lugares "do outro lado da linha", por se configurar um ambiente onde as normas vigentes na sociedade livre não se aplicam (HELING, 2021).

Se na sociedade livre, a dignidade da pessoa humana é considerada o pilar do Estado Democrático de Direito, no ambiente da prisão tal abordagem é desconhecida e frágil, o que temos é o completo menosprezo com os seres humanos que ali se encontram, uma vez que são entendidos como inexistentes. Estes sujeitos não são sequer considerados "outro", pois, neste caso representariam o "lado de cá" da linha, aos marginalizados nem esta posição lhes é assegurada, representando os "ninguéns" da sociedade (HELING, 2021).

Santos (2003) identifica quatro tipos de fascismo social. O primeiro é o "fascismo do *apartheid* social", que consiste na segregação social dos excluídos pela divisão das cidades em zona selvagem e zona civilizada. O Estado atua de forma mais democrática e protetora nas zonas civilizadas, enquanto na zona selvagem se comporta como um predador, punitivo e repressivo.

O "fascismo paraestatal" consiste no abuso das prerrogativas estatais por parte de poderosos atores sociais, que atuam ao lado do Estado e comportam as dimensões do "fascismo-contratual" (a parte mais fraca aceita as condições do mais forte, a exemplo da privatização dos serviços públicos) e do "fascismo-territorial" (Estados pós-coloniais, com novas formas de coronelismo e caciquismo). O terceiro fascismo é o da "insegurança", uma manipulação arbitrária do sentimento de insegurança das pessoas e dos grupos sociais vulnerabilizados. O "fascismo financeiro" é a pior forma,

pois o controle recai sobre os mercados financeiros, ditando as normas dos mercados e dos próprios países (SANTOS, 2003).

O "fascismo da insegurança", ao estimular a falsa crença na sociedade de que há uma descontrolada violência, capaz de ser resolvida somente com leis penais mais severas, exprime um pensamento abissal, exigindo do Estado ações mais punitivas e repressivas que recaem sobre os grupos invisibilizados, reclusos nas zonas selvagens (do outro lado da linha abissal), onde o contrato maior com o Estado não é em zona de bem-estar. Por serem marginalizados, os sujeitos são transfigurados em uma subclasse de excluídos, à qual o Estado direciona a sua espada afiada da "justiça", legitimando a seletividade penal e marcando com sua presença criminalizante a todos os indivíduos que tentam cruzar a abissalidade da linha (FELIX; REIS, 2015).

Ao estudar sobre a temática da justiça social na ótica da privação de liberdade, a extrema seletividade racial e de classe é percebida como o principal recurso adotado pelos homens da lei. É relevante destacar as outras fontes de desigualdades que, segundo Fraser (2006), estruturam-se por meio da distribuição desigual não só de renda, mas, também, de oportunidades de participação paritária, considerando as três dimensões da dominação, que correspondem a distribuição econômica, reconhecimento cultural e legal, além da representação política. A justiça social exige uma "paridade de participação" em múltiplos domínios de interação, envolve desde os mercados de trabalho, as relações sexuais, a vida familiar, as esferas públicas e as associações da sociedade civil.

A globalização neoliberal coincidiu com uma maior transformação na cultura política das sociedades capitalistas, e as reivindicações por justiça foram gradualmente exteriorizadas como reivindicações pelo reconhecimento da identidade e da diferença. Esta mudança colocou em primeiro plano as questões culturais por meio da política de reconhecimento, deixando de lado a ênfase mais importante, que era sobre as políticas de redistribuição, subestimando assim a crítica da economia política. Na prática, ao invés de incluir tanto a redistribuição como o reconhecimento, centralizou-se apenas no culturalismo e o resultado foi a substituição das lutas socioeconômicas pelas lutas por reconhecimento (FRASER, 2006).

Santos (2005) reforça essa argumentação ao dizer que o neoliberalismo enfraqueceu grandemente os mecanismos democráticos de redistribuição social, que envolvem os direitos socioeconômicos e o Estado de providência. Logo, estando

privada do seu potencial redistributivo, a democracia tornou-se completamente compatível e conciliável com o capitalismo vigente.

É necessário dizer que as obras de Nancy Fraser, de modo geral, apresentam uma contraposição à tendência – ainda hoje presente nas produções científicas, acadêmicas e no imaginário social – de tentar encolher o amplo espectro dos conflitos sociais pelas diferentes formas de reivindicação por reconhecimento. Contudo, a autora não propõe a volta da redistribuição enquanto tema central das questões de justiça, mas sim, à luz da integração equilibrada, horizontal e não unifocal de uma compreensão tridimensional de justiça, que envolve: a redistribuição, o reconhecimento e a representação, junto da crítica ao capitalismo.

No Brasil, identifica-se que a implementação de políticas públicas de ações afirmativas apresenta natureza compensatória e redistributiva, voltadas aos presos e egressos do sistema prisional, não apenas porque são presos/egressos do sistema, mas, devido a toda conjuntura social, econômica e psicossocial a que estão inseridos. A população prisional, mesmo após o processo de "reabilitação" e a extinção da punição pelo cumprimento da pena, carrega para sempre os efeitos da desaculturação, da aculturação e dos estigmas da prisão. As ações afirmativas são instrumentos político-sociais imprescindíveis para contornar ou minimizar os malefícios próprios do encarceramento (PRADO; SILVA, 2016).

Os programas de ações afirmativas ainda são insuficientes e restritos as questões de trabalho, adotam a reserva de vagas de emprego, cursos de qualificação e capacitação profissional para os detentos e egressos sem olhar para a relação multifatorial dos comportamentos desviantes. É primordial repensar a política criminal e considerar a individualidade de cada sujeito, assegurando direitos como saúde, moradia e educação para realmente promover com eficiência qualquer política afirmativa direcionada ao público prisional e egresso (PRADO; SILVA, 2016).

Outra questão que merece destaque tem relação com o novo tipo de coronavírus, causador da Covid-19<sup>4</sup>, declarado pela OMS como emergência de saúde pública. No contexto brasileiro, o suposto caráter democrático do vírus é questionado quando se observam os dados de que a população negra e periférica tem maiores índices de letalidade do que o restante da população. Essa desigualdade se revela de

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, potencialmente grave, de alta transmissão e de distribuição global.

forma mais intensa quando se comparam as taxas de contágio dentro e fora do sistema prisional (COSTA et al., 2020).

O monitoramento realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) durante todo o ano de 2020 e no primeiro semestre de 2021, constatou 57.619 casos confirmados de Covid-19 entre presos, significando uma taxa de incidência de 7.642 casos a cada 100 mil presos, ou seja, o número de encarcerados infectados pelo coronavírus foi 3,3% mais alta do que a verificada no país. Já a taxa de mortalidade ficou em 26,7 óbitos para cada 100 mil presos. Mesmo diante da pandemia, os dados do primeiro semestre de 2020 apontam que a superlotação do sistema prisional brasileiro ainda persiste, o total de pessoas privadas de liberdade passou de 755.274, em 2019, para 759.518, são majoritariamente homens, jovens e negros (BARROS, 2021).

### **4 MARCO CONCEITUAL**

# 4.1 MODELOS CONCEITUAIS EM SAÚDE

Na idade da pedra lascada, com a descoberta do fogo e o surgimento de uma linguagem rudimentar, organiza-se a primeira forma de produção coletiva entre os homens primitivos (caçadores itinerantes que viviam em grupos), de modo que o livre acesso à água e a disponibilidade de alimentos estava diretamente relacionado à sobrevivência (FONSECA; CORBO, 2007).

Naquele tempo, as doenças e agravos que não pudessem ser compreendidas por motivos funcionais, oriundas das atividades de caça, tais como: quedas, lesões ou ferimentos, eram interpretadas pela ação de deuses, demônios ou divindades malignas estimuladas por um inimigo. Essa visão de "doença-pecado" e "cura-iluminação", exerce até hoje uma certa influência nas formas de pensar e perceber a saúde e a doença na sociedade (FONSECA; CORBO, 2007).

As concepções mágico-religiosas de saúde e doença foram gradativamente modificadas com a chegada da medicina empírico-racional nos primórdios do Egito. No ocidente, particularmente na Grécia Antiga, o observador Hipócrates (460-370 a.C.), considerado o pai da medicina, desempenhou as primeiras tentativas de explicar as doenças como um fenômeno natural. Ele fundamentou que a saúde era proveniente de um equilíbrio entre quatro fluídos vitais do corpo humano (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra), e o desequilíbrio desses humores corporais causaria o aparecimento de doenças (HEGENBERG, 1998).

A história da produção dos conceitos de saúde e doença é sublinhada por diferentes tentativas de encontrar explicações para o sofrimento humano, que fossem capazes de superar a ideia mágico-religiosa predominante. No final da era clássica, com o surgimento da chamada Medicina Moderna, a doença começa a ser vista como uma questão biológica. Na década de 1970, os primeiros esforços para construir um conceito teórico de saúde estavam ancorados em uma abordagem negativa da noção de saúde. O modelo biomédico definiu o "normal" funcionamento do corpo humano, de modo que qualquer alteração resultava em doenças (ARANTES, *et al.*, 2008).

O homem tem se dedicado incansavelmente em compreender o adoecimento e a morte humana, a fim de tentar evitá-los ou retardá-los pelo maior tempo possível. Não existem limites temporais precisos na história dos conceitos de saúde-doença e

de suas práticas, o que se observa é uma sobreposição de ideias e formas de se lidar com a saúde e a ausência da mesma, enquanto o conhecimento científico foi avançando (CEBALLOS, 2015).

Nesse sentido, o médico e professor Moacyr Scliar (2007) comenta:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças. Aquilo que é considerado doença varia muito (SCLIAR, 2007, p. 30).

Em 1948, com o intuito de contrapor a lógica biomédica, a Organização Mundial da Saúde (OMS) introduziu a concepção biopsicossocial de saúde, definindo que "saúde é o completo estado de bem-estar físico, mental e social". Contudo, ainda que apontado o caráter utópico e inalcançável da expressão "completo estado de bem-estar", o conceito adotado pela OMS colaborou para o desenvolvimento de políticas públicas de saúde mais abrangentes e abriu novos caminhos para se pensar o direito à saúde (CAMPOS et al., 2012).

A forma de organização dos processos de trabalho nos serviços nacionais de saúde, corresponde aos modelos de atenção à saúde definidos em função do pensamento de saúde-doença prevalecente, vigente em determinada época e em determinada sociedade (MENDES, 2010). No bojo dessa discussão, Paim (2003) chama a atenção para dois modelos de saúde que convivem historicamente no Brasil de modo contraditório e/ou complementar: o modelo médico hegemônico e o modelo sanitarista.

O primeiro, também conhecido como médico privatista ou hospitalocêntrico, é voltado para o conhecimento biológico, valorizando a doença, a atenção médica individual e especializada. Essa lógica esteve presente na assistência filantrópica e na medicina liberal, fortaleceu-se com a ampliação da previdência social e consolidou-se através do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS); que tinha a responsabilidade de prestar assistência à saúde dos trabalhadores formais e de seus dependentes. Na época, a assistência pública de saúde estava limitada a poucos, os não previdenciários recebiam atendimento das instituições de caridade, como as Santas Casas de Misericórdia ou utilizavam o setor privado, se tivessem condições de pagar pelos seus serviços (PAIM, 2003).

No que lhe concerne, as campanhas sanitárias representam as primeiras intervenções do Estado sobre a saúde da coletividade brasileira. Diante das epidemias, o Estado desenvolvia ações de vacinação, saneamento básico e prestava atendimento para algumas doenças negligenciadas, como hanseníase, tuberculose e outras, atingindo majoritariamente as camadas mais pobres da população. A saúde pública institucionalizada no início do século XX utilizava métodos repressivos, intervencionistas e verticalizados (SOUZA, 2014).

No final da década de 1970, a ditadura militar mergulha em uma crise políticoideológica e fiscal de suas políticas setoriais, entre as quais a da previdência e da
saúde, provocando um desgaste da legitimidade do Estado perante a sociedade.
Nesse cenário recessivo, emerge o movimento da Reforma Sanitária e outros grupos
organizados que reivindicavam por direitos sociais e representação política. Com o
fim da ditadura militar em 1985, a retomada do Estado Democrático aflora e o
processo de institucionalização do movimento sanitário no interior do aparelho estatal
vai se consolidando como estratégia de legitimação (FALEIROS, 2006).

A 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) de 1986, foi realizada em um contexto de transição democrática que inaugurou a participação da sociedade civil nos processos de formulação, implementação e fiscalização das políticas públicas de saúde no Brasil, formando uma grande arena de debates sobre diferentes temas e definições de saúde (ROSÁRIO; BAPTISTA; MATTA, 2020). Sérgio Arouca, um dos líderes do movimento da Reforma Sanitária e Presidente da Conferência, expressa em seu discurso a ideia de direito à saúde vinculado a um conceito ampliado:

Não é simplesmente não estar doente, é mais: é um bem-estar social, é o direito ao trabalho, a um salário condigno; é o direito a ter água, à vestimenta, à educação, e, até, a informações sobre como se pode dominar este mundo e transformá-lo. É ter direito a um meio ambiente que não seja agressivo, mas, que pelo contrário, permita a existência de uma vida digna e decente; a um sistema político que respeite a livre opinião, a livre possibilidade de organização e de autodeterminação de um povo. É não estar todo o tempo submetido ao medo da violência, tanto daquela violência resultante da miséria, que é o roubo, o ataque, como da violência de um governo contra o seu próprio povo, para que sejam mantidos interesses que não sejam os do povo [...]. Conviver sem medo é conviver com a possibilidade de autodeterminação individual, de liberdade de organização, de autodeterminação dos povos e, simultaneamente, com a possibilidade de viver [...] pelo amanhã (AROUCA, 1986, p.36).

O relatório final da 8ª CNS apresenta importantes entendimentos de que as mudanças necessárias ao setor saúdem extrapolam os alcances de uma reforma

administrativa e financeira, conduzindo a ampliação do conceito de saúde e de sua correspondente ação institucional:

Em seu sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (BRASIL, 1986, p.4).

Trata-se de uma definição de saúde que teve suas raízes nos anos 1970, em um contexto marcado pela ditadura militar (1964-1985). Nesse mesmo período, vinculado à luta pela democracia e ao movimento da Reforma Sanitária, nasce a Saúde Coletiva, estruturada inicialmente por três áreas e formações disciplinares: das ciências sociais, da epidemiologia, e da administração e planejamento. Inúmeros foram os temas considerados emergentes naquele cenário histórico e social, mas somente em 1980, que as discussões sobre violência, exclusão e discriminação de determinados grupos sociais apareceu no campo da Saúde Coletiva (MARSIGLIA, 2013).

A Saúde Coletiva foi construída através da crítica à Medicina Preventiva, à Medicina Comunitária, à Medicina da Família, além de ser fecundada pela Medicina Social do século XIX e pela Saúde Pública institucionalizada (PAIM, 2007). Define-se, então, a Saúde Coletiva como uma área do saber que tem como objeto as necessidades sociais de saúde (e não somente as doenças, os agravos ou os riscos), compreendendo a situação de saúde como um processo social (o processo saúdedoença) relacionado à estrutura da sociedade e concebendo as ações de atenção à saúde como práticas simultaneamente técnicas e sociais (SOUZA, 2014).

As recomendações da 8ª CNS serviram de alicerce para a elaboração do capítulo sobre Saúde na Constituição Federal de 1988, bem como para a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), implementado com base nas diretrizes de descentralização, atendimento integral e participação popular, chamada também de "participação comunitária" no controle social dos processos de deliberação, fiscalização e execução de políticas econômicas e sociais voltadas à redução de riscos de doenças e de outros agravos (BRASIL, 1988).

Apesar da Constituição e as leis determinarem o SUS como público e universal, o setor privado recebe grandes incentivos governamentais, apontando para a existência de um sistema de saúde híbrido e altamente segmentado, com graves

problemas crônicos de subfinanciamento. Contraditoriamente, o Estado financia o setor privado, incluindo planos de saúde subsidiados de servidores públicos e profissionais do SUS. A universalização da saúde pública brasileira carece da força social e política do movimento sindical, cujas demandas têm se voltado ao setor privado. Somente juntos, os movimentos sindicais, sanitário e outros poderão avançar na direção da universalização do SUS público beveridgeano constitucional (TESSER; SERAPIONI, 2021).

Cabe lembrar que no artigo 196, a Constituição reconhece a saúde como "direito de todos e dever do Estado", que deve ser garantido por meio de políticas que "assegurem acesso universal e igualitário", para a "promoção, proteção e recuperação" (BRASIL, 1988). Essa definição considera o conceito ampliado de saúde desenvolvido na 8ª CNS e contempla os determinantes sociais da saúde (DSS), que passam a ter maior visibilidade pela lei Orgânica da Saúde nº 8.080, elaborada em 19 de setembro de 1990 para regulamentar o SUS, afirmando que:

Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do País, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990, Art. 3).

No conceito ampliado de saúde, as condições de vida e trabalho das populações estão profundamente relacionadas com sua situação de saúde. Nesse sentido, a conjuntura de saúde de um país não pode ser explicada através de sua riqueza total, mas pela maneira como ela se distribui. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), criada em março de 2006, os DSS são "os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população" (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 78).

O combate às iniquidades sociais de saúde se dá através de ações sobre os DSS, reforçando o processo da Reforma Sanitária brasileira e contribuindo para fomentar uma ampla tomada de consciência da nossa sociedade sobre as graves iniquidades sociais de saúde, que ainda resistem e que somente poderão ser combatidas com práticas sociais amparadas no conhecimento científico e numa ampla base de sustentação política (CNDSS, 2008).

A dinâmica das iniquidades sociais na área da saúde é traçada a partir do conceito ampliado de saúde e da compreensão dos DSS, conforme o modelo de determinação social da saúde adotado pela CNDSS, proposto por Dahlgren e Whitehead, que insere os DSS dispostos em diferentes camadas, desde uma camada mais próxima dos determinantes individuais até uma camada mais distante, onde se situam os macrodeterminantes sociais da saúde (CNDSS, 2008).

Os indivíduos estão na base do modelo, com suas características individuais de idade, sexo e fatores genéticos. Na camada imediatamente externa aparecem os comportamentos e estilos de vida dos sujeitos. A camada seguinte marca a influência das redes comunitárias e de apoio. No próximo nível estão representados os fatores relacionados as condições de vida e trabalho, disponibilidade de alimentos e acesso a serviços essenciais, como saúde e educação. Por fim, no último nível, estão os macrodeterminantes (condições socioeconômicas, culturais, ambientais gerais e o processo de globalização), que possuem enorme influência sobre as demais camadas ou níveis (CNDSS, 2008; DAHLGREN; WHITEHEAD, 1991).

Vale ressaltar que há uma discussão em relação às diferenças entre os termos "Determinantes sociais da Saúde" (DSS) e "Determinação Social dos Processos de Saúde-Doença" (DS), expressa na declaração alternativa emitida pela Associação Latino-Americana de Medicina Social (Alames) e pelo Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (Cebes), que divide opiniões principalmente na América-Latina (BORDE; ÁLVAREZ; PORTO, 2015).

Apesar do consenso sobre a importância de abordar os impactos da dimensão social na saúde e das iniquidades em saúde como desigualdades sistemáticas, evitáveis, injustas e desnecessárias, existem diferenças consideráveis na interpretação dos processos sociais que engrenam essas dinâmicas sistemáticas, evitáveis e injustas. O modelo de determinantes adotado pela Comissão dos Determinantes Sociais da Saúde (CDSS) da OMS, desconsidera a complexidade, historicidade, multidimensionalidade e a natureza social do processo saúde-doença. As desigualdades em educação, ocupação e renda, geradas pelo mercado e pela globalização, surgem de maneira abstrata na perspectiva da CDSS, sobretudo no que se refere ao sistema de acumulação de capital (BORDE; ÁLVAREZ; PORTO, 2015).

A respeito do assunto, Breilh (2015) comenta que uma epidemiologia convencional, alicerçada pela teoria dos fatores de risco, mesmo que incrementada

com boas intenções, termina encobrindo os profundos e reais motivos pelos quais temos ou não problemas de saúde. A ideia de causalidade presente na perspectiva da CDSS, que impera na epidemiologia convencional, desconsidera a estrutura socioeconômica, política e os grandes condicionamentos culturais, gerando diagnósticos de saúde que evidenciam apenas os fenômenos em torno da doença, validando e justificando práticas de saúde monopolistas, funcionalistas, fragmentadas e reducionistas.

Para Laurell (1982), a noção de natureza da doença, como parte do processo biológico global, expressa as limitações dos modelos causais que ficam subjacentes ao pensamento médico hegemônico, colocando a necessidade de buscar novas compreensões para o problema causalidade. É necessário, portanto, elucidar como os fatores biológicos estão articulados no processo social, uma vez que por processo saúde-doença da coletividade se considera:

o modo específico pelo qual ocorre no grupo o processo biológico de desgaste e reprodução, destacando como momentos particulares a presença de um funcionamento biológico diferente como consequência para o desenvolvimento regular das atividades cotidianas, isto é, o surgimento da doença (LAURELL, 1982, p. 11).

O processo saúde-doença é determinado pela forma como o homem se apropria da natureza em um dado momento, apropriação que se concretiza por meio do processo de trabalho organizado em determinado desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção (LAURELL, 1982).

As desigualdades em saúde são injustas, sobretudo quando envolvem situações que estão fora do controle dos indivíduos e limitam o exercício da 'liberdade individual', reconhecendo que o grau de escolha de estilos de vida varia de acordo com a posição socioeconômica, entendida como produto da interação entre o nível de educação, o tipo de ocupação, a renda, o gênero, a classe social, a etnia/exposição ao racismo, a falta de acesso a serviços básicos, entre outros (BORDE; ÁLVAREZ; PORTO, 2015).

A inexistência ou mesmo a ineficácia das políticas públicas de saúde, educação, moradia, cultura, dentre outras, quando associada aos altos índices de desemprego, transformam a periferia em um espaço permeado pela pobreza e exclusão social, propício para a difusão da violência e do tráfico de drogas. Por isso,

reitera-se a urgência, já sinalizada por outras pesquisas, de expandir as forças de trabalho em saúde nesses territórios (SILVA; SOARES, 2004).

A problematização da violência atravessa questões a respeito da construção social, cultural e histórica da produção de masculinidades, visto que as causas externas, dentre elas os homicídios, são as principais responsáveis pelo adoecimento e pela morte da população masculina, sendo este um aspecto pouco explorado na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), criada em 2009, que tomou como objeto central o câncer de próstata. Logo, pensar e debater sobre os determinantes sociais da saúde dos homens é um movimento importante e necessário, particularmente no que tange à saúde destes no sistema prisional (SANTOS; NARDI, 2014).

Para Campos (2002), colaborar para um modelo de atenção à saúde que aprecie em suas práticas os aspectos culturais na produção do cuidado é compreender que a cultura está indissociável das pessoas, produzindo valores, normas e crenças que orientam as relações humanas e seus modos de ser no mundo. Outra questão importante que devemos considerar quando pensamos em saúde e cultura, é que também somos fruto dessa cultura preventiva, clínica e médica. Contudo, podemos e devemos modificá-la, aliando o saber técnico, que valoriza a sobrevivência, com o interesse e o desejo das pessoas atendidas.

Considerando esse contexto, desenhar uma rede comunitária de cuidados com práticas voltadas para a promoção da saúde e construídas coletivamente, por meio da cooperação intersetorial, da participação dos usuários, do trabalho em equipe multiprofissional e interdisciplinar, integrando as políticas públicas de saúde com outras áreas de governo, atores sociais e setores como educação, cultura, lazer e outros, ainda representa um enorme desafio para o SUS (BRASIL, 2018).

É por esse e tantos outros motivos que o debate sobre a necessidade de inovações nos cuidados em saúde torna-se cada vez mais presente. Os movimentos sociais podem ser aliados importantes na implementação de novos modos de cuidar e promover saúde.

Toledo e Sabroza (2013) indicam que grande parte dos movimentos sociais de periferias apresentam inúmeras formas de organização e de luta: expressando resistência à opressão e à exclusão social; integrando as comunidades; compondo redes solidárias de cuidado, entidades e fóruns para debater e apontar os principais

problemas das desigualdades e injustiças sociais; propondo alternativas para superálas e trabalhando em prol de uma sociedade mais justa para todos, onde a cidadania, a ética e a igualdade social sejam prioridades.

Com base nesse entendimento, o sociólogo Cássio Maffioletti (2013) realizou uma pesquisa etnográfica sobre os processos de engajamento e participação política de jovens militantes do movimento *Hip Hop*. Acompanhando o *rapper* White Jay no seu dia a dia, observou-se que eram frequentes as queixas de dores nas costas acompanhadas de sua indignação com o sistema público de saúde brasileiro. White Jay, como usuário do SUS, relata aguardar na calçada das 8h às 14h para ser atendido, manifestando a sua insatisfação com as condições precárias às quais era submetido.

O integrante do movimento social *Hip Hop* de Porto Alegre, o *rapper* Oxi, comenta em uma entrevista que não é somente pela mão da polícia ou do traficante que os seus *manos*<sup>5</sup> morrem; também é devido às más condições de vida e saúde, a começar na infância e adolescência, a partir da ausência de dispositivo público para lazer e práticas esportivas, até as condições precárias do SUS para o tratamento adequado de doenças (MAFFIOLETTI, 2013).

O cuidado em saúde é uma teia construída nos contextos macro, meso e microssocial. Os profissionais engajados com a promoção da saúde estão em constante aprendizado e precisam desenvolver a habilidade de olhar integralmente para as relações humanas e suas condutas, que variam conforme a cultura, identidade étnico-racial, classe social, religião, cenário político, dentre outros. É preciso localizar o objeto e o sujeito, adentrar nos espaços sociais, observar a realidade local e aprender como funcionam os saberes presentes no território de atuação, seus modos de ser, agir e lidar com as enfermidades. Essas questões ficam mais palpáveis quando agregamos a Teoria das Representações Sociais (TRS), pois ela auxilia no entendimento dos elos referentes ao conhecimento médico-científico e os valores tradicionais socialmente compartilhados (FERREIRA, 2016).

Nesse sentido, é importante compreender que as lutas de diferentes povos, comunidades e movimentos sociais que sofrem com a injustiça social, opressão, exclusão abissal e destruição ecológica, causadas pelo capitalismo, colonialismo e

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Mano é uma gíria que designa um tratamento entre irmãos, amigos e familiares.

pelo patriarcado, necessitam, além do acesso aos conhecimentos, meios e práticas da biomedicina, do reconhecimento de uma diversidade de saberes, experiências e práticas de cura e cuidado existentes no mundo, o que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos chamou de Epistemologias do Sul (NUNES; LOUVISON, 2020).

As Epistemologias do Sul dizem respeito ao empenho mútuo de contrapor as Epistemologias do Norte e validar os conhecimentos construídos por sujeitos subalternizados, invisibilizados ou mesmo silenciados pelo pensamento eurocêntrico, isto é, o Norte global. Essa proposta visa romper com as monoculturas do saber, consiste na promoção de uma ecologia de saberes alicerçada tanto na Sociologia das Ausências como na Sociologia das Emergências (SANTOS; MENESES, 2013).

Mello e Gonçalves (2010) refletem sobre a construção social da diferença e como as características que nos definem enquanto pessoas no mundo social criam diversas desigualdades e injustiças. A interação entre diversas formas de diferenças e desigualdades, que atingem, por exemplo, homens-negros-egressos-pobres, evidencia a questão da interseccionalidade:

Referimo-nos aos eixos dos sistemas de gênero, da "raça", da etnia, da sexualidade, da idade/geração, da localidade geográfica, da classe, do estado civil ou conjugal, dentre muitos outros. Para compreender como se constroem os percursos e os cruzamentos da construção identitária interseccionada, pode ser estimulante pensar sobre a diferença e sua expressão social mais perversa, a desigualdade, presente em todos os âmbitos da vida social e em especial no acesso aos serviços de saúde. (MELLO; GONÇALVES, 2010, p. 164).

De modo semelhante, a sociologia das ausências é a investigação das diferentes exclusões abissais "de certos grupos de pessoas e formas de vida social como não existentes, invisíveis, radicalmente inferiores ou perigosos, em suma, como descartáveis ou ameaçantes" (SANTOS, 2018, p. 320). Para o autor, as monoculturas do saber produzem ausências em massa de grupos sociais e de formas de vida nas sociedades modernas, que são classificados em diferentes níveis de intensidade como ignorantes, primitivos, inferiores e improdutivos, de forma que o nível mais alto produz as exclusões abissais, as ausências.

Já a sociologia das emergências concentra-se na valorização simbólica, analítica e política das diferentes maneiras de ser e de saber, que estão presentes do outro lado da linha abissal, através da sociologia das ausências. Enfatiza os aspectos positivos dessas exclusões, uma vez que percebe e valoriza a passagem das pessoas

da vitimização à resistência contra a dominação. A sociologia das emergências se preocupa em chamar a atenção para "as novas potencialidades e possibilidades para a transformação social anticapitalista, anticolonialista e antipatriarcalismo, que emergem num vasto campo de experiências sociais que foram descartadas previamente e agora recuperadas" (SANTOS, 2018, p. 324).

Nesse contexto, ao redirecionar a discussão para a saúde das populações, o caminho rumo à descolonização da saúde requer o desenvolvimento de uma ecologia de cuidados a ser protagonizada pela Saúde Coletiva e outras experiências de organização e luta, como pelo direito à saúde dos povos indígenas, quilombolas, moradores de áreas periféricas urbanas, populações do campo e suas iniciativas de educação popular em saúde, incluindo os diálogos com as práticas integrativas e complementares ou ainda, as propostas de vigilância popular em saúde, entre outros exemplos que legitimam a Saúde Coletiva enquanto campo de saberes e de práticas (NUNES; LOUVISON, 2020).

# **5 MARCO TEÓRICO METODOLÓGICO**

Importa aqui, reforçar o marco teórico empregado, que serviu de alicerce para a execução desta pesquisa. Tratou-se da Teoria das Representações Sociais (TRS), graças à sua abrangência e dinamicidade, uma vez que a investigação foi embasada na colaboração de sujeitos<sup>6</sup> representativos, que extrapolaram suas histórias de vida compondo músicas de *rap*<sup>7</sup>.

# 5.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os desdobramentos do presente estudo têm como referência a TRS, publicada na França em 1961 e desenvolvida por Serge Moscovici. O psicólogo social era um observador das distintas camadas daquela sociedade e das representações do senso comum atribuídas à Psicanálise. Ele considerava as representações sociais como processos dinâmicos, individuais e, simultaneamente, repletas de interações grupais. O indivíduo<sup>8</sup>, ao expressar suas ideias, opiniões ou conceitos, produz conhecimentos, propagados socialmente através do comportamento simbólico, um atributo intrínseco da pessoa humana, cujo valor é internalizado pela capacidade de formar associações de ideias (YAEGASH *et al.*, 2019).

De acordo com Oliveira (2004), Moscovici compôs consideráveis obras para a história, psicologia e ciências sociais. Há mais de quatro décadas vem influenciando incontáveis pesquisadores, inclusive os brasileiros. O seu terceiro livro, "Representações sociais: investigação em psicologia social", contém ideias sobre a organização social da produção de conhecimentos e apresenta análises acerca das representações sociais, incluindo a definição de sociedade.

O autor também expressa a sua constante preocupação de como são desenvolvidos os conhecimentos e seus impactos sociais, procurando entender como o tripé grupos-atos-ideias se formam e mudam a sociedade. Na sequência, ele aprimora o pensamento primitivo, o senso comum e a ciência, expressando que os processos mentais e sociais não são realidades, mas uma forma de representação

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Conforme Furlan (2017, p. 1039): "A ideia de sujeito enquanto polo ativo do indivíduo em suas diferentes possibilidades de configuração de mundo, nas suas relações com os outros e as coisas".

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Rap é um estilo musical que representa um dos quatro elementos da cultura Hip Hop.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Norbert Elias (1994), define que cada indivíduo possui sua identidade "eu" e sua identidade "nós", em algumas sociedades e dependendo da época, uma prevalece mais que a outra.

delas. Os indivíduos e as coletividades se movem a partir das representações sociais e não necessariamente em função das realidades (OLIVEIRA, 2004; MOSCOVICI, 2007).

A TRS dispõe de um conjunto de fundamentos teórico-metodológicos de grande valia para o estudo da conformação do imaginário social sobre os pensamentos, as relações e atitudes de pessoas e grupos, abrindo caminhos para a compreensão de diferentes realidades sociais. Existe um consenso na comunidade científica de que as representações sociais são "uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (JODELET, 1989, p. 36).

Do ponto de vista de Moscovici (2007), verifica-se um entrelaçamento de vários conceitos sociológicos com uma série de conceitos psicológicos, rejeitados por correntes da psicologia por muito tempo, devido ao receio de abalar o *status* científico da área, colaborando para gerar uma crise presente até hoje na psicologia social. É pertinente observar como o teórico descreve essa relação:

Para dizer a verdade, a hostilidade da parte dos psicólogos ao "sociologismo" foi tanta quanto a dos sociólogos ao "psicologismo". Ao dizer que a psicologia social, como uma categoria mista, representa uma forma de poluição, ficamos apenas nas palavras, enquanto nós não compreendermos por que o social e o psicológico são considerados como categorias exclusivas (MOSCOVICI, 2007, p. 12).

Moscovici (2007) buscou estabelecer uma ciência "hibrida" recolocando o conceito de representação enquanto objeto central da psicologia social do conhecimento, e empregou o termo "social" em sua teoria para estudar tanto a cultura como a mente do indivíduo, afirmando que as relações entre sociedade e cultura são interdependentes, contraditórias e não inertes como alegava Durkheim<sup>9</sup>, conhecido por defender a divisão radical dos termos "individual" e "coletivo", de modo que a psicologia deve se ocupar do estudo das representações individuais e a sociologia com seu objeto de estudo, nas representações coletivas (SANTOS, 2010).

O estudo das representações sociais é algo contemporâneo, mas com antecedentes nos teóricos Durkheim e Lévy-Bruhl<sup>10</sup>, inspiradores da perspectiva

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> David Émile Durkheim foi um sociólogo e historiador das religiões, francês, que formulou as regras do método sociológico e transformou a sociologia em uma ciência autônoma.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Lucien Lévy-Bruhl foi um sociólogo e filósofo francês, que afirmava que a moral era determinada pelo tempo histórico e pelos grupos sociais.

teórica de Piaget<sup>11</sup> e Vygotsky<sup>12</sup> que, a propósito, desenvolveram consideráveis pesquisas sobre os aspectos cognitivos das crianças, contemplando como elas alcançam a compreensão, buscando conhecer como se aprendem "as coisas". Além disso, contribuíram para dar origem às pesquisas em psicologia social (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2014).

Para Rosas (2017), a racionalidade humana, por vezes, provocou lacunas nas pesquisas de cunho social e cultural. Por outro lado, oportunizou às representações sociais reconduzir o setor científico para a compreensão de que a racionalidade advém do social, no sentido de que o "eu" racional brota do "nós", sendo um equívoco pensar o indivíduo desagregado de suas crenças. A sociedade é arquitetada por múltiplos fatores que contaminam a racionalidade humana. Na mesma direção, Moscovici (2007) enfatiza:

É óbvio que o conceito de representações sociais chegou até nós vindo de Durkheim. Mas nós temos uma visão diferente dele [...] a psicologia social deve considerá-lo de um ângulo diferente — de como o faz a sociologia. A sociologia [...] viu as representações sociais como artifícios, irredutíveis a qualquer análise posterior. Sua função teórica era semelhante à do átomo na mecânica tradicional, considerados como existentes, mas ninguém se importava sobre o que faziam ou como se pareciam. [...] as representações sociais existiam nas sociedades, mas ninguém se importava com sua estrutura ou com sua dinâmica interna. A psicologia social, contudo, estaria e deveria estar preocupada somente com a estrutura e a dinâmica das representações (MOSCOVICI, 2007, p. 45).

As representações individuais e coletivas podem resguardar um sentido geral que ultrapassa a sociedade que as viu nascer, mesmo que sejam sociais e historicamente localizáveis. Este sentido recebe o nome conceitual de *themata*, tratase de um desdobramento teórico-epistemológico do conceito de representações sociais que situa os temas antigos, os *thematas* (OLIVEIRA, 2004).

No interior das representações sociais existem temas que perduram como "imagens-conceitos", equiparando-se a noções primitivas profundamente ancoradas na memória da coletividade. Nossos discursos, crenças e representações decorrem de muitos outros discursos e representações, elaboradas antes de nós e derivadas delas. Falta-nos a capacidade de dominar por inteiro as origens das concepções no

-

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Jean William Fritz Piaget, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX, foi um biólogo, epistemólogo e psicólogo suíço.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Lev Semionovitch Vygotsky, proponente da psicologia cultural-histórica, foi um psicólogo bielorusso que introduziu o conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

longo espaço de tempo, a análise das representações não pode fazer mais do que procurar identificar o que funciona como "primeiros princípios" e "ideias propulsoras", esforçando-se para mostrar a "consciência" empírica e metodológica dessas "noções primárias". Os temas conceituais podem, então, ser apreendidos como "ideias-fontes" (MOSCOVICI, 2007, p. 238-239).

A representação é social, uma vez que é criada de forma coletiva pelas interações comunicativas de um grupo social, que reflete a situação desse grupo, seus projetos, conflitos e suas relações com outros grupos. Existem duas dimensões que fazem com que as representações se tornem sociais: a dimensão de contexto e a dimensão de pertencimento. A representação é uma forma de discurso decorrente da prática de sujeitos sociais historicamente situados em determinado contexto (MENEZES; BRAGA, 2013 apud SÁ, 2008).

Para identificar e compreender o caráter socio-genético das representações sociais produzidas e compartilhadas por membros de grupos sociais, o psicólogo social Wagner Wolfgang propôs cinco critérios: consenso funcional, relevância, prática, holomorfose e filiação. Apesar de não terem sido amplamente discutidos e divulgados na comunidade acadêmica, trata-se de atributos pertinentes que, se apreciados, podem garantir maior transparência, validade e especificidade aos estudos de representação social (WACHELKE; CAMARGO, 2007). Por esse motivo, cabe detalhá-los:

Essas representações precisam ser mantidas por consenso funcional, elas se referem a um fenômeno relevante para o grupo, elas mudam a rotina diária dos membros do grupo – pelo menos em nível de argumentos e avaliações nas conversações – elas são holomórficas no sentido de conterem metainformação sobre o comportamento de outros e sobre seus limites sociais de validade, e, finalmente, elas se referem a grupos mais claramente delimitados (WAGNER, 1998, p. 20).

É preciso ter em mente que nem todos os critérios apresentados estão imperiosamente presentes em todas as representações, uma vez que existem diferenças estruturais e funcionais em representações de diferentes tipos, como nas representações que possuem objetos culturalmente construídos, voltados para as condições e eventos sociais contemporâneos e representações de ideias científicas socializadas (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Jodelet (2006) menciona que estudar adequadamente as representações sociais implica em articular os elementos afetivos, mentais e sociais, incorporando-os

à linguagem, cognição e comunicação. Deve-se considerar o funcionamento cognitivo e o aparelho psíquico, assim como o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, uma vez que afetam a gênese, a estrutura e a evolução das representações, e são igualmente afetados por sua intervenção.

As representações sociais auxiliam na construção da realidade e podem ser entendidas como uma unidade do que os indivíduos pensam sobre as coisas 'reais e imaginárias' e do modo como fazem. Agindo no sistema de representação, os integrantes de um grupo criam o objeto representado, dando-lhe significado e materialidade. A interação entre as pessoas expõe e confirma suas crenças, as quais podem ser duradouras, conexas à tradição e partilhadas consensualmente em um grupo, indicando uma representação hegemônica. Portanto, mais que uma imagem estética de um objeto no pensamento grupal, a representação é uma teoria do conhecimento representado e da construção do mundo (WAGNER, 1998).

Bertoni e Galinkin (2017) sustentam que as representações sociais comportam a esfera do senso comum e devem ser analisadas como ciência – tudo o que observamos no mundo são consequências dos estímulos ambientais atribuídos pelos encontros com os outros e dos conhecimentos que circulam no cotidiano social. A racionalização existe da necessidade que o homem tem em nomear e concretizar o que ainda não é familiar.

Moscovici (2007) empregou dois processos para explicar os mecanismos das representações sociais: a ancoragem e a objetivação. O primeiro processo está relacionado ao que acondicionamos em nossa memória, contribuindo para conhecermos algo novo, mas que não nos é familiar. O segundo, a objetivação, relaciona-se ao curso de materialização do referido objeto de conhecimento, o que nos era estranho foi ancorado em algo equivalente, permitindo armazenar em nossa coletânea mental de forma familiar, para ser explicado, compreendido e aplicado facilmente.

Admitindo que vivemos em uma sociedade composta por sujeitos pensantes, dinâmicos em seus processos construtivos e comunicativos de representações, Moscovici apresenta dois universos distintos: o consensual e o reificado. O primeiro coloca a sociedade como uma criação visível, carregada de sentido e intenção, onde

a destreza do diálogo serve como arquétipo<sup>13</sup>. Na reificação, o nível de atuação se dá pelo grau de qualificação em uma sociedade organizada por distintos papéis e camadas sociais, onde os seus componentes não se encontram em igualdade para retratá-la e proferir em seu nome. Assim, as representações sociais conduzem a um universo consensual e a ciência equivale ao modo de conhecimento do universo reificado (NUNES, 2005).

O universo consensual "são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito [...]. Os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação aos prévios encontros e paradigmas." (MOSCOVICI, 2007, p. 55). Esses dois universos de conhecimento não estão separadamente constituídos. Mesmo que distintos, a ciência e o senso comum são complementares.

A TRS visa estudar o senso comum de forma científica, parte da noção que o conhecimento do senso comum não é uma versão primitiva e falha do saber científico, entendendo que o sujeito extrai categorias de pensamento que estão conectadas à realidade social dos grupos. A representação é apenas uma das formas de construção do senso comum, com ideologias, atitudes, associações, imagens sociais e outros. Trata-se de uma construção coletiva em que as estruturas de conhecimento do grupo recriam o objeto com base em representações já existentes, substituindo-o (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Para Jovchelovitch (2000), as representações sociais são encontradas nas reuniões públicas, nos cafés, nas ruas, nos meios de comunicação e nas instituições sociais, enfim, nos espaços onde os sujeitos se reúnem para falar e dar sentido à vida. Atualmente, os meios de comunicação de massa são os principais mediadores das representações sociais, oferecem ao indivíduo um ponto de vista que não poderia ser incorporado nos limites de sua vivência pessoal imediata. A mídia conecta vidas ao construir uma sequência de códigos compartilhados e reconhecidos, constituindo importantes fontes de representação social.

No contexto da comunicação e saúde, essa realidade não é diferente. Muito do que circula na mídia sobre o SUS, é fruto das representações que cada um e todos têm deste mesmo sistema. Os estudos das representações sociais em saúde têm

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Arquétipo é um conceito da psicologia muito utilizado para representar padrões de comportamento associados à um personagem ou papel social.

privilegiado investigações a respeito das representações de usuários e profissionais de saúde sobre o SUS. Apesar dos entraves presentes no sistema, as pesquisas apontam que existe uma valorização do SUS por parte dos usuários, o que é um resultado surpreendente tendo em consideração as posições da mídia atual, que procura depreciar o sistema de saúde brasileiro (MENEZES; BRAGA, 2013).

A TRS vem construindo, desde os anos 1990, uma enfermagem brasileira com vistas à compreensão dos objetos afeitos à saúde e ao cuidado, de si e de outros, em diferentes campos de práticas e cenários de atuação. A fundamentação teóricametodológica da TRS atendeu às expectativas e despertou nas pesquisas de enfermagem afinidades relevantes, uma vez que a teoria não hierarquiza os tipos de conhecimento – ciência, senso comum, crenças e mitos – respeita as diversidades e procura interpretar os múltiplos fios que compõem a rede formativa das representações e das práticas sociais, essenciais para compreender o cuidado em saúde (FERREIRA, 2016).

Quando procuramos compreender as noções de saúde, doença e cuidado de um grupo social, bem como os hábitos que determinam e caracterizam o que consideramos como "indivíduo saudável", evocamos as representações sociais dos membros do grupo, pois as perspectivas em torno da saúde e da doença são formadas por elementos que estão profundamente enraizados na sociedade.

O emprego das representações sociais no campo da Saúde Coletiva, é um recurso pertinente para provocar novos conceitos e práticas de cuidado em saúde, estimula a construção de representações sobre o que os grupos identificam como "necessidades humanas", "necessidades de saúde" e, principalmente, das formas de ressignificação dessas necessidades (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2014).

A TRS emergiu como uma alternativa para esta pesquisa, que buscou o entendimento da realidade vivida em seu contexto social e histórico. A partir da compreensão desse conceito, é que se trabalhou as representações sobre saúdedoença dos *rappers*<sup>14</sup> que também são egressos do sistema prisional.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Rappers são os cantores e/ou compositores de *rap*, elemento importante da cultura *Hip Hop*.

### 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

# 6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A escolha de um método de pesquisa extrapola a tarefa de executar o programado e os caminhos traçados para a sua consolidação. No entender de Goldenberg (2004), pesquisar demanda criatividade, organização, disciplina e modéstia, não se reduzindo a procedimentos metodológicos com início, meio e fim previsíveis e totalmente controláveis.

Para a realização deste estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa de cunho exploratório. Num primeiro momento, fez-se um criterioso levantamento bibliográfico na literatura científica existente, com base nos principais temas e metodologia em questão. Além disso, diferentes instrumentos foram adotados para a coleta dos dados, sendo: a pesquisa documental do gênero discursivo (letra de música), a entrevista narrativa biográfica, a observação participante e o diário de campo.

Quanto à perspectiva documental, para Gil (2008, p. 51): "vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados conforme os objetivos da pesquisa". Como, por exemplo, as fontes de documentos que podem ser de origem pessoal, entre elas: cartas, memórias, autobiografias etc. Assim como as de comunicação em massa, para informar as interpretações da vida cultural de um determinado grupo, sendo de grande importância na pesquisa social, pois viabilizam uma maior compreensão do problema e podem complementar dados advindos de outros procedimentos (GIL, 2008).

O estudo qualitativo exprime atributos próprios e parte das concepções desenvolvidas socialmente, provenientes das realidades em estudo. Possui interesse sobre as perspectivas dos participantes, suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano. Busca entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de diferentes maneiras, através da análise de experiências individuais e grupais, assim como da investigação de documentos (textos, imagens ou músicas), ou traços semelhantes de vivências e integrações pessoais e/ou sociais (FLICK, 2009).

Para Rossman e Rallis (1998 apud CRESWELL, 2007), a investigação qualitativa utiliza métodos plurais, interativos e humanísticos. Os participantes da pesquisa estão envolvidos ativamente com a coleta de dados, podendo ser alicerçada em observações abertas, entrevistas e documentos, onde o pesquisador olha para os

fenômenos sociais de maneira holística<sup>15</sup>, permitindo uma maior aproximação com as experiências reais dos sujeitos em estudo.

Em relação à sua natureza exploratória, Gil (2008) afirma que seus objetivos estão ligados à necessidade de aprimorar, desenvolver, informar e modificar conceitos e ideias, conseguem elaborar problemas mais específicos, apresentando menor rigidez no planejamento e podendo envolver a investigação bibliográfica, documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Além de proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo, visa encontrar o novo e compreender as entrelinhas de determinados fenômenos, à medida que realiza novas leituras e a transcrição das informações coletadas.

### 6.2 ASPECTOS ÉTICOS

No que diz respeito aos procedimentos éticos, destacam-se algumas questões específicas desta pesquisa. Uma das exigências do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) foi que constasse no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) os detalhes sobre o processo de seleção, compilação e análise das obras musicais de autoria dos participantes da pesquisa, bem como das entrevistas narrativas, mediante o pedido de autorização para gravar somente o áudio, informando que, posteriormente, os áudios serão transcritos e apagados.

O CEP também solicitou explicações sobre como seria garantido o sigilo e o anonimato dos *rappers*, uma vez que as suas produções artísticas compõem a pesquisa e, portanto, podem ser conhecidos e reconhecidos por suas produções musicais. A fim de contemplar tais exigências, incluiu-se no TCLE as informações pertinentes ao direito do participante de decidir se sua identidade e/ou nome artístico poderá, ou não, ser divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública.

Nesse sentido, o TCLE atendeu as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, foi desenvolvido com base na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que regula as normas éticas para a realização de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, em que os procedimentos

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> A palavra "holístico" foi criada a partir do holos, que em grego significa "todo" ou "inteiro".

metodológicos abranjam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes, como é o caso deste estudo.

A opção pelo uso dos nomes artísticos e/ou civil, ao invés de codinomes, se deu pela autorização formal dos participantes da pesquisa no TCLE, que manifestaram o desejo de se revelar por inteiro. Ressalta-se, que todos os *rappers* tiveram o retorno do texto original antes de ser aprovado pela universidade de origem e publicado, tendo a liberdade para complementar ou omitir os dados.

### 6.3 A INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Segundo a carta nº 0212 (CONEP/CNS, 2010), compreende-se por Instituição Coparticipante aquela na qual haverá o desenvolvimento de alguma etapa da pesquisa, participando, portanto, da construção do estudo.

Nesse sentido, a seleção e o contato com os participantes da pesquisa se deram pelo Instituto Parrhesia Erga Omnes, criado em 2011 por Orlando Vitor Noal Neto (popularmente conhecido como Sinistro Parrhesia) e desenvolvido por egressos do sistema prisional, com seus familiares. Constitui-se como uma associação civil sem fins lucrativos de caráter social, com nome de origem grega escolhido justamente por significar "liberdade de expressão".

A instituição desenvolve ações em conjunto com a juventude periférica, negra, egressos do sistema prisional, menores infratores e portadores de deficiência; através da cultura popular, artística, musical e literária, com base na educação em direitos humanos, saúde, redução de danos e comunicação popular. Utiliza métodos ativos de ensino, buscando recuperar a autoestima, a autonomia e a cidadania dos sujeitos, além de reintegrá-los na sociedade, evitando, desta forma, que os jovens optem ou retornem ao mundo da criminalidade.

O instituto recebeu 4 menções honrosas do Prêmio de Boas Práticas em Direitos Humanos da AJURIS em 2013, 2015, 2017 e 2019. É, portanto, sinônimo de guerrilha e de valores como: liberdade, equidade e fraternidade. Através do diálogo com outros coletivos e movimentos sociais, promovem a comunicação popular, lutando pelos direitos da juventude e atuando contra a criminalização dos movimentos sociais, em ações desenvolvidas como: seminários, rodas de conversa, cine debate, seja em seu espaço físico ou pela região sul do país.

Tendo em vista esse contexto, convém problematizar a subjetividade existente e o envolvimento da pesquisadora com o campo estudado, uma vez que a trajetória acadêmica e o ativismo no interior do movimento social *Hip Hop*, em parceria com a Instituição Parrhesia Erga Omnes, nasceram praticamente juntas em minha formação pessoal. Portanto, o meu lugar de enfermeira-pesquisadora é inevitavelmente influenciado pelo que penso enquanto sujeito e militante. Concordando com Virgílio (2014, p. 27-28) "o pesquisador que ignora a sua influência sobre o campo, e a influência do campo sobre si, não apenas possui uma percepção reduzida sobre o campo, como possui uma imagem do campo (e de si) distorcida."

A partir desse entendimento em torno das implicações e apropriando-se das inquietações que se atravessam no decorrer da pesquisa, procurou-se estabelecer relações dialógicas entre pesquisadora e pesquisados, permitindo o afastamento da lógica positivista e funcionalista das ciências sociais, que ignora as ideologias em defesa de um conhecimento puro. Desse modo, embora exista um "para além-sujeito-pesquisadora" isso não me impede de estudar as representações sociais de saúdedoença no âmbito da Saúde Coletiva.

No mais, acordou-se previamente que as entrevistas narrativas seriam realizadas na sede do Instituto Parrhesia Erga Omnes. Entretanto, por contingências do estudo (no caso, desejo e proposta dos sujeitos da pesquisa), o local das entrevistas mudou para o ambiente comunitário dos participantes. Então, a pesquisadora conseguiu se aproximar ainda mais dos investigados, adentrando em seus territórios pessoais e domicílios, permitindo uma observação e compreensão ampliada dos fenômenos estudados.

#### 6.4 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

O percurso metodológico envolveu a realização de entrevistas narrativas, a observação direta com o registro em diário de campo, além da seleção de textos do gênero discursivo (letra de música), mais especificamente do estilo *rap*, de autoria dos próprios entrevistados. Os detalhes sobre os aportes teóricos-metodológicos empregados na coleta de dados, encontram-se descritos a seguir.

### 6.4.1 Abordagem do Gênero Discursivo Letra de Música

A produção artística dos *rappers* foi extremamente relevante para o desenvolvimento da pesquisa. Apresentou-se, sob o formato de textos/discursos musicais, com base na discussão teórica sobre as noções de gênero musical, proposto por Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) e na metodologia de pesquisas com músicas indicada por Assis *et al.* (2009).

O conceito de gêneros do discurso, segundo Bakhtin (2003), mostra que todos os campos da atividade humana estão relacionados com o uso da linguagem e suas formas de utilização estão repletas de características e funções. O emprego da língua acontece por meio de enunciados que podem ser orais, escritos, concretos e únicos, emitidos por seus integrantes, independente do campo de atividade humana. Apresentam elementos de conteúdo temático, estilo e construção composicional, não são separáveis no todo do enunciado, estando determinados pela especificidade de um dado campo da comunicação. É notório que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de emprego linguístico elabora suas categorias relativamente estáveis de enunciados, os quais chamamos de gênero do discurso.

Bakhtin (2003) apresenta as principais características dos "tipos relativamente estáveis de enunciados", classificando-os como primários (simples) e secundários (complexos), sendo por meio do gênero do discurso que ocorre a interação entre indivíduos em um espaço social. Os sujeitos produzem textos escritos em situações reais para um interlocutor responsivo.

Neste segmento, as letras de músicas, como qualquer outro texto, elencam fatores únicos de textualidade que só um gênero textual possui, carregam palavras do cotidiano, livres de regras linguísticas, sendo importante ressaltar que elas têm certa coesão, coerência e intencionalidade informativa.

Atualmente, a separação entre texto e discurso é cada vez mais difícil, visto que, em alguns casos, são percebidos até como intercambiáveis. Inclina-se em ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização: o discurso é representado pelo seu funcionamento enunciativo, com o plano da enunciação e intenção de sentido na circulação sócio interativa e discursiva, abraçando outros aspectos. Texto e discurso não distinguem da fala e escrita como querem alguns, nem distinguem de modo dicotômico as duas abordagens, são muito mais duas maneiras complementares de destacar a produção linguística em funcionamento (MARCUSCHI, 2008).

A pesquisa integra as músicas de *rap* em uma série de aspectos das ciências sociais também voltadas para a sociologia da saúde. O caminho percorrido, ocupouse da produção de sentidos que se manifestam através delas, representando uma alternativa que visa auxiliar o debate de temas emergentes na sociedade contemporânea, em especial, no que diz respeito à saúde da coletividade.

A música é uma fonte densa de significados, um caminho para compreender o pensamento do seu autor e de seus contemporâneos, constituída como uma forma de estar no mundo, percebê-lo e senti-lo. A maneira como a linguagem é apresentada, formando a comunicação, estampa muito sobre as relações humanas, os desejos do público e proporciona observar o contexto histórico através de um sortido conjunto de elementos (cultural, político, social, econômico, natural e musical). E cabe ao pesquisador, a difícil tarefa de colher e organizar os elementos necessários, buscando compreender a manifestação musical contida nesse universo. O investigador recorre aos instrumentos analíticos da pesquisa com músicas, fundamental para a colaboração interdisciplinar. A música se torna um campo epistemológico<sup>16</sup>, estruturado por conceitos e instrumentos analíticos próprios (ASSIS *et al.*, 2009).

Nessa conjuntura, o ponto de partida foi a seleção de nove músicas de *rap* produzidas pelos três partícipes da pesquisa. Para o fácil acesso de todos, as canções encontram-se gravadas e disponíveis no site do *YouTube* – em momentos/tempos anteriores à realização do estudo. A escolha das músicas aconteceu em conjunto com os autores e sob os seguintes critérios: produzidas livremente pelos *rappers*, não estando "amarradas" a qualquer tema indicado, enriquecendo os dados da pesquisa.

#### 6.4.2 Das Entrevistas Narrativas Biográficas

Tomada no sentido mais abrangente de comunicação verbal e no sentido mais restrito de coleta de informações sobre um tema específico, a entrevista é o caminho mais utilizado no processo de trabalho de campo. Representa principalmente uma conversa a dois com a intenção de construir informações pertinentes para um objeto de investigação, possui inúmeras classificações, um dos exemplos é a técnica aberta

Relativo à epistemologia, à teoria do conhecimento, que analisa as relações entre sujeitos (ser pensante) e objeto (ser inerte); epistêmico.

em profundidade, onde o entrevistado é convidado a falar livremente (DESLANDES et al., 2002).

A estratégia da entrevista pode ser o meio predominante de obter as informações ou, como nessa pesquisa, operar em conjunto com outros documentos. Independente da forma, a entrevista serve para captar os dados descritivos da linguagem do próprio sujeito e concede ao investigador os meios para progredir intuitivamente com suas ideias, sobre como os sujeitos percebem e interpretam os aspectos do mundo social. Boas entrevistas produzem uma riqueza de dados e as transcrições geralmente contemplam os detalhes. As regras para conduzir uma entrevista não podem ser generalizadas, um dos pontos cruciais é a habilidade de escuta, de perceber as palavras com curiosidade para estimular os entrevistados a expressarem seus sentimentos (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

É nesse sentido que foi construída a investigação, fundamentando-se nas entrevistas narrativas biográficas, com ênfase no arcabouço teórico de Tom Wengraf (2008). O procedimento apoia as pesquisas sobre a experiência vivida por indivíduos e coletivos, interpreta o mundo "interno" e "externo" e serve tanto para o campo da psicologia como para o campo da sociologia.

No seu guia, aparecem alguns requisitos para as pesquisas com entrevistas: as histórias narradas são pontos de vista, dão significado à experiência e não são lineares, estão inseridas em um contexto e possuem uma dimensão ética, preenchem lacunas e oferecem *insights* sobre o que poderia ter sido, são voltadas para ação, representam histórias subversivas e envolvem a tensão entre o canônico (regras, rotinas, protocolos e outros) e o inesperado (formas de pensar), estando, também, relacionadas com os líderes, os quais se configuram por pessoas que contam boas histórias.

Efetivamente, esse tipo de entrevista deve ser mediada da forma mais aberta possível, seguindo consoante o tempo do colaborador. Então, desprovido de um roteiro pré-estabelecido e por de um convite amplo, o entrevistador solicita ao participante que conte sua história de vida da maneira que desejar e somente no final, se julgar necessário, faz perguntas mais específicas.

Wengraf (2008) propõe uma estrutura de método dividida em três partes: a primeira é o início da entrevista, deve conter uma única pergunta bem elaborada para incentivar narrativas e evitar enquadramento de temas, é permitido que o entrevistador

facilite sem direcionar ou interromper, cabe anotar a resposta inicial e usar palavraschave (mágicas), indicadas pelo narrador (3 a 5 palavras para cada frase central).

Na segunda parte, após dois ou dez minutos de interlúdio, levantam-se os tópicos das palavras mágicas usadas pelo narrador e, na ordem de sua criação, o entrevistador pode solicitar mais narrativas sobre os acontecimentos pessoais, se não houver recusa. A terceira parte é opcional, caso ocorra, deverá ser realizada pelo menos sete dias depois. Sendo assim, a pauta inicial das entrevistas é a seguinte:

Quadro 1 - A única pergunta inicial da entrevista

A única pergunta inicial	Por favor, conte-me sua história de vida e os pontos que foram pessoalmente mais importantes para você. Comece de onde quiser e leve o tempo que precisar.
-----------------------------	--

Fonte: autora, 2021.

Para sintetizar a dinâmica do trabalho, constam abaixo os nomes dos *rappers*, os quais serão usados somente nas análises de suas obras musicais e, por isso, merecem especial destaque, para melhor fixar o leitor:

Quadro 2 - Os *rappers* participantes do estudo

Sexo	Idade	Nome Civil/Artístico
Masculino	36 anos	Maciel Aranda Magnus
Masculino	39 anos	Chikuta M. R. S
Masculino	26 anos	Nego Gilson

Fonte: autora, 2021.

### 6.4.3 A Observação Direta e o Diário de Campo

As entrevistas narrativas aconteceram simultaneamente com a imersão da pesquisadora no campo. Assim, foi possível utilizar a técnica da observação direta como meio de coleta de dados, através do registro em diário de campo, o que trouxe mais benefícios para a pesquisa, auxiliando na interlocução das informações apreendidas com os contextos de vida, enriquecendo a etapa de coleta e análise dos dados.

A observação direta permite chegar mais perto da "perspectiva dos sujeitos", ao passo que a pesquisadora acompanha *in loco* suas experiências diárias e procura descobrir os sentidos atribuídos às suas próprias ações e à realidade que os cerca. A

investigadora desloca-se até o universo estudado, para conhecê-los, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, desenvolvendo um registro escrito do observado, passando um tempo com os sujeitos em seus territórios de referência (BOGDAN, BIKLEN,1994).

Escolheu-se o diário de campo para ser o lugar de registro das minhas observações, pensamentos, sentimentos, experiências e percepções durante todo o processo da pesquisa em campo. Gil (2008) comenta que as anotações da observação simples se fazem geralmente por diários ou cadernos de notas, no momento da própria ocorrência do fenômeno. Contudo, em diversas situações é inconveniente tomar notas no local, pois com isso elementos significativos da situação podem ser perdidos pelo pesquisador, além de perturbar a naturalidade da observação pela desconfiança das pessoas observadas. Para tanto, é importante que o pesquisador também seja dotado de boa memória.

Para Bogdan e Biklen (1994), os diários de campo podem dar algumas pistas sobre como é o contexto de vida das pessoas estudadas, dado que as notas de campo envolvem dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, preocupa-se em captar uma imagem através de palavras sobre o local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro material é mais reflexivo, envolve o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações.

#### 6.5 ORGANIZANDO OS DADOS

Após selecionar as letras de músicas, aplicar as entrevistas e desenvolver o diário de campo, é chegado o momento de organizar todo o material coletado. Como a pesquisa utilizou fontes primárias de dados, isto é, documentos que ainda não foram tratados, foi possível estabelecer um *corpus* de materiais ainda no início das análises.

A organização dos dados é um passo importante no desenho da pesquisa qualitativa, já que reduz a infinidade de materiais a uma seleção administrável e justificável, simultaneamente em que expõe minuciosamente as passagens relevantes para responder à pergunta de pesquisa e elaborar comparações pertinentes entre os distintos documentos (FLICK, 2009).

### 6.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Para o tratamento dos dados, utilizaram-se os princípios teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, desenvolvida pelo filósofo francês Michel Pêcheux (1995; 1997) e, no Brasil, pela pesquisadora Eni Orlandi (2009).

Optou-se pela teoria do discurso por acreditar que as músicas e as entrevistas narrativas revelam peculiaridades dos atores sociais, que estão a todo tempo desempenhando papéis. Além disso, dedicou-se na observação de como esses sujeitos fazem a apresentação de si e do mundo à sua volta, valendo-se do conhecimento teórico de Serge Moscovici, sobre as representações sociais. Por tudo isso, promoveram-se diálogos entre teorias, por julgar que os discursos apresentados estão constituídos por uma grande carga da realidade social.

A Análise do Discurso articula os conceitos de sujeito, linguagem e discurso, presentes desde a delimitação do problema de pesquisa, constituída por quatro etapas: Objeto Discursivo, Processo Discursivo, Formações Discursivas e as Formações Ideológicas. Na primeira, o analista visa entender como o discurso produz significados, quebrando a ilusão de que aquilo que foi dito só poderia sê-lo daquela forma, desnaturalizando a relação palavra-coisa. O processo discursivo, refere-se às formações ideológicas manifestadas durante o enunciado, determinando os possíveis e não possíveis sentidos. As formações discursivas são construídas pelas formações ideológicas, regulando o que pode ou não ser dito (ORLANDI, 2009).

Para Souza (2006, p. 17) "O gesto da formulação é o gesto ideológico mínimo, o que consuma o imaginário no sujeito (a sua relação imaginária com a realidade) em que o assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma de autonomia". Vinculado a essa concepção, o papel central do analista é expor de onde vem a produção de significados, com base nas etapas apresentadas acima.

O sujeito discursivo é o produto da ligação existente entre história e ideologia, sendo a ideologia as representações sociais dominantes em uma determinada classe e sociedade e, como existem várias classes, várias ideologias estão em confronto com a sociedade (PÊCHEUX,1969; 1997). O discurso demanda de um sujeito que o transmita e, é nessa direção, que o trabalho verifica os fenômenos com foco em seus participantes, captando os dizeres e os sentidos de suas práticas, percepções de mundo e os aspectos que envolvem os modelos conceituais de saúde e doença.

É perceptível, no discurso, a ligação entre o que foi dito anteriormente (memória discursiva) e o que está sendo dito (atualidade), ou seja, em todo discurso está presente o interdiscurso (o saber discursivo), que é tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema, formando e influenciando o que dizemos para que se criem sentidos (ORLANDI, 2009).

A memória tem um papel importante no desenvolvimento das significações (re)produzidos historicamente no e pelo discurso, assim como a relação do sujeito com a ideologia, que se materializa através da linguagem. Esse entrelaçamento entre língua, sujeito, história e as condições de produção do discurso, é que determinam as representações sociais. Essas representações, são o conjunto de projeções e as formações imaginárias próprias a todo processo discursivo, condizentes com as posições/lugares ocupados pelos sujeitos na formação social (COUTRINE, 2009).

A Análise do Discurso nasce articulada por três áreas do conhecimento: Materialismo Histórico, Linguística e Teoria do Discurso, atravessada por uma teoria da subjetividade, de origem Psicanalítica, com a noção de sujeito da linguagem e sua relação com o simbólico. O sujeito da análise do discurso não é um, já que contempla diferentes posições-sujeitos, variando segundo as formações discursivas e ideológicas em que se insere (PECHÊUX, 1995; 1997).

Os discursos foram analisados considerando o contexto histórico e de vida dos *rappers*, relacionando-se com as diferentes posições sociais ocupadas, de onde eles falam e escrevem suas músicas. Como descrito por Orlandi (2009), é através do contato do indivíduo com outros indivíduos, das interações com o ambiente coletivo e toda a vivência em meio a esse espaço social, que os discursos são construídos.

#### 7 RESULTADOS

### 7.1 ANÁLISE DO DISCURSO DAS MÚSICAS DE *RAP*

O *rap*, aqui, muitas vezes carregado de gírias, entonações ou frases hostis, pode representar a arma que o sujeito tem para driblar e/ou combater as desigualdades sociais do nosso país.

De acordo com Medieta e Nunez (1949 apud MENDES, 2016), através da sociologia da arte é possível verificar a relação entre processos artísticos e processos, instituições e classes sociais. A intenção é articular texto e contexto, compreendendo a influência do meio social na criação musical e olhando para a cultura enquanto um fenômeno sociológico que, de alguma forma, dialoga com traços característicos da estrutura social na qual estão inseridos. A partir desse entendimento, a produção artística dos *rappers* também pode ser encarada como uma resposta às desigualdades históricas da sociedade brasileira.

As letras das músicas em análise são: Visão Retrô; Cenário de Louco; A Luta Não Acabou; Sistema Covarde; Um Entre 100; Regressos do Sistema; Dias das Mães; Eu Vi; Vivenciei. Todas essas canções, através de suas palavras, expressões poéticas, sentidos e significados, resgatam as memórias e histórias de vida de seus narradores, dialogando sobre os acontecimentos do cotidiano e os saberes que circulam no interior da sociedade brasileira, além de sublinhar as representações sociais de saúde-doença, as experiências vividas e as injustiças sociais sofridas na pele pelos locutores e por grande parte dos interlocutores.

#### 7.1.1 Músicas do *rapper* Maciel Aranda Magnus

A primeira música "Visão Retrô" é uma autobiografia do narrador, contém fragmentos de sua história de vida desde a infância. Maciel – personagem principal do discurso – retrata o contexto social em que está inserido, abordando temas relacionados ao uso de substâncias psicoativas, educação, criminalidade, colonização, racismo etc. A voz, dotada de expressividade, dá início e sentidos à canção:

Vivemos em guerra diariamente com nós mesmos / matando os demônios que atormentam os pensamentos [...] (MAGNUS,2020a).

Nas entrelinhas, é possível observar a relação entre guerra, colonização e saúde mental de Frantz Fanon e Ignacio Martín-Baró, que visam uma saúde mental anticolonial, antirracista e anti-imperialista, tecendo críticas ao caráter hegemônico, normativo e apassivador da Psicologia e Psiquiatria. A forma de compreensão dos autores permite demonstrar o cenário social do nosso país, uma vez que (re)pensar a saúde mental implica em perceber o não-lugar do brasileiro colonizado que nasceu dos conflitos, das guerras, da escravidão e da subtração entre europeus, índios e africanos. É um ninguém, um não-europeu, desindigeanizado e desafricanizado que vem da ninguendade, mas que se vê e busca ser algo, mesmo em meio a vivência constante de guerra (COSTA; MENDES, 2020).

O passado vivido pelo compositor é reconstruído pela comunicação de suas lembranças, chamando a atenção para a relevância do ambiente social e familiar na construção das memórias de infância:

Me deram espelhos / enxerguei o passado / dia quente ensolarado que me deixava enjoado / meio amoado / Lembranças de infância dolorida e sofrida / O tempo passa / mas fica as feridas / Barraco de zinco / barulho ensurdecedor / A fome era tanta e amargava o sabor / A luz do lampião iluminava os barraco / Era raro energia / aqui na vila sapo (MAGNUS, 2020a).

Alguns versos, como "lembranças de infância dolorida e sofrida, o tempo passa, mas fica as feridas", mostram que a representação social de saúde-doença do rapper aponta para os Determinantes Sociais da Saúde (DSS), ou seja, envolve um contexto social e familiar de extrema vulnerabilidade social, de modo que o discurso sobre o sofrimento psíquico na infância é uma constante na canção.

Sendo assim, vale citar o cuidado em Winnicott - pediatra e psicanalista alemão - que trata sobre a necessidade da criança de testar a confiabilidade do meio familiar para se certificar de que existe um contexto cuidador estável e protetor. A confiança no ambiente de referência, é importante para direcionar a continuidade do amadurecimento psíquico do sujeito, pois o convívio em um ambiente favorável ou não, pode influenciar na forma com que o sujeito lidará com as frustrações durante toda a vida. Além disso, a saúde psíquica não é avaliada pela ausência de conflitos, mas pela capacidade do indivíduo de ponderar os acontecimentos de forma madura, adotando um posicionamento responsável e saudável, diferente da realidade imposta (WINNICOTT, 1983).

A afetividade é um processo intrapsíquico que se desenvolve constantemente; portanto, é considerada histórica e um fenômeno ético-político, podendo ser emancipatória ou escravizadora, dependendo dos tipos de relações estabelecidas na intersubjetividade, ou seja, pela maneira como o sujeito afeta e, é afetado pelos outros nas relações sociais (HINKEL; MAHEIRIE, 2007).

Como apontado pelos autores, o *rap* contribui valorosamente para a compreensão psicossocial do indivíduo em cenários de vulnerabilidade e exclusão social, uma vez que a afetividade surge frequentemente nas canções como um elemento crucial da vida humana, representando a denúncia do sofrimento éticopsíquico e, ao mesmo tempo, um caminho que pode aumentar a força de ação do sujeito para superar o padecimento humano de ordem social.

É amplamente reconhecido que a família é a primeira instituição social responsável pelo sustento, socialização, cuidado e bem-estar da criança. Contudo, no caso brasileiro, a desigual concentração de renda, os baixos salários, o desemprego e demais fatores que afetam profundamente as condições de vida dos sujeitos, os impede de garantir (pelos próprios meios) um padrão de vida digno para si e sua família. Mais do que uma preocupação, é dever do Estado e da sociedade:

assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação [...], além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, Art. 227).

Quando se debate a problemática da desigualdade social e pobreza no Brasil, não se trata de questionar as condições de vida de centenas de pessoas, mas de milhões que sobrevivem em situação de extrema pobreza. O inquérito realizado pela Rede de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), entre novembro de 2021 a abril de 2022, através do projeto II Vigisan, aponta que a fome retornou aos índices dos anos 90. Atualmente, em 2022, a insegurança alimentar grave afeta 15,5% da população, revelando que 33,1 milhões de pessoas convivem diariamente com a fome (REDE PENSSAN, 2022).

Essa trágica realidade é veiculada de maneira tocante: "a fome era tanta e amargava o sabor. A luz do lampião iluminava os barraco, era raro energia aqui na vila sapo". O enunciado aponta para os direitos sociais e econômicos previstos na atual Carta Magna do Brasil, que tem como princípio essencial do Estado Democrático

de Direito o respeito à dignidade da pessoa humana, assegurando as condições mínimas existenciais para que todos possam ter uma vida digna, com acesso à "educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados" (BRASIL, 1988, Art. 6).

Para garantir o direito "à sadia qualidade de vida" (BRASIL, 1988, Art. 225), o texto Constitucional visa identificar e barrar os potenciais riscos, proteger o meio ambiente e difundir informações sobre os fatores ambientais que possam causar doenças e outros agravos à saúde. As condições de qualidade ambiental e de vida são abstratas e, apesar de possuírem diferentes concepções, apresentam semelhanças. Uma construção conceitual de qualidade dependerá:

das posições filosóficas, ideológicas e políticas assumidas pelas pessoas ou grupo de pessoas. É difícil, senão impossível, conceituar qualidade, sem dar um colorido mais forte ou mais fraco, tendendo para esta ou aquela direção. Acrescenta-se a isto que uma definição operacional de qualidade vem sempre carregada dos interesses e das necessidades de grupos e depende diretamente dos estudos feitos no presente para serem projetos para o futuro próximo ou distante (OLIVEIRA, 1983, p, 7).

Para o Grupo de Qualidade de Vida (WHOQOL) desenvolvido pela OMS, o conceito de qualidade de vida é abrangente e pode ser aplicado a diversas doenças e condições não-médicas, definido como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (THE WHOQOL GRUOP,1995 apud FLECK, 2000, p. 34).

O combate à pobreza sem dúvida merece prioridade extrema, requer mais ações governamentais que tenham como resultado maiores taxas de crescimento econômico com melhores distribuições de renda, caminhando rumo à criação de empregos dignos, além da intensificação de investimentos em educação, saneamento básico e cuidados essenciais de saúde. A desnutrição, ou melhor, as deficiências nutricionais, são doenças que advém do aporte alimentar precário em energia e nutrientes, bem como do ineficiente aproveitamento biológico dos alimentos consumidos – geralmente determinado pela presença de doenças, especialmente doenças infecciosas (MONTEIRO, 2003).

Admirava as vitrines / ah! como eu queria tudo aquilo [...] / O sonho de menino e quem não se lembra dos pisante louco e da hora / E quando não se tinha / bora de chinelo pra escola / bora de chinelo pra escola / Sonhos sonhados

que não foram realizados / isso me deixa um pouco frustrado / mas vamo até o final só pra ver o resultado / mas vamo até o final só pra ver o resultado (MAGNUS, 2020a).

Consoante as passagens acima, a impossibilidade de adquirir os bens de consumo propostos pela sociedade é representado por um sentimento de frustração. Neste prisma, o poder de compra e os modos de se vestir na sociedade, ocupam um lugar de poder, prestígio e admiração. O consumo é um fenômeno cultural de dimensão simbólica e social que diferencia os indivíduos enquanto aproxima grupos, produz distinções de classe e valores (BOURDIEU, 2007).

Os discursos propagados pelas grandes mídias conseguem criar padronizações culturais e identitárias, estimulando o consumo exagerado de bens e serviços, dos quais os sujeitos geralmente não necessitam para assegurar sua subsistência. A sociedade do consumo, caracteriza-se pelo desejo socialmente disseminado e naturalizado da aquisição de supérfluos, um comportamento impulsivo, descontrolado e ecologicamente irresponsável, com o propósito de mostrar aos outros sinais de riqueza (SANTOS *et al.*, 2019).

Na sociedade contemporânea, o corpo humano é colocado a serviço da economia e da produção, instalando um excessivo culto ao corpo que valoriza a construção de um corpo ideal, esbelto, influenciado pelas indústrias de cosméticos, da moda e da publicidade. A roupa adquire condição de segunda pele para valorizar o corpo, expressa tanto um estilo, uma identidade, quanto o poder aquisitivo de um indivíduo (CASTRO, 2004). Dessa forma, destaca-se sobre a eclosão de um corpo elitizado:

O novo corpo, agora plenamente "livre", estetizado, vestido, curtido, ginasticado, medicalizado [...], cada parte deste novo corpo – das unhas (esmaltes, lixas, alicates...) aos fios de cabelo (xampus, rinses, secadores...), do estômago (alimentos, digestivos, restaurantes) aos órgãos sexuais (talcos, cremes, desodorantes, preservativos...) – cada ínfima parte se transformou em consumidor especializado. [...] Um corpo belo e liso, sem calos nem cicatrizes. Corpo sem signos de trabalho, corpo sorriso, corpo publicitário [...]. O corpo que pertence a quem tem sucesso, toma decisões inteligentes, aprecia o sabor de aventura e os raro prazeres (ROCHA; RODRIGUES, 2012, p. 35).

Fernandes e Barbosa (2016) discorrem que as formas de compreender e lidar com o corpo são normativas e produtoras de constrangimentos. Os autores nomeiam metaforicamente três forças que contribuem para a produção desses efeitos. Começam com *"à marquesa do consultório"* ou corpo na marquesa, que seria a

medicina preventiva, a promoção dos estilos de vida saudáveis; "à passerelle dos desfiles de moda", isto é, o corpo irreal, do photoshop, feito para o deslumbramento; e o "corpo podium das competições desportivas". Extremamente diferente dos corpos lidos e tidos como periféricos, visto muitas vezes como abjeto. O "corpo periférico é o das secreções, dos cheiros, dos ruídos, aquele que tapamos porque foge da geometria da beleza", são os excluídos ou marginalizados do capital simbólico.

Ao mesmo tempo que o *rapper* denuncia as iniquidades e disparidades sociais do país, é possível observar em algumas partes da canção, o contextualizado por Pereira e Guareschi (2014), sobre a culpabilização dos sujeitos (especialmente dos dependentes químicos) por sua situação de vulnerabilidade social, atribuindo aos supostos "desajustes" a origem de suas dificuldades e insucessos:

Em memória de todos que se foram mais cedo / eu tô aqui presente para relatar fatos ocorridos na periferia onde eu nascei, cresci / Já tô acostumado com boas e más notícias / toma enquadro / depois de vários tombos aprendi a jogar / O mundão é assim / não admite falhas no caminho estreito [...] / a vida é uma escada difícil de subir / eu também já tropecei / com respeito e humildade / guerreiro me levantei / É só olhar pra trás / e ver que vários jaz / o erro cometido a saudade não traz / o que é bem pior, muitos gostam de um pó / agora vejam só vários viraram pó / Então senta na poltrona / assiste à reprise controlados pelo sistema / assim que a gente vive / fora do script / O que é bem mais triste / é ver vários tropeçar e no mesmo erro insistir (MAGNUS, 2020a).

Os recortes "o erro cometido a saudade não traz, o que é bem pior, muitos gostam de um pó, agora vejam só vários viraram pó" e "o que é bem mais triste, é ver vários tropeçar e no mesmo erro insistir", mostram uma representação social da droga – especialmente da cocaína – ancorada na doença e na noção de ordem moral, que culpabiliza e coloca os usuários de drogas como seres sem qualquer autonomia.

A frase "Então senta na poltrona, assiste à reprise" parece um alerta do "ciclo sem fim" (vicioso) do consumo de drogas, assim, a dependência química é retratada como uma doença crônica e incurável. Na sequência, a fala "controlados pelo sistema" insinua que a coerção propagada pela mídia e o uso abusivo de drogas respondem a um propósito, o que parece ser um tipo de "manobra maliciosa" do sistema, que visa controlar ou limitar o poder de ação dos sujeitos.

As memórias introduzem o passado, oportunizam a construção e ressignificação de sua própria existência. A reconstrução do seu passado histórico não envolve somente a própria perspectiva, mas também a de outros com quem conviveu, situando acontecimentos ocorridos na imensidão da coletividade. A leitura

e escuta da canção promove a sensação de estar passando com o locutor pelos cenários e momentos, que vão sendo resgatados por meio das lembranças armazenadas em sua memória (ALVES; BORGES, 2020).

Os discursos traduzem que, desde 1988 até hoje, os direitos individuais e coletivos, protegidos por cláusula pétrea, ficaram somente no papel. Grande parte da população ainda é marginalizada, encarcerada e morta pelo poder estatal. A situação de vulnerabilidade social faz com que o sujeito tenha que lutar para se manter longe da criminalidade, como expressa o recorte: "a tentação tá aumentando, Jesus me liberta".

Rap é história denunciando o preconceito desde 1500 / O tráfico negreiro mostrando como deve ser / O outro lado de Colombo a mile ano atrás / O crime é um caminho só de ida sem volta / Aqui tem vários 21 / mas não é Embratel / É o artigo que bate o martelo de um réu / A tentação tá aumentando / Jesus me liberta / vou atrás da vaga auxiliar de qualquer merda / Infelizmente só tem trampo com experiência na agência / que tédio / Não se conquista nada sem um ensino médio / Falta investimento na área da educação / Da merda da miséria já vi gente de montão / E mesmo assim / ainda o povo veste a camisa do que fala mais bonito e da várias entrevistas (MAGNUS, 2020a).

O rap é posicionado enquanto instrumento social de denúncia, de combate ao racismo e preconceito, refletindo a consciência sobre o papel social e político representado e ocupado pelos rappers. A frase "O outro lado de Colombo", na verdade, fez referência ao navegador português Pedro Álvares Cabral, que chegou às terras brasileiras no ano de 1500. Tal premissa pode ser confirmada pelo verso "Rap é história denunciando o preconceito desde 1500", o que parece questionar e confrontar a formulação historiográfica brasileira sobre a escravidão.

De acordo com Mattos (2003), os historiadores antigos, influenciados por preconceitos decorrentes da sociedade escravagista, ignoraram a atuação africana em nosso processo de formação e produziram uma certa naturalização da escravidão, a partir de discursos que tornam o tráfico negreiro um fenômeno histórico, natural, cultural e econômico apenas proveniente da história europeia. Isso é fruto do desconhecimento da história africana e dos ideais de branqueamento da população brasileira sustentados, desde o século XIX, por grande parte das elites nacionais, provocando um apagamento das trajetórias e das representações africanas, que se refletem nos livros de história até hoje.

A escravidão dos povos africanos foi oficialmente abolida no Brasil em 1888, sem nenhuma medida para integrá-los às novas regras de uma sociedade baseada

no trabalho assalariado. Além disso, o processo de urbanização no início do século XX foi acelerado e desorganizado, o que trouxe consequências sociais importantes para o Brasil, devido ao excesso de pessoas que, sem muitas opções para melhorar sua qualidade de vida, se aglomeravam nas ruas e periferias das cidades, criando as favelas. Por falar nisso, a palavra favela está posicionada no sentido das ausências, no entanto, apesar de ser um termo de ordem pejorativa, pela marginalização que recebeu, ela teve sua relevância para o reconhecimento das iniquidades sociais encontradas nas zonas periféricas (SANTANA; SILVA; SOUZA, 2021).

A partir das frases "vou atrás da vaga auxiliar de qualquer merda" e "Da merda da miséria já vi gente de montão", é possível identificar as relações entre educação, trabalho e desenvolvimento social, que refletem as contradições existentes em nossa sociedade, indicando que as desigualdades de concentração de terra e de renda, as altas taxas de analfabetismo, a violência e o não-direito à saúde, são estabelecidas por marcadores sociais de gênero, classe, raça e etnia. (SEGNINI, 2000).

Maciel ilustra que "Não se conquista nada sem um ensino médio, falta investimento na área da educação", indicando que uma educação pública de qualidade ainda está longe de ser prioridade para o poder público. A sociedade precisa ter a capacidade de questionar as dinâmicas de acesso a bens e serviços, sejam econômicos ou de trabalho, para romper com a ideia naturalizada que coloca as pessoas de menor poder aquisitivo na figura do operário de função na construção civil ou da doméstica que somente trabalha no serviço de casa.

Em Cidades Mutiladas, Milton Santos (1997) discorre sobre as mutilações que a cidadania sofre em nosso país diariamente. A população negra e periférica é mutilada no trabalho, na remuneração, nas oportunidades de promoção, na localização das moradias, nos meios de transporte, na educação e na saúde. Essas mutilações sempre vêm acompanhadas de outras: o maltrato das polícias e da justiça.

A introdução da canção "Cenário de Louco", evoca o campo da saúde mental enquanto representação social da loucura, apontando sobre a perda do sentido da vida na sociedade pós-moderna, um dos objetos de estudo e preocupação das ciências sociais, que chamam a atenção para a propensão da pós-modernidade em deixar-se dominar por um tipo de vida muito vazia, fragmentada e individualista, lembrando, inclusive, o modelo biomédico de saúde. A música contempla com

maestria aquilo que o sociólogo e destacado economista alemão, Max Weber (1864-1920) denominou de "desencantamento do mundo":

Vivemos de escolhas, erros e acertos / Fazer ou não fazer, matar ou morrer / Mundo em decadência, sequestraram a inocência / Condenaram a extinção, corromperam a alma / Petrificaram o coração, a fé que se tinha não se tem mais / A moeda fala mais alto, pra se obter a paz / Vida sem sentido, perdeu o seu valor / O pai mata o filho, depois fala de amor / O pai mata o filho, depois fala de amor, depois fala de amor (MAGNUS, 2021).

O desencantamento do mundo, refere-se a uma normatização da vida cotidiana alicerçada no comprometimento dos indivíduos com seus valores, responsável por desvencilhar o homem do domínio da religião, retirando a magia como meio de salvação. A racionalização ganha mais espaço no desenvolvimento da modernidade ocidental e transforma-se em um instrumento de poder, onde o mundo passa a ser entendido como parte de um mecanismo monitorado pela racionalização, pela supremacia da "verdade" científica e tecnológica, resultando em um processo de despersonificação do indivíduo, de modo que este passa a ser apreendido como coisa (PIERUCCI, 2013).

O emprego da razão como um instrumento de progresso ao desenvolvimento das sociedades modernas, evidencia um cenário controverso, visto que, por um lado, temos notórios avanços tecnológicos que facilitam a vida cotidiana do homem, mas, por outro, nos deparamos com importantes desigualdades sociais, catástrofes ecológicas, guerras mundiais etc.

É possível que a representação social de saúde-doença atribua valores as crendices populares, segundo as frases "Condenaram a extinção, corromperam a alma", "Petrificaram o coração, a fé que se tinha não se tem mais" e "Vida sem sentido, perdeu o seu valor". Esses discursos também dão sentido ao exposto por Pinheiro (et al., 2019), de que a noção de conhecimento científico como único conhecimento verdadeiro, deixou de lado a fé, as crenças, mitos, ervas e chás que igualmente eram valorosos para as práticas de cuidado em saúde. O pensamento cartesiano, foi construído sob as bases paradigmáticas do pensamento hegemônico positivista, desconsiderando todo o contexto social e cultural em torno do processo de saúde e doença.

Daí, a importância de pesquisas a respeito de uma ecologia de saberes sob a perspectiva das Epistemologias do Sul, onde se entrelaçam saberes científicos com outras fontes e formas de saber, permitindo a integralidade do cuidado (QUEIRÓS,

2016). Viabilizando o diálogo entre os saberes das diversas culturas com a ciência moderna, e a valorização dos conhecimentos e práticas de cuidado adotadas pelos usuários dos serviços de saúde, de modo a preservar sua autonomia e romper com o reducionismo do modelo biomédico (PINHEIRO *et al.*, 2019). Além de permitir a construção de práticas inovadoras de ensino e a descolonização do conhecimento científico (RODRIGUES *et al.*, 2016).

No artigo: "Epistemologias do Sul e descolonização da saúde: por uma ecologia de cuidados na saúde coletiva", Nunes e Louvison (2020, p. 3) sinalizam que "As epistemologias do Sul abordam a saúde e a doença, o sofrimento e a cura, o agravo e as formas de cuidar por meio das formas de luta que emergem no enfrentamento das dinâmicas capitalista, colonialista e patriarcal". Estas se fortalecem mutuamente para elaborar métodos de dominação, exclusão e opressão, organizam-se através de uma monocultura da doença, da saúde, do cuidado e da cura que tem, em sua essência, o modelo médico hegemônico/hospitalocêntrico (NUNES; LOUVISION, 2020).

Mais adiante, o trecho: "O pai mata o filho, depois fala de amor" denota a temática do filicídio, quando um pai ou uma mãe chegam a matar o próprio filho. A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes não é um fenômeno exclusivo da contemporaneidade, relatos de maus-tratos, abandono, negligências e de abusos sexuais são vistos na mitologia ocidental, em passagens da bíblia, em rituais para a vida adulta, compondo parte da história cultural da humanidade (RASCOVSKY, 1973).

A exemplo, os assassinatos dos filhos aparecem em diversos mitos que fundamentaram a cultura. Na mitologia grega temos Urano, Gea, Cronos e outros. Na cultura judaico-cristã, no Gênesis, Deus impõe a Abraão a morte de Isaac e, no novo testamento, aparece Jesus, o filho sacrificado em nome do pai (MALTZ *et al.*, 2008).

Del Priore (2010) comenta que no Brasil, o castigo físico de crianças iniciou no período colonial pelos Jesuítas, a correção era percebida como um ato de amor que visava civilizar as crianças, especialmente as indígenas. Na segunda metade do século XIX, o trabalho infantil era considerado a "melhor escola" para as classes subalternas. Essa forma de educar e de exercer o poder, perpassou todos os modelos políticos brasileiros, mantendo-se até a atualidade.

No entanto, a partir de 1980, surgiram no Brasil as primeiras instituições com o objetivo de denunciar e encaminhar os casos de violência praticadas pelos pais ou

responsáveis contra seus filhos. No final dos anos 90, várias organizações governamentais e não-governamentais se dedicavam ao combate sistemático da violência contra crianças e adolescentes cometida por aqueles que deveriam protegêlos e cuidá-los. Essas organizações faziam denúncias, pesquisas e programas de atendimento para tentar diminuir a incidência do problema, dando orientação e acolhimento às famílias, além de responsabilizar e tratar os abusadores (SILVA, 2002).

A fragilidade dos laços e das relações é uma condição relevante da experiência subjetiva atual, que está sendo afetada pelo individualismo defensivo e pela mercantilização da vida e da saúde. Isso provoca fragilidades nos laços de comunidade, de assistência à saúde, de família, de amizades e de relacionamentos amorosos, além de um sentimento constante de não pertencimento e solidão, que às vezes se estende para quadros depressivos. Por causa disso, muitas pessoas têm comportamentos compulsivos como forma de defesa, compulsões por sexo, por trabalho, por drogas lícitas ou ilícitas (MIZRAHI, 2017).

A quebrada é sinistra, realidade cabulosa / Cheiro de sangue se mistura com a pólvora / Olhar malicioso preparados pra matar / O sistema cria o monstro depois manda executar / Eu enxergo os dois lados que você não enxerga / Olhares oprimidos preparados para guerra / O mau te intima, cobiça te atrai / Quando se dá conta, já é tarde demais (MAGNUS, 2021).

Tendo em vista o apresentado acima, convém sinalizar que o Estado tem um forte impacto sobre a vida das pessoas, intervindo de maneira direta e indireta no destino dos sujeitos desde o momento do nascimento até a morte. É nesse cenário de trajetórias de vida que devem estar inseridas as políticas públicas, desenvolvidas através de uma intervenção Estatal positiva que concretize os direitos fundamentais para reduzir as desigualdades sociais, garantir a promoção do bem-estar coletivo e o direito à dignidade de forma igualitária para todos os cidadãos (CORRÊA, 2016).

As citações: "A quebrada é sinistra, realidade cabulosa", "Cheiro de sangue se mistura com a pólvora", "Olhar malicioso preparados pra matar" e "O sistema cria o monstro depois manda executar", embasam a representação social do rapper acerca da violência e suas consequências. A indigesta situação encontra respaldo na informação de que o Brasil ocupa o oitavo lugar no ranking de país mais violento do mundo (CERQUEIRA, 2021). Diante disso, propõe-se uma reflexão a respeito do dia primeiro de janeiro, reservado para comemorar, além do ano novo no calendário

gregoriano, o Dia Mundial da Paz. Mas, será que podemos, ou melhor, devemos comemorar a paz no atual cenário brasileiro?

A frase: "Eu enxergo os dois lados que você não enxerga", é dirigida aos ouvintes, mas, sem dúvida, não para aqueles que enfrentam a dificuldade de viver na periferia, demonstrando que o *rapper* tem consciência de que não canta apenas para a sua classe social, mas para toda a sociedade, comprovando que o *rap* consegue disseminar conhecimentos a respeito dos problemas sociais, de uma forma que as instituições de pesquisa e universidades não conseguem fazer.

A enunciação: "Olhares oprimidos preparados para guerra", representa a silenciosa guerra social brasileira que, cada vez mais mortal, tem o próprio Estado como um dos grandes homicidas, tornando a polícia militar do nosso país 4,6 vezes mais assassina que a polícia dos Estados Unidos e 14% mais assassina que a corporação policial do México (VASCONCELOS, 2014). Os apetrechos de guerra, os sistemas policial-militar e jurídico da estrutura repressiva e penal do Estado brasileiro, são justificados por "valores axiomáticos, como, por exemplo: a conveniência da paz, o valor da vida humana, a superioridade das instituições democráticas, a dignidade do indivíduo, o benefício da máxima saúde e longevidade." (MIR, 2004, p. 15).

Em um conflito generalizado como o do Brasil, o direito à infância é negado frequentemente, as crianças perdem a sua inocência sendo coagidas a lutar, meninos e meninas são retirados das escolas e de seus lares e treinados para matar, traficar e/ou prostituir-se. As crianças que não se tornaram ferramentas de guerra, testemunharam as atrocidades da guerra no cotidiano e, da mesma forma, estarão emocionalmente feridas (MIR, 2004).

Diante desse quadro tenebroso, o *rapper* Carlos Eduardo Taddeo, também advogado e ex-membro do grupo de *rap* Facção Central, argumenta em seu livro que "A Guerra Não Declarada, é muito mais um problema ligado a engenharia da marginalização e exclusão, do que propriamente um problema de segurança pública." (TADDEO, 2012, p. 102), e confessa que:

Quando olho para uma criança ingênua segurando um fuzil AK 47, lutando numa guerra que não é dela, pronunciando palavras de ordem que ela desconhece o significado e defendendo o patrimônio de quem nunca apertou sua mão e jamais lhe mandará uma rosa para servir de adorno em seu caixão, o meu sangue ferve e o desejo de vingança física se torna natural [...]. Assim que recobro o juízo, volto a acreditar que a revolução de que tanto precisamos, carece mais de difusão e assimilação de cultura, do que de decapitações (TADDEO, 2012, p. 18).

Aliás, não se pode deixar de mencionar a tentativa de censura/opressão encaminhada, no final da década de 1990, pelo assessor de Direitos Humanos e promotor Carlos Cardoso que, com o apoio da mídia televisa e do juiz Maurício Alves, determinou a apreensão da matriz do álbum "Versos Sangrentos" junto à gravadora e da fita original VHS na MTV Brasil do videoclipe "Isso Aqui é Uma Guerra" do grupo de *rap Facção Central*, proibindo também a transmissão, reprodução e a venda da obra artística até o final da investigação de suposto delito de incitação ao crime. Em 2002, o inquérito foi arquivado e o vídeo clipe pode ser exibido novamente. O grupo *Facção Central* não se deixou silenciar e de forma estratégica incorporou a acusação de apologia ao crime nas suas músicas, transformando o modo de ver o *rap* (SOLEDADE, 2018).

A música "A Luta Não Acabou" trata do mal-estar coletivo com a corrupção, uma sensação que gera convicções e representações sociais de senso comum a respeito de uma intrínseca desonestidade do povo brasileiro, como enuncia: "País da mentira, país da sacanagem". Para Filgueiras (2009), a superação da corrupção exige a consolidação de princípios e valores fundamentais que alicerçam a cultura política democrática, além de estimular o exercício da cidadania, à accountability e à participação, buscando romper a cultura da tolerância que se instalou na sociedade brasileira.

Lágrimas do passado escorrem na atualidade / Maquiaram a verdade / nós escancara a realidade / País da mentira / país da sacanagem /Me diz quantos negros existe em sua faculdade (MAGNUS, 2020b).

O questionamento em tom acusatório "Me diz quantos negros existe em sua faculdade" contempla mais uma vez o racismo, e torna pertinente as considerações sobre o sistema educacional superior da escritora, psicóloga, artista e teórica negra Grada Kilomba (2010), que aponta a academia como um espaço branco, onde o direito especial de fala tem sido negado para os indivíduos negros.

Historicamente, os brancos têm edificado narrativas teóricas que cientificamente nos construíram como "outras/os" inferior, nesse local, somos descritas/os, classificadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os e mortas/os. Dentro dessas salas de aula, somos feitas/os de "objetos", onde raramente somos os "sujeitos" acadêmicos. Ironicamente, as pessoas brancas tornaram-se "especialistas" da cultura negra, visto que ainda não há o controle sobre tais estruturas e o trabalho

de escritoras/res e intelectuais negras/os permanece geralmente fora do corpo acadêmico (KILOMBA, 2010).

A história da população negra brasileira é representada nas músicas do *rapper* a partir das exclusões e do sofrimento humano. As consequências do racismo como determinantes sociais da doença aparecem intuitivamente em seus discursos. Nesse sentido, Silva (2017) sinaliza que o nosso país foi construído sob os pilares da desigualdade, colocando o povo negro sempre no lugar das classes sociais mais desfavorecidas, ocupando empregos precários e espaços subalternos, desde as senzalas aos quartinhos de empregadas.

Acabou no papel / mas continuamos escravos / Apontam suas armas / nos oprimem todo dia / Realidade que eu vejo / você não mostra em sua mídia / Aprisionam sem corrente / nos tornam exilados / Cadeia só existe pra pobre, negro, favelado (MAGNUS, 2020b).

A temática da escravidão moderna novamente aparece na segunda parte da canção. Do ponto de vista de Mir (2004, p. 72) "O novo Estado, expressamente, decide manter a escravidão, porque a sociedade indo-europeia exige um direito que mantenha um valor (os escravos). Um direito positivo, sem moralidade e ética, exercido apenas como arbítrio". O autor destaca que o atual navio negreiro requer um grande esforço do Estado para evitar o confronto entre os moradores das cidades e os novos "escravos urbanos", expressando uma ordem social ilusória estabelecida através da repressão, dos mecanismos de controle social, econômica e espacial, distante de qualquer norma constitucional e humanitária.

Na sequência, a fala: "aprisionam sem corrente, nos tornam exilados", comprova com competência a tese do geógrafo Milton Santos, sobre o exílio na periferia. As grandes cidades são um polo da pobreza, o lugar com mais força e competência para atrair e reter gente pobre. As grandes cidades são o cenário de numerosas atividades "marginais" do ponto de vista tecnológico, organizacional, financeiro, fiscal e previdenciário. A cidade em si, enquanto relação social e como concretude, torna-se formadora de pobreza (SANTOS, 1993).

A última da frase: "Cadeia só existe pra pobre, negro, favelado" alcança a essência da seletividade penal que, sob as figuras do legislador, do magistrado, da polícia e da maioria dos advogados, idealiza um perfil de criminoso, sendo o racismo estrutural a engrenagem ideal para perpetuar o encarceramento em massa de determinados grupos sociais. A consolidação de um Estado Democrático de Direito

ainda não é realidade para certos grupos populacionais, como negros e pobres, que enfrentam o sistema penal sempre em desigualdade de tratamento em relação às classes dominantes. As injustiças causadas ao povo negro nunca serão reparadas e nenhuma política afirmativa, mesmo que voltada para reparar as contingências econômicas, étnico-raciais e de gênero, nunca conseguirá sanar os males causados ao negro, no entanto, é essencial que essas políticas sejam implantadas e constantemente repensadas (JAMBEIRO, 2021).

Os versos seguintes expõem o perigoso cenário político-social brasileiro reacendido no processo pós-impeachment de 2016:

Muito antes da bíblia e das cores da pele / Estávamos ao lado de Deus, vivendo sem estresse / Sem tempo pra agonia, ou espaço pra covardia / Ser livre em comunhão, não é viver na anarquia (MAGNUS, 2020b).

A recente rearticulação da aliança entre os grupos políticos ultraliberais e fundamentalistas, proporcionou um notável avanço do patriarcalismo que, com premissas retóricas, misóginas e conservadoras, desencadeou uma sequência de políticas que vem promovendo o desmonte do Estado Social minimamente arquitetada no Brasil, tornando evidente um processo denominado pela filósofa Nancy Fraser de "evangelicalismo político" (WERMUTH; NIELSSON, 2018).

Os fatos apontados acima, podem ser percebidos nas alegações: "Estávamos ao lado de Deus, vivendo sem estresse", "Sem tempo pra agonia" e "Ser livre em comunhão". Dessa maneira, o evangelicalismo, adaptado ao neoliberalismo, atende aos anseios da "sociedade da insegurança", que fragiliza as proteções da seguridade social ao institucionalizar formas mais precárias de trabalho assalariado, como a terceirização, o trabalho temporário e o trabalho não sindicalizado, os quais são mal pagos e não dão direito a benefícios sociais. O resultado é a sensação de insegurança, à qual o cristianismo evangélico responde com destreza (FRASER, 2006).

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entende que a não laicidade tem profundos impactos sobre a ciência, política, pesquisas biomédicas, sexualidade e os direitos das mulheres. A laicidade do Estado é necessária para que a aceitação e o respeito às diferenças possam acontecer, sem que intimamente se tente compelir o outro a aderir seus valores ou princípios. Os tempos atuais envolvem tensões impulsionadas pelas desordens nos sistemas sociais de proteção, pela disputa interestatal e pelo revigoramento de perspectivas religiosas fundamentalistas,

representando um momento de grandes instabilidades e controvérsias. A laicidade defende o amplo respeito as liberdades individuais e coletivas, a todas as crenças e a não crença, resguarda o diálogo como princípio essencial para convivência entre diferentes, condição indispensável para a sobrevivência física da humanidade. Logo, defender a laicidade do Estado no campo da Bioética é uma tarefa definitivamente necessária para o bem-estar coletivo (LEVY; CUNHA, 2018).

Ai preto, ai preta, mestiços da favela / Parem de invejar a burguesia [...] / O dinheiro compra batalhas nesse fim de era / Mas é a sabedoria quem ganha a guerra. Quero fazer valer cada noite sem dormir / Cada verso que escrevi, cada tempo que perdi/ Muitas vezes eu cai, mas eu não desisti / Acreditei que eu seria muito mais que isso daqui / Sou uma pergunta sem resposta, um neguinho na aposta / Cansei de viver na bosta, com problemas nas minhas costas / To em busca de proposta / Cansei de viver de sobra, nesse mundo que só cobra / Só pedi, não colabora / Os gritos da periferia não podem parar / Enquanto não ouvirem nossa voz / Os gritos da periferia não podem parar / Enquanto não responderem pra nós (MAGNUS, 2020b).

Na democracia moderna estão previstos dispositivos participativos e representativos de diversos segmentos da população. A soberania popular é exercida por meio de representantes do povo sob a premissa da impossibilidade do exercício direto da soberania devido ao tamanho, à complexidade e a heterogeneidade que caracterizam os Estados modernos. A ideia de que a democracia representativa passa por uma crise está alicerçada no distanciamento vigente entre eleitores e eleitos e no cada vez mais escasso sentimento de sentir-se representado (ZORZAL, 2014), como exterioriza a narrativa "Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não ouvirem nossa voz, [...] enquanto não responderem pra nós".

Uma democracia forte requer diversos encontros em que autoridades públicas e cidadãos se reúnem para discutir determinadas experiências e questões. Os eleitores desfrutam de processos para convocar os representantes a prestar contas para além do processo eleitoral, de modo que o povo e seus representantes estejam sempre conectados. Quando os representantes se distanciam dos eleitores, os cidadãos podem abandonar a ideia de que empreendem influência sobre a política, enfraquecendo a participação social (YOUNG, 2006).

Assim como acontece no âmbito dos conselhos e conferências de saúde nas três esferas de governo do SUS, onde a participação representativa dos usuários encontra-se fragilizada, produzindo uma desarticulação que enfraquece o protagonismo da população no controle social. A participação ativa da comunidade

nas ações e serviços de saúde é materializada ao passo que estes reconhecem seus direitos e conseguem compreender e intervir sobre tais questões (LIMA *et al.*, 2020).

É nesse cenário de representatividade política que junto às políticas públicas, lideranças do movimento *Hip Hop* reivindicam a participação na gestão dos bens públicos e na garantia dos direitos humanos. A exemplo, o Fórum Social Permanente do Hip Hop Gaúcho, é fruto do processo de participação democrática e comunicativa com a administração pública. A organização política descentralizada e diversificada do movimento *Hip Hop* se expressa por uma configuração dinâmica, definida por composições e recomposições de alianças entre sujeitos e pequenos grupos de interesses. Essa estrutura agitada e dinâmica faz parte de um jogo político, em que os diferentes representantes e lideranças, diversas vezes antagônicos entre si, encontram confluência em princípios éticos e ideológicos através do movimento *Hip Hop* (MAFFIOLETTI, 2013).

# 7.1.2 Músicas do rapper Chikuta MRS

Agora, é realizada a análise do discurso das músicas de *rap* do cantor, compositor, produtor cultural e vice-presidente do Instituto Parrhesia Erga Omnes: Chikuta MRS (Mais um Refém do Sistema). Em carreira solo, o *rapper* já gravou dois álbuns "A Lili Cantou" (2022) e "Por Trás Das Grades" (2018).

A música "Sistema Covarde" é de fato um registro vivo feito na primeira pessoa do singular, tratando-se de uma narrativa autobiográfica com forte carga emocional onde o sujeito do discurso estabelece um diálogo com seus interlocutores (o povo), pela necessidade de "guerrilhar, revolucionar o sistema corrupto". A canção é alicerçada em suas memórias de vida antes, durante e após o enfrentamento da privação de liberdade:

É nóis povo / MRS no ar / pra guerrilhar / revolucionar o sistema corrupto / As pessoas que controlam o mundo / Podem criticar, eu sei o meu lugar / Enquanto nóis se mata trabalhando o ano inteiro / Playboy troca de iate / se limpa com dinheiro / Isso gera uma revolta em qualquer ser humano / Só quem passou fome sabe do que eu to falando / Bola o plano / meto os cano se preciso for / Cria da periferia não filho de doutor / Na vida que eu vivo / a regra é bem clara / Se tu vacilar, doido, tu da vaga / Eu tentei mudar / mas fui discriminado / Pra sociedade, sempre, presidiário / Tipo tatuagem / numa marca que não sai / Liberdade, infelizmente, nunca mais / Quando saí daqui, de trás das grades / Ficarei preso ao preconceito da sociedade / Sistema covarde / filho da puta / Gera a revolta / me obriga a ir à luta / Cano na nuca do burguês engravatado / De joelhos ele pede pra não virar finado /

Revoltado, eu to na cena / Hoje sou o pesadelo do sistema / Sistema trema, pois agora to de volta / Despertei do pesadelo cheio de ódio, revolta (CHIKUTA, 2018a).

Com uma postura lírica mais provocativa, é possível perceber através dos versos "Eu tentei mudar, mas fui discriminado, pra sociedade, sempre, presidiário" e "Revoltado, eu to na cena, hoje sou o pesadelo do sistema", que o rapper assume o estereótipo de criminoso que a sociedade deposita sobre ele. Em tom de sarcasmo, atendendo às expectativas da sociedade, o discurso busca responder a um sistema hegemônico que vê o pobre, negro e morador de periferia como alguém desprovido de qualidades e criminoso em potencial.

O trecho "Sistema trema, pois agora to de volta, despertei do pesadelo cheio de ódio, revolta", expressa a vivência nociva da detenção e descreve à volta da liberdade como o despertar de um sonho perturbador que gerou feridas emocionais profundas, configurando uma representação social de doença associada a sentimentos negativos, aflorados pelo sofrimento psíquico de estar vivendo o pesadelo da prisão.

O rótulo de criminoso, ironicamente assumido na canção, reporta ao conceito da sociologia moderna criado em 1946 por Robert Merton, chamado de profecia autorrealizável (the self-fulfilling), trata-se de um fenômeno psíquico descrito como uma definição inicialmente mentirosa, que estimula um novo comportamento e faz com que a concepção original se torne verdadeira (MERTON, 1968), fazendo emergir, para a teoria do *labeling approach*, a maioria das carreiras criminosas.

A teoria criminológica do etiquetamento social (*labeling approach*), desloca a ênfase do delito e do infrator para uma perspectiva dinâmica e contínua que analisa o sistema de controle social e seus desdobramentos. A teoria do etiquetamento foi alvo de críticas por ser meramente descritiva e não possuir, portanto, a força necessária para questionar a estrutura do sistema penal que opera por meio da seletividade e estigmatização. Contudo, a teoria desenvolveu uma ruptura significativa com a escola positivista e trouxe pela primeira vez uma visão política do processo de criminalização para a ciência criminal, também contestou os mecanismos de reação social e confirmou como eles próprios produziam o crime (VERAS, 2006).

Howard Becker (2008), ao argumentar que cada sociedade tem o criminoso que quer, pois define seus crimes, coloca que a lógica do *status* de criminoso é fruto do interesse de classes, essa realidade parece ser compreendida pelo *rapper* a partir

dos versos: "Sistema covarde, filho da puta, gera a revolta, me obriga a ir à luta", "Cano na nuca do burguês engravatado, de joelhos ele pede pra não virar finado".

Aliás, ao passo que assume o rótulo de criminoso, ele afirma não querer "ver a molecada nessa rotina" e complementa "Bebida, cocaína ou perdidos no crack", indicando uma representação social da droga para além das substâncias ilícitas. A preocupação com os filhos é demonstrada pelo desejo de não repetir um ciclo de vida no qual haja problemas com a lei. "Não quero que com meus filhos se repita o meu passado", rememorando sua experiência no sistema socioeducativo e, logo depois, na Penitenciária Estadual de Charqueadas, "Aos 12 na FEBEM, aos 18 lá em Charqueadas, condenado a mais de 30 de reclusão".

A vida é foda, o sofrimento ensina / Não quero ver a molecada nessa rotina / Bebida, cocaína ou perdidos no crack / O rap é revolução é o resgate / Obra de arte, lição de vida / O crime, as drogas, é rotina suicida / Não perdi minha vida, mas perdi parte dela / Foram anos trancado dentro de uma cela / Meu coração tem sequela, a mente ta em conflito / Quero me livrar dos pensamentos maus, mas não consigo / Meu inimigo íntimo foi o tempo / Ele arrastou angústia, mágoa, dor, sofrimento / Por muito tempo fui um nóia fracassado / Hoje sou um MC, em rap, sou viciado / Boto no prato, na seda, no cachimbo / Rap não é moda, rap é compromisso / O meu artigo agora é o Hip Hop / O microfone é minha arma, minha Glock / Vai, tenta a sorte, sistema pode vim / Mas só vão me calar quando Deus decretar o meu fim / Não quero que com meus filhos se repita o meu passado / Aos 12 na FEBEM, aos 18 lá em Charqueadas / Condenado a mais de 30 de reclusão / Rezando pra cair algo na apelação / Fudido nas mãos do sistema capitalista e burocrata / Que te cria, te escraviza e depois te mata / Revoltado eu to na cena / Hoje sou o pesadelo do sistema (CHIKUTA, 2018a).

A frase do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2008, p. 822): "nós temos a arte para não sucumbirmos junto à verdade", se encaixa perfeitamente na representação social do cantor de que "O rap é revolução é o resgate, obra de arte, lição de vida" e de muitos outros jovens e adultos da periferia que driblam o mundo do crime, as drogas, a depressão e até mesmo a morte com o auxílio do rap e do movimento social-cultural *Hip Hop* no todo.

Tendo em vista o pensamento de Nietzsche (2001, p. 272) de que "Toda arte, toda filosofia, pode ser vista como remédio e socorro, a serviço da vida que cresce e que luta: elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores", as narrativas poéticas do *rap* desdobram-se para além de uma expressão artístico-musical, elas são encaradas como um excelente recurso para a tomada de consciência política tanto na esfera individual como coletiva.

O trecho: "O crime, as drogas, é rotina suicida", parece aconselhar os ouvintes a trilhar outro caminho, longe das drogas e da criminalidade. Ainda, utilizando como exemplo a própria história de vida, comenta: "Não perdi minha vida, mas perdi parte dela, foram anos trancado dentro de uma cela", alertando sobre as consequências negativas que a vivência no cárcere provocou em sua vida. Nesse cenário, Duarte (2020) reforça que as pessoas egressas do sistema prisional enfrentam enormes dificuldades de retorno à sociedade, ilustrando que os entraves vão desde a falta de documentos pessoais; a baixa escolaridade; a ausência de assistência jurídica adequada; o desencadeamento ou potencialização de transtornos psíquicos ocasionados pela experiência prisional.

O impacto da prisão na saúde mental do cantor fica latente na estrofe: "Meu coração tem sequela, a mente tá em conflito, quero me livrar dos pensamentos maus, mas não consigo". Trata-se, portanto, de pensamentos frequentes que acometem o sujeito, dos quais não consegue fugir, e que surgem carregados de afeto, representando a doença mental através de situações traumáticas, que causam dor e sofrimento.

Entende-se por trauma psíquico todo evento ou experiência marcante vivida por um sujeito, que lhe causa diversos transtornos e geralmente deixa sequelas. O trauma, por não ser exclusivamente físico, é uma ferida no profundo do *self* que paralisa o pensamento e coloca o sujeito em uma perturbadora solidão, da qual não consegue transcender nem superar, essa impossibilidade de afastar de si o sofrimento, produz ainda mais dor e sofrimento (MIR, 2004).

A atenção à saúde das pessoas em situação de privação de liberdade é um direito que precisa ser garantido, além do diagnóstico e atenção aos problemas de saúde mental, entre outras demandas de saúde dos presos, o sistema penitenciário em si precisa ser repensado, pois são inúmeros os fatores de risco que comprometem a saúde no interior das prisões (SILVA et al., 2015).

Por fim, a música em análise, situa o *rap* como um instrumento capaz de recuperar a dignidade e o protagonismo "perdidos" pelo consumo de drogas e pelos anos na prisão, como pontua: "Por muito tempo fui um nóia fracassado. Hoje sou um MC, em rap, sou viciado", "Rap não é moda, rap é compromisso", "O meu artigo agora é o Hip Hop", "O microfone é minha arma, minha Glock", mostrando que a cultura Hip Hop pode facilitar o envolvimento dos sujeitos com a arte e não com o crime.

A representação social de saúde do *rapper* se relaciona com as produções artísticas do *Hip Hop*, destacando o argumento de Lima *et al.* (2015) de que os encontros e as afinidades entre as artes, a saúde e a cultura conceberam um novo campo interativo de saberes "A saúde passa a ser relacionada, também, com a possibilidade: de experimentar a criatividade, de participar das trocas sociais, de ter acesso às experiências culturais" (LIMA *et al.*, 2015, p. 1020). Os autores também explicam que as expressões culturais e artísticas são reconhecidas pela habilidade de contribuir para a produção de saúde e de subjetividade, conseguindo reorientar as formas do viver, de adoecer e de (se) cuidar.

A segunda canção a ser considerada se chama "Um entre 100", na qual se produz uma crítica ao sistema prisional, chamando a atenção para a inviabilidade da ressocialização pelo encarceramento:

Na prisão, um entre 100 se recupera / Mas não é o sistema, a cadeia não regenera / Não tem nenhum projeto de ressocialização /Aqui, o papo é o crime, sangue bom/ Na prisão, um entre 100, pensa em mudar / Uns sonham com uma fita boa pra se aposentar / Outros pensam em traficar, pra juntar dinheiro / Eu só quero ir embora, um trampo, sossego (CHIKUTA MRS, 2018b).

Observa-se que o *rapper* ocupa o lugar social de egresso do sistema prisional, construindo um discurso que abriga, na sua materialidade, diferentes sujeitos e, consequentemente, diferentes vozes e saberes. Esse lugar social ocupado pelo sujeito define o que pode, o que deve e o que não deve ser dito e serve para qualificar o indivíduo encerrado a uma identidade que reconhece como sua (PEZ, 2008).

Tem-se aqui, por meio da análise do discurso, um olhar sobre a história, para além dos documentos oficiais que, geralmente, contam a história dos "grandes homens" e de seus "grandes feitos" por um ponto de vista tradicional.

O cenário retratado no começo da música: "Na prisão um entre 100 se recupera, mas não é o sistema, a cadeia não regenera. Não tem nenhum projeto de ressocialização, aqui, o papo é o crime, sangue bom", deixa evidente que a esperança no tratamento reeducativo e ressocializador como fim último da pena se perdeu completamente, não apenas para os especialistas, que acreditavam na possibilidade de utilizar o cárcere como lugar e meio de ressocialização, mas também para a massa carcerária (BARATTA, 2007).

Chikuta, além de ser o protagonista da história narrada, assume o papel de testemunha sobre os fatos que presenciou e ouviu de outros detentos, comunicando

que dentro dos estabelecimentos prisionais "um entre 100 pensa em mudar, uns sonham com uma fita boa pra se aposentar, outros pensam em traficar, pra juntar dinheiro". A gíria "fita" é uma das expressões mais utilizadas nas músicas de rap, nesse caso, significa algum tipo de negócio ou atividade capaz de oferecer uma quantidade maior de dinheiro para ter, de fato, estabilidade financeira e, assim, garantir a aposentadoria, levantando a problemática da desigualdade do sistema previdenciário brasileiro.

No que diz respeito a recente reforma da Previdência no Brasil, aprovada pelo Senado Federal em 2019, o mercado deseja que o brasileiro trabalhe mais e ganhe menos com os planos de previdência do governo. Com a promulgação da Emenda Constitucional nº 103/2019, é possível observar que não está sendo assegurado o direito de todos a um tratamento igualitário, conforme aponta os princípios vigentes. O novo modelo previdenciário beneficia desproporcionalmente a elite brasileira e a classe média alta, os beneficiários dos fundos de pensão do setor público incluem expolíticos, militares e funcionários do governo. Portanto, aumentar o tempo mínimo de contribuição sem novas políticas públicas para superar as desigualdades sociais, significa promover uma exclusão ainda mais profunda e desigual dessa medida de proteção social (ARCANGELO; ASSUMPÇÃO, 2021).

Os sujeitos mais prejudicados com a reforma da Previdência são os trabalhadores da construção civil, as empregadas domésticas e outros ramos que envolvem a prestação de serviços esporádicos, muitas vezes, informais.

Dando continuidade, além de descrever o universo prisional, o *rapper* produz reflexões sobre um passado anterior ao cárcere, deixando nítido uma certa relação entre amigos, contexto social e o consumo de substâncias psicoativas:

Já não ligo pra cordão de ouro, nem pra moto do ano / Também não ligo pra quelas que diziam eu te amo / Cadê os mano? firmeza lado a lado / Só eram meus amigos quando eu tinha pó pra pôr no prato / Quando bancava rodadas de cerveja, as gurias eram todas minha / Todas cercavam minha mesa / Era cerveja, whisky e drogas a vontade / Mas as amizades, nem todas eram de verdade (CHIKUTA, 2018b).

As fratrias sempre estiveram presentes na história humana e mesmo que tenham adquirido novos formatos nas sociedades contemporâneas, são formações grupais onde os sujeitos se encontram e sentem-se unidos por elementos que os ligam, como: objetivos, crenças, percepções, gostos, dentre outros. Essas conexões integram um modelo ou um ideal com o qual todos os membros se identificam e se

reconhecem mutuamente. A exemplo, na civilização grega, após o jovem ser apresentado à fratria pelo próprio pai e aceito pelo grupo, adquiria o direito de participar da comunidade adulta e de seus privilégios (LEGNANI *et al.*, 2012).

Segundo os autores supracitados, os elos entre as fratrias na pósmodernidade estão em declínio, como expresso no trecho: "Cadê os mano? firmeza lado a lado, só eram meus amigos quando eu tinha pó pra pôr no prato", em virtude de um esvaziamento simbólico do papel dos representantes da lei, também representados nas figuras dos pais, das leis e dos deuses, enfim, do outro. A partir dessas profundas alternações nos ideais clássicos de família, sociedade, leis, entre outros aspectos, os grupos jovens atuais se unem em função da situação de desamparo em que vivem (LEGNANI et al., 2012).

Sendo assim, o grupo exerce forte influência sobre a formação subjetiva do sujeito, buscando na fratria um espaço de expressão e elaboração de novos sentidos e valores, ressignificando sua inserção no laço social e discursivo, ligações estas que podem ser consideradas saudáveis ou degradantes em determinada sociedade.

Nesse cenário, quando as oportunidades sociopolíticas e econômicas frustram o acesso ao mundo produtivo e à emancipação econômica, a juventude pode assumir características particulares, estabelecendo consequências importantes, como o distanciamento do núcleo familiar ou a falta de identificação entre as gerações, demostrando que as diferenças sociais e culturais determinam os discursos dos jovens (COELHO, 2021).

No contexto socioeconômico e cultural de desamparo social, do qual vivem os participantes desta pesquisa, é perceptível os reflexos da desigualdade social em suas narrativas.

O exagerado apreço ao consumo, já explícito na canção "Visão Retrô" pelo rapper Maciel, emerge agora nas palavras do rapper Chikuta sob outro prisma, a partir do consumo de substâncias psicoativas, como mostra as partes: "Quando bancava rodadas de cerveja, as gurias eram todas minha, todas cercavam minha mesa", "Era cerveja, whisky e drogas a vontade". Então, concordando com Coelho (2021), o que antes era transmitido pela autoridade simbólica - família e religião - perde a sua relevância, e o novo pacto social é mais direcionado ao culto do corpo, a imagem de sucesso e ostentação, um reconhecimento do outro enquanto consumidor,

independentemente dos caminhos trilhados para alcançar essa qualidade de consumidor.

Entretanto, mesmo diante desse cenário social de fragilização dos vínculos familiares, das amizades e dos relacionamentos amorosos, é marcante em todas as letras de *rap* analisadas a presença de intensos e recorrentes discursos sobre o valor da família, dos amigos e a importância de se constituir laços afetivos sólidos.

Por trás das grades, com o tempo aprendi / Que o verdadeiro amigo nunca esquece de ti / Brown, Gagi, obrigado de coração / Guido, mano Davi, eu to firmão / Ligo o nego LG, que eu não desisti / O rap é minha alma, vou pelear até o fim / Irmãos, daria o mundo pra ver meus filhos agora / Daria o dobro pra não ter que vê-los ir embora / Daria o mundo pra ver meus filhos sorrindo / Daria o dobro pra tê-los sempre comigo / Longe do perigo, longe das armas, das drogas / Longe da vida do crime, porra, essa vida é foda / Muita mãe chora a perda de seus filhos / As drogas, a inveja, a ambição mata milhões por dia (CHIKUTA MRS, 2018b).

A paternidade do *rapp*er é marcada por sentimentos como perda, saudade e arrependimento. As falas investidas de afeto e sofrimento, além de comoventes, manifestam uma grande preocupação com os filhos e sinalizam uma sensação de impotência por não conseguir exercer o papel social de pai protetor, devido ao distanciamento provocado pela situação de privação de liberdade. A problemática é reforçada por Miranda (2016), ao contextualizar que a experiência da paternidade no sistema prisional e suas implicações familiares têm sido negligenciadas pelo controle penal, pela sociedade e suas políticas públicas, como também pelas pesquisas científicas que pouco abordam a temática da paternidade no âmbito da privação de liberdade.

Os versos seguintes parecem fazer menção aos chamados "crimes do colarinho branco", aqueles crimes praticados por pessoas de respeito e elevada classe social no exercício de suas atividades profissionais.

A sociedade, hipócrita, mata, fere e fica impune / Sé comigo, eu to fudido pelo júri [...]/ Os contra já tem mansão, tem carro e moto importado / E nóis que tamo nas quebrada se matando e morrendo por nada / Os meus mano, que não tão morto, tão atrás das grades / E a família, no mundão, passando dificuldade (CHIKUTA MRS, 2018b).

Desenvolvido pelo sociólogo norte-americano Edwin Sutherland em 1939, o conceito de crime do colarinho branco procurou dar ênfase a posição social dos criminosos – esse lugar simbólico ocupado por certos indivíduos seria o fator determinante do seu tratamento diferenciado, privilegiado – instigando no campo

científico os primeiros estudos sobre o comportamento de empresários e políticos como autores de crimes profissionais e econômicos. A proposta de Sutherland buscou a verdadeira origem da criminalidade nos valores de todo o sistema social, ampliou o campo de estudos da criminologia e trouxe novos elementos para as discussões sobre as causas dos crimes na totalidade, saindo do circunscrito universo das áreas de pobreza e de seus habitantes (VERAS, 2006).

O mesmo autor destaca que ainda hoje as concepções de Sutherland são recebidas com ressalvas, pois negam a eficácia das políticas de assistência social como única medida de combate à criminalidade, como torna mais complexa a adoção de medidas de política criminal que precisariam desempenhar uma reforma mais abrangente dos valores socioeconômicos já firmados para atingir as classes sociais mais elevadas. A criminalidade do colarinho branco não se difere da comum, das classes mais baixas, mas os crimes das classes mais baixas são perseguidos por policiais, juízes e promotores, e punidos com prisão. Já os crimes executados por pessoas de classes superiores não geram ações oficiais, reparações de danos em juízos cíveis, nem são sancionados na esfera administrativa com advertências, perda de licenças ou multas (VERAS, 2006).

Os versos finais estão direcionados especificamente para os seus iguais, os laços afetivos entre amigos e família aparecem novamente, enquanto são reforçadas as possíveis consequências da criminalidade:

Valorize a liberdade, a família, os amigos / E se for, vai de verdade, porque não dá pra brincar no crime / Aqui, não é novela, nem filme de ficção / Se mosca é cadeia ou corpo estendido no chão (CHIKUTA MRS, 2018b).

As análises produzidas até aqui já seriam suficientes para sustentar o posicionamento dos *rappers* em defesa das relações familiares, amorosas e de amizades. Entretanto, para ampliar a compreensão dos sentidos atribuídos às experiências afetivas e desenvolver reflexões a respeito dos papéis sociais exercido pelos sujeitos inscritos nas canções, também especialmente por trazer, simultaneamente, o olhar de dois integrantes desta pesquisa, escolhi analisar nesse momento alguns trechos da música *"Regressos do Sistema"*, composta pelos *rappers* Tampa Di Teto, Nego Gilson e Chikuta MRS.

A noite cai / mais um dia que vai / só concreto e aço livra-nos ó pai / de toda a maldade que se vê só no olhar / cadeia nunca queira vir para cá / Vi vários chegar e poucos ir embora / quando tu tá preso a mãe aqui em casa chora / é foda / mas logo, logo tamo indo rever toda família / churrasco no domingo / vai ser lindo [...] / Lágrimas correm no rosto / tô me sentindo indisposto / minha mãe tentou me educar / mas sempre fui o oposto / Pra ela só dei desgosto / me viu de ferro na mão [...] / Ela desceu do busão, veio na reta correndo / me deu um abraço apertado [...] / agora estou entendendo o que minha mãe me dizia / que tudo que eu fizesse um dia eu pagaria / Paguei com minha liberdade / sem poder ver a cidade e dos meus filhos pequenos eu sinto tanta saudade / Sem poder ver a verdade do que se passa lá fora / não ta perto da minha nega / quando sozinha ela chora / mas quando chegar a hora de se abrir o portão / eu agradecerei de joelho, fazendo uma oração (TAMPA DI TETO; NEGO GILSON; CHIKUTA MRS, 2021).

Não é raro a presença das mulheres e de seus papéis sociais nas canções de rap. No discurso inicial: "quando tu tá preso a mãe aqui em casa chora", a figura materna aparece representada e inserida no ambiente do lar, o espaço privado, reafirmando a perspectiva naturalizada de fragilização e vitimização da mulher que sofre e luta para manter a família e os filhos unidos. Segundo Matsunaga (2008), a figura da mãe continua sendo um modelo de identificação que determina a identidade da mulher através da dimensão biológica, associado à natureza, perpetuando um imaginário social sobre as funções atribuídas a mulher na sociedade patriarcal, em especial, no cuidado da casa e dos filhos.

Na lógica da maioria das músicas de *rap*, como na letra em questão -"minha mãe tentou me educar, mas sempre fui o oposto, pra ela só dei desgosto, me viu de ferro na mão, ela desceu do busão, veio na reta correndo, me deu um abraço apertado", "agora estou entendendo o que minha mãe me dizia, que tudo que eu fizesse um dia eu pagaria, paguei com minha liberdade" – a mãe é responsável pela educação dos filhos e por fazer deles um sujeito íntegro, elas são idealizadas como mulheres "boas", "decentes" e dignas de amor dos filhos por cuidarem deles desde sempre (CABRAL, 2019).

O discurso se apoia na ideologia de que toda mãe se doa, existe e morre em função do filho, fazendo de tudo para que ele não se torne um "marginal", um estereótipo construído socialmente sobre a mãe que por natureza ampara, protege e ama incondicionalmente o seu filho, um amor puro e genuíno capaz de conceder o perdão mesmo quando este "erra" (MATSUNAGA, 2008). A mulher, além de ocupar o papel social de mãe, também aparece representada no *rap* como companheira/esposa que sofre sozinha, sem o consolo do companheiro que está em situação de privação de liberdade, como expressa a frase "não tá perto da minha nega, quando sozinha ela chora".

# 7.1.3 Músicas do *rapper* Nego Gilson

Como se pode perceber, as convenções sociais de gênero sobre os padrões de masculinidades e de feminilidades dominam constantemente as narrativas dos *rappers*. Essas relações sociais de poder entre homens e mulheres, agora são tratadas na música "Dia das Mães", de Nego Gilson.

Esse rap aqui / vai em homenagem as coroinha / que tão sempre com o cara / não importa o que o cara é / o que o cara foi / Mas tão com o cara / independente do que tu vai ser ou não / Se tu for ladrão / se tu for traficante / se tu for trabalhador / Tua mãe vai te amar do mesmo jeito / entendeu / É a única mulher que não importa a situação que tu tiver / Ela vai tá contigo / Então se tu puder agora dá um abraço na tua coroa / Que tem vários amigo que queria e não pode / tá ligado (NEGO GILSON, 2020a).

A mãe é homenageada e exaltada na letra, sendo representada por uma benevolência que quase a transforma em um ser santificado. Para Morais e Ornat (2018), os MCs elaboram seus elos de afeto e/ou conflito no espaço doméstico com a família, podem-se desenvolver tensões ou vínculos que irão se estabelecer posteriormente em suas composições artísticas, bem como a partir de outras canções que não são de autoria própria, mas que influenciam em suas produções.

É interessante observar que as mães, além de associadas a espacialidade "casa", são citadas ao lado de temas como criminalidade, prisão, consumo e tráfico de drogas, dando a entender que mesmo diante de uma realidade difícil o sentimento de afeto com relação ao seu filho é preservado. A ideia de que a mãe "é a única mulher que não importa a situação que tu tiver, ela vai tá contigo", parece indicar nas entrelinhas a existência de um tipo de mulher "mercenária" e "ambiciosa", que não tem o verdadeiro interesse no homem ou amor por ele, podendo trocar de companheiro, dependendo da situação, classificando as mulheres, segundo Cabral (2019), a partir da dicotomia "boa" e "ruim", isto é, a mulher que "presta" e a mulher que "não presta".

Ei, mãe, senti saudade da senhora / dentro do lugar eu vi que um homem chora / mas sei que o senhor me abençoou e hoje podendo cantar pra senhora estou / A vida com a senhora foi deselegante / te deu um filho assim, caído cadeirante / o outro traficante, o outro deselegante / Mas mãe, eu quero mudar bastante / Quero ver a senhora com um sorriso no rosto / Me acordo a cada dia, sempre bem mais disposto / E mãe, tudo isso que um dia eu tenho passado / Talvez a senhora não viu e eu tinha chorado / Mas to lembrando, mãe, do que passei / Mas toda vez que da senhora eu me lembrei / Eu me fortifiquei e fiquei bem mais forte / Confesso que às vezes pensei até na morte / Mas hoje to de volta e posso te abraçar / Pra comer um churrasco, posso te convidar (NEGO GILSON, 2020a).

As convenções de gênero que validam atributos básicos de masculinidades como força e agressividade, o que implica renunciar aos sentimentos, aparecem associados ao espaço carcerário e desnaturalizadas no trecho acima. O pensamento disseminado socialmente de que o homem "não pode chorar, nem ter sentimentos" produz impactos negativos sobre a saúde do homem, como é perceptível na fala do *rapper* que confessa: "às vezes pensei até na morte".

A exemplo, o suicídio é uma das principais causas de morte no Brasil e no mundo, segundo a Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina (2021), de acordo com o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), foram 769 mortes por suicídio registradas em 2020 no Estado, dos quais 611 (79%) foram cometidos por pessoas do sexo masculino. Até julho de 2021, a proporção manteve-se semelhante, com 416 registros, sendo 366 do sexo masculino. No período de 2017 a 2020, a maior proporção dos óbitos concentrou-se na faixa etária de 30 a 59 anos.

O machismo estrutural é passado de geração em geração, quase inconscientemente, o impacto disso está na maior taxa de suicídio entre o sexo masculino. Dessa forma, o machismo não prejudica apenas social e individualmente as mulheres, vítimas de violência, assédio, poucas oportunidades de emprego, salários menores, entre outros problemas, mas também tem um impacto negativo na vida e na saúde dos homens. É necessário, portanto, ampliar o debate sobre este assunto no campo das políticas públicas para que as ações alcancem efetivamente toda a população que sofre as consequências do machismo.

Nesse cenário de medo e insegurança que é o ambiente prisional, o imaginário simbólico religioso ganha destaque através da frase: "mas sei que o senhor me abençoou", retratando que a religião ainda se faz presente nos discursos modernos. O caminho percorrido até aqui possibilita identificar nas narrativas poéticas os elos entre o rap brasileiro e as crenças, demostrando especialmente a proximidade dos rappers com a tradição cristã, que buscam na fé a sobrevivência, a "salvação" contra a violência policial, o racismo e a desigualdade social.

Retomando a leitura de Fraser (2006), o evangelicalismo dá as pessoas um discurso e uma série de práticas através das quais elas conseguem gerir o sentimento de insegurança, mas não possibilita uma segurança real as pessoas. Para a autora, o evangelicalismo é uma tecnologia do cuidado-de-si que, em parte, tem o efeito de

transmitir aceitação, mas também preparar as pessoas para os problemas de tempos difíceis, oferecendo uma falsa sensação de esperança e acolhimento.

Os rappers, como herdeiros dos desfechos do processo de escravidão/colonização e consequentemente da pobreza e marginalidade, muitas vezes compreendem o cristianismo, não como parte de um projeto colonizador, de genocídio e poder. Eles encontram na Bíblia "narrativas de sobrevivência", de encantamento da vida, que garantem não só a "salvação da alma", mas o livramento da morte, da prisão e da desesperança causada pelas injustiças sociais (ROCHA, 2022).

Mãe! eu estou aqui e digo que eu te amo / quando sinto medo na madruga é teu nome que eu chamo. / Oh mãe / eu quero te dizer que estou aqui / sei na minha vida / tudo aquilo que eu já vivi. / Já morei na rua / dormi pelo relento / fazia malabares nas geral da Bento. / Talvez os manos nunca vão me entender / mas eu digo pra você que meu irmão Ailson / que eu to cuidando / não é por gratidão / sim é porque eu amo / E mãe! é a senhora que tá junto comigo / dia a dia / nessa batalha / nesses utensílios. / E talvez os manos não vão me compreender / quando eu faço esse rap / mãe / que é só pra você! / Te amo tanto e queria te falar / Mãe / seu dia nunca vai se acabar (NEGO GILSON, 2020a).

Falar sobre o papel social da mãe e de como este tema está envolvido com a saúde mental dos sujeitos não é tarefa simples. Trata-se de um tema delicado, uma vez que engloba papéis, funções e relações sociais. A função mãe visa produzir a ponte entre subjetivo e objetivo, entre ilusão e realidade. A relação inicial com a mãe é importante para o desenvolvimento emocional primitivo do ser humano, essa relação entre mãe e bebê é constituída primeiramente por suas necessidades, para sua satisfação e, ao passo que vai se desenvolvendo, formam-se laços, vínculos e comunicações (MADEIRA, 2009).

Amparando-se na perspectiva da autora citada acima, a categoria "mãe" parece remeter aos *rappers* a algo divino e perfeito, provavelmente por envolver a concepção e criação de um ser humano, enquanto uma tarefa divina da mãe, que transcende o mundo físico. Partindo de Winnicott, Madeira (2009) coloca que a mãe ideal é um ser divino e sublime, mas será possível uma mãe ser tão perfeita assim? Se for verídico que as mães alicerçam a saúde mental de seus filhos na relação mãebebê, então as mães necessitam de suporte contra suas inseguranças, seus medos. Elas precisam de orientações sobre as ameaças que existem em um ambiente desfavorável para a saúde mental de seus filhos.

Ainda segundo Madeira (2009), a mulher nem sempre está psicológica e fisicamente preparada para a função de ser mãe, as mulheres nem sempre estão na condição de suprir seus desejos com filhos, pois os seus desejos também estão para além deles. Desmistificar o conjunto de mitos sobre o amor materno provavelmente é o melhor caminho para preparar a relação mãe-filho, uma vez que nem todas as mães contemporâneas aceitam a renúncia de seus desejos em prol dos filhos. O desempenho da função-mãe e da relação mãe-bebê é de grande importância para a formação do sujeito saudável e as falhas nessa díade podem ser devastadoras para a saúde mental humana.

Na música "Eu Vi", Nego Gilson descreve a infância como um momento difícil de sua vida, expondo as condições precárias de alimentação e moradia do bairro onde cresceu.

Sou fruto da geração que às vezes não tinha pão / tremia o chalé / a mãe fazendo oração / pedindo a Deus proteção / pro chalé não derrubar / o temporal e a enchente quase a nos afogar / Me lembrei que tudo aqui era muerão / me lembrei que a minha praia era os barreirão / me lembrei que tudo tá mudado meu irmão / mas salve, salve, o meu jeito é a minha geração (NEGO GILSON, 2021).

A frase: "o temporal e a enchente quase a nos afogar", chama a atenção para o cenário de inundações que vêm ocorrendo de forma cada vez mais acentuada e frequente, principalmente nos grandes centros urbanos, atingindo mais intensamente às populações pobres, vulneráveis e marginalizadas (XIMENES, 2010).

A angústia relacionada às enchentes e o medo de desmoronamentos são exteriorizadas no trecho: "tremia o chalé, a mãe fazendo oração, pedindo para Deus, pro chalé não derrubar". O depoimento traz o sofrimento de pessoas envolvidas em situação de desastre natural, um acontecimento que produz traumas, rompe com projetos de vida, provoca perdas, doenças, desorganiza os vínculos e os espaços sociais.

Conforme o conceito que consta no glossário da Estratégia Internacional de Redução de Desastres (EIRD), o desastre natural é um evento que apresenta duas características importantes, que podem ser combinadas ou não. A primeira, é produzir uma séria interrupção no funcionamento normal de uma comunidade ou sociedade, afetando seu dia a dia. Essa interrupção engloba, em simultâneo, perdas materiais e econômicas, bem como danos ambientais e à saúde das populações, por meio de agravos e doenças que podem resultar em óbitos imediatos e posteriores. A segunda

característica é ultrapassar a capacidade de uma comunidade ou sociedade afetada em lidar com a situação utilizando seus próprios recursos, podendo resultar em um aumento das perdas, danos ambientais e na saúde para além dos limites territoriais em que o evento aconteceu (OPAS/MS, 2014, apud NARVÁEZ et al., 2009).

De acordo com Ximenes (2010), A Política Nacional da Defesa Civil classifica as enchentes como sendo um desastre natural, provocados por fenômenos e desequilíbrios da natureza de origem externa que atuam independentemente da ação humana. Contudo, tal definição nos leva ao entendimento de que existe algo equivocado na classificação das enchentes enquanto desastre natural, pois apesar de o fenômeno das enchentes estar associado às condições climáticas de origem externa, é amplamente conhecido que o homem tem influência direta sobre as enchentes e a literatura comprova esta relação através da delimitação de inúmeros fatores agravantes das inundações, de modo que é possível perceber a responsabilidade da ação humana sobre a amplitude e gravidade deste tipo de desastre. Portanto, em sentido restrito, não há desastre puramente natural.

Os desastres naturais ainda são pouco pesquisados e compreendidos no âmbito da Saúde Coletiva no Brasil. Os impactos destes desastres sobre a saúde das populações não se limitam apenas aos de curto prazo, mas envolvem também os efeitos de médio e longos prazos. No curto prazo de tempo, entre horas e alguns dias, a maioria dos registros produzidos abrange ferimentos leves, graves e óbitos. O segundo momento, no período entre dias a semanas, é caracterizado pela ocorrência de algumas doenças transmissíveis, a exemplo da leptospirose e doenças diarreicas, podendo agravar quadros clínicos de doenças não transmissíveis em pacientes crônicos, a exemplo da hipertensão (FREITAS *et al.*, 2014).

Nesta fase, é imprescindível instituir e ampliar ações de vigilância, controle e prevenção de doenças, além de reabilitar os serviços necessários à assistência à saúde, entre outros serviços essenciais, como o abastecimento de água e alimentos. Já em um espaço maior de tempo, entre meses e anos, os impactos na saúde dizem respeito aos transtornos psicossociais e comportamentais, as doenças cardiovasculares, desnutrição e a intensificação das doenças crônicas não transmissíveis (FREITAS et al., 2014).

No desenrolar da música, Nego Gilson segue compartilhando as próprias vivências, relembra serem os mourões de madeira que sustentavam o chalé, ou seja,

a casa onde morava com sua família: "Me lembrei que tudo aqui era muerão". Similarmente, resgatando o passado vivido, a frase: "me lembrei que a minha praia era os barreirão", refere-se a barragem Santa Bárbara, localizada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Diante disso, é importante destacar alguns aspectos da história local, uma vez que a vivência pessoal do *rapper* apresenta profundas relações com o processo histórico do município.

Segundo Peter (2004), as margens do arroio Santa Bárbara, entre 1850 e 1976, não eram bem-vistas pela classe dominante senhorial, pois serviam de entretenimento para os escravos da cidade. Mais adiante, em 1921, a área do arrio já estava completamente envolvida pela urbanização, as ruas foram abertas e pavimentadas, retirando a vegetação que impedia a ação erosiva das águas pluviais, ergueram-se prédios que prejudicavam mais ainda o escoamento natural das águas, contribuindo para o aumento das enchentes e inundações nos arredores das várzeas da cidade.

Na época, embora já houvesse preocupação do poder público com as questões de saneamento e higiene da população, algumas fábricas jogavam seus resíduos industriais no arroio, o próprio hospital da cidade depositava restos de lixo hospitalar na região. No intuito de solucionar o problema das enchentes e da falta de água, na década de 50, o arroio teve seu curso retificado e canalizado a partir da Barragem Santa Bárbara, materializando a Estação de Tratamento de Água da cidade. Além dos problemas sobre a canalização de rios e arroios, para agravar a situação, a cidade continuou crescendo, e a população passou a ocupar algumas áreas aterradas do antigo arroio (PETER, 2004).

Schiavon et al. (2011) apontam que o Canal Santa Bárbara continua poluído, é utilizado como depósito de lixo, o esgoto doméstico e os dejetos advindos das indústrias são jogados diretamente no canal, produzindo mau cheiro e a proliferação de mosquitos. Por essa razão o solo fica contaminado, propiciando o aparecimento de doenças para a população.

Assim, as memórias de infância do compositor são típicas de quem viveu em bairros com sérios problemas de infraestrutura, de serviços públicos elementares para o desenvolvimento socioeconômico de qualquer região, a exemplo do saneamento básico. É nesse cenário de insegurança social e ausência de políticas públicas em favor dos cidadãos brasileiros, que o final da música soa como uma oração:

Eu vi esse Dunas se criar / eu vi quem seguiu na fé pro seus filhos criar / e a minha mãe seguiu / eu vi também a fé os seus filhos guiar / eu vi também na fé os seus filhos criar / e tenho pedido paz / simplesmente paz / Ei! Nova geração / respeitem os seus pais / porque eles te amam demais / parem com a putaria / só orgia não te leva a nada mais / eu vi nesse Dunas se criar / eu vi com os meus próprios olhos tudo aqui começar (NEGO GILSON, 2021).

A narrativa religiosa novamente aparece como um caminho alternativo, de esperança e salvação para os excluídos da nossa sociedade. Os versos se relacionam diretamente com a questão da fé, falam de uma esperança em Deus que faz as pessoas seguir em frente, "na fé pro seus filhos criar".

A moral evangélica e seus códigos de conduta também aparecem através de um apelo para a nova geração "Ei! Nova geração, respeitem os seus pais, porque eles te amam demais, parem com a putaria, só orgia não te leva a nada mais". Para Mendes (2020), esses códigos de tabus, dizem respeito ao que é proibido e ao que é permitido ao crente, conforme um determinado entendimento da Bíblia, na intenção de agradar a Deus.

A exaltação da tradição, família e propriedade, emergiu com slogans próximos ao que recentemente tem sido vinculado pelo movimento evangélico como: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". É diante deste cenário de sofrimento, dor, medo, angústia e incertezas em relação à vida, ao mundo e ao futuro que a espiritualidade se manifesta como oportunidade de transcendência e de superação (MENDES, 2020).

O início da música "Vivenciei", também pode ser pensada com base no parágrafo exposto acima:

Hoje foi mais um dia loco que eu vivenciei /As sete horas da manhã / cedo me acordei / To sempre pronto pra batalha / então fui e lutei / Com as armas do meu senhor, meu verdadeiro rei / Eu sei que o mundo tá bem loco / ta tudo um caos / Mas acredito que um dia volte ao normal / O importante é que a gente não perdeu o astral / E ainda existe aquele Rap / que fale a real /E o importante é que as barreiras estão sendo quebradas / E que a atitude do gueto, segue na mesma pegada (NEGO GILSON, 2020b).

Contudo, apesar de mobilizar em suas letras uma série de narrativas cristãs, o *rapper* parece não concordar com as ideias incorporadas pelo ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro:

E que se foda o Bolsonaro e mais um bando de otário / Que diz que presidiário / o auxílio não vai levar / Quero mais que vocês suma / E que a terra consuma todo esse teu mau olhar [...] / Que o dia da cobrança logo / logo vai chegar / E Bolsonaro eu quero ver / pra onde tu vai corre / Quando o povo se revoltar e a bala for comer /E as mesmas armas / que cê liberou vão matar você / Seja com balas de oitão ou rajadas de repe / Eu to tranquilo na quebrada / suave

no lado leste / Sempre a mesma caminhada / ir pra casa / pro trampo e rap (NEGO GILSON, 2020b).

Ao final da canção, Gilson enfatiza sua insatisfação com a conjuntura política do país, o que possibilita analisar o fenômeno denominado "onda conservadora" – que levou Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018 –, que articula, em diferentes níveis, pelo menos três linhas de forças sociais. A primeira diz respeito ao discurso do "Estado mínimo", de cunho liberal, que preconiza a privatização de bens e serviços públicos. Dessa forma, o esforço individual e a iniciativa privada são valorizados em detrimento das políticas públicas de natureza compensatória, afirmativa e identitária dos governos petistas.

A segunda linha de força, diz respeito à moralidade e aos costumes, regidos pela religião evangélica. Por sua vez, a última linha, aponta para as posturas mais repressivas e punitivas dos órgãos de "segurança" do Estado. São movimentos políticos, reivindicações coletivas e ações governamentais que visam aumentar a violência do Estado sobre a população, como a redução da maioridade penal, o armamento da população, o endurecimento penal, o encarceramento em massa, entre outros, que afastam cada vez mais a população do universo dos direitos (ALMEIDA, 2019 apud FELTRAN, 2011).

# 7.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A respeito das entrevistas, o método utilizado possibilitou aos informantes total liberdade para se narrar e se constituir ao longo desse percurso. É pelo discurso que os sujeitos, nesse caso, os *rappers*, criam e mantêm vínculos afetivos, familiares, sociais e compartilham modos de ser, pensar e agir no mundo, ao passo que constroem os imaginários sociais sob os quais convivem (MACHADO; MELO, 2016).

A pessoa que se dedica a contar sua própria vida, torna-se tanto o autor quanto o protagonista de uma história narrada à sua maneira, utilizando estratégias linguageiras que mais lhe convêm para dar a si mesmo e à sua vida os contornos que mais lhe agradam, mesmo que isso ocorra de forma inconsciente (MACHADO; MELO, 2016).

Foram realizadas três entrevistas na modalidade presencial e individual, em ambientes escolhidos pelos próprios informantes: Nego Gilson, Chikuta MRS e Maciel Aranda Magnus. As narrativas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra pela

própria pesquisadora, de modo que os silêncios, as rupturas sintáticas e as dúvidas foram consideradas e marcadas por reticências. Para as anotações, como, por exemplo: *risos*, utilizou-se o grifo. O texto foi organizado por meio de parágrafos, respeitando as particularidades de cada linguagem, as pausas breves e longas, as expressões e os sinais de pontuação.

Toda contribuição do falante é repleta de significados, os gestos, sons, interjeições e expressões, como "han..." podem indicar uma pausa maior no relato, "hum..." pode sinalizar que pessoa está pensando no que dizer. A gíria "tá ligado!?" apareceu com frequência nas entrevistas, usada tanto no sentido interrogativo "tá ligado?", "tá entendendo?", quanto no sentido afirmativo "tá ligado!", "tá sabendo!". Então, para interpretar uma expressão ou enunciação é preciso considerar os aspectos daquele contexto: quem são os sujeitos, onde estão, como estão situadas no mundo e como constroem suas representações no evento discursivo (MISHLER, 1986 apud SANTOS; BASTOS, 2013, *grifos da autora*).

Aliás, também foi constante nas entrevistas o emprego da expressão "bah!", "bah..." típica do povo gaúcho e, dependendo do tom de voz e das associações com outras linguagens corporais, poderá representar tristeza, espanto, alívio, dúvida, alegria, entusiasmo, inconformidade, dentre outros.

É importante frisar que, apesar de contemplar o aporte teórico de vários autores que se dedicaram à análise do discurso de origem francesa, o caminho interpretativo e a pesquisa no seu todo são transdisciplinares e flexíveis, não privilegiando de forma estrita um só método e/ou perspectiva, uma vez que, dada a natureza do estudo, foi necessário integrar outros instrumentos para responder aos objetivos em questão.

Nesse sentido, McCotter (2001) alerta que a teoria orienta os pesquisadores sobre os processos de investigação, oferecendo um ponto de partida e uma certa direção, mas não indica um destino específico, apenas concede uma variedade de escolhas e direções, cabendo ao pesquisador determinar os pontos de sua jornada, sentindo a direção que deseja tomar.

Para facilitar a leitura, organizou-se essa seção da seguinte forma: na primeira parte, trata-se sobre o diário de campo. Na sequência, a partir das entrevistas narrativas, apresenta-se um panorama das histórias contadas, os enredos foram resumidos e reúnem dados sobre o cenário social, pessoal, histórico, econômico,

profissional, familiar, além das doenças anteriores, cuja função é proporcionar um olhar mais amplo sobre os contextos de vida.

Por fim, na terceira etapa, com base na Análise do Discurso, evidencia-se como as temáticas estão materializadas nos enunciados, organizando os segmentos das entrevistas segundo os discursos mais recorrentes, buscando nas entrelinhas dos discursos conhecer as representações sociais de saúde-doença dos sujeitos.

### 7.2.1 O diário de pesquisa

O diretor do Instituto Parrhesia Erga Omns (Orlando Vitor Noal Neto), também conhecido como *Rapper* Sinistro, sugeriu em uma conversa telefônica que seria interessante aplicar as entrevistas na casa dos participantes do estudo, sinalizando sobre a importância de conhecer pessoalmente a realidade por eles vivenciada, colocando-se à disposição da pesquisadora para acompanhá-la nesse percurso.

Dias depois, Orlando entrou em contato novamente, informando que Chikuta havia nos convidado para se hospedar na sua casa, na cidade de Pelotas/RS. Então, aceitamos o convite, arrumamos as malas e partimos no dia 28 de maio de 2022. Chegamos a Pelotas por volta das 19:00 horas e, a fim de colaborar com a nossa estadia, fomos direto fazer umas compras no supermercado.

O rapper e a sua família nos receberam muito bem e, logo quando chegamos, fomos convidados a nos sentarmos à mesa, pois o jantar já estava servido. Enquanto saboreávamos a deliciosa refeição, eu aproveitava o momento para explicar os motivos pelos quais eu estava ali. Embora fosse o meu primeiro contato com a família do rapper, me senti acolhida, a sua companheira se mostrou bastante receptiva, falando abertamente sobre diversos assuntos, como a respeito da rotina familiar, educação dos filhos, vivências pessoais, familiares e outros.

Os filhos pareciam empolgados com a ideia de pesquisar a trajetória de vida e artística do pai e, terminado o jantar, eles me convidaram para assistir os clipes musicais que mais gostavam. Eu pensava que eles iriam colocar uma música de *rap*, porém começou com *funk*, depois, a pedido do pai, escutamos alguns *raps*. Nesse momento percebi que o *rap* ainda está afastado da maioria dos jovens, talvez por ter seu foco em conteúdos políticos e ser um gênero musical pouco tocado nos meios de comunicação. No entanto, o filho mais novo comentou que também canta *rap* e mostrou uma de suas músicas.

No dia seguinte, por volta das 11:00 horas, Nego Gilson apareceu com seu filho na casa de Chikuta, eles são amigos há bastante tempo e possuem músicas gravadas em conjunto, inclusive, uma delas (Regressos do Sistema) foi alvo de análise desta pesquisa. Naquela ocasião, Chikuta posicionava próximo à porta da garagem algumas poltronas, formando um círculo. E ali, estava a pesquisadora, imersa no campo, participando de uma roda de conversa formada espontaneamente pelos *rappers*.

Orlando Vitor, introduziu o debate falando a respeito da Revisão Periódica Universal desenvolvida pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU, explicando que é um tipo de prestação de contas dos países membros sobre a situação dos direitos humanos e que, em novembro de 2022, o Brasil passará por essa revisão, e complementa: "a questão da RPU tá dando grana pras ONGs, eles tão sempre usando nossas imagens, das nossas crianças, da nossa deficiência... tipo, dos jovens, dos presos, dos projetos e pra nós não vem nada nunca mano!". A partir disso, diversos assuntos foram surgindo, falamos sobre políticas públicas, politicagem, movimentos sociais, oportunidades de vida, sistema prisional, educação, violência, uso de drogas etc.

Conversamos bastante, até que a companheira de Chikuta nos chamou para almoçar. Quando entrei na sala, percebi que ela havia preparado um banquete para todos nós, um total de onze pessoas (seis crianças e cinco adultos). A mesa estava posta e, ao lado, no rack de madeira, havia travessas de salada, arroz, carne de frango, feijão e batata frita. Todos foram se acomodando pela sala, tinha gente sentada à mesa, no sofá e nas cadeiras de madeira espalhadas pela sala. Depois do almoço, das conversas e risadas, enquanto as crianças brincavam na garagem, a primeira entrevista aconteceu com Nego Gilson, em um dos quartos da casa e teve duração de 44 minutos.

Inicialmente nos sentamos frente a frente, e comecei a explicar o que eu estava fazendo ali e o quanto o relato dele poderia colaborar com a minha pesquisa, sem dizer o tema exato que eu estava buscando estudar. Apesar disso, ele sabia que eu era enfermeira e provavelmente suspeitava que se tratava de algo relacionado a saúde. Na sequência, lemos juntos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após assinado, coloquei o gravador sobre a mesa.

Gilson tem uma linguagem específica, que raramente aparece no espaço formal e acadêmico, utiliza gírias ligadas ao dialeto periférico que expressam a realidade vivenciada por ele em sua comunidade. O *rapper* apresentava uma fala rápida, não linear, alterando entre o passado e o presente, parecia estar focado e interessado em contar a própria história, além de demonstrar estar à vontade em falar de sua vida.

Apesar de não ter sido requisitado a relatar os delitos que o levaram à justiça, Gilson construiu sua história enfatizando justamente a série de ações que antecederam e sucederam às práticas ilícitas, buscando apresentar algumas "explicações", de modo a justificar como a sua vida desviou-se de uma trajetória socialmente aceitável e desejada.

O entrevistado traz com frequência narrativas que ilustram os pontos de virada e as transformações positivas que ocorreram em sua vida através do envolvimento com o *rap*. A descrição do território onde mora também é recorrente e parece estimular sua memória-narrativa a partir de laços de convivência, resgatando vivências pessoais que vão sendo atravessadas por diversas outras histórias. São histórias do bairro, dos vizinhos, amigos e familiares. São histórias de violências, doenças, desemprego, uso de drogas, sofrimento e resistência. Mas também são histórias de solidariedade, representação e pertencimento.

As expressões faciais, vocais e os gestos do *rapper* transmitem a imagem de uma pessoa sonhadora, proativa, solidária e bem-humorada. O discurso é repleto de valores, crenças e sentimentos, é permeado pelo desejo de construir um mundo mais justo e igualitário para todos. No desenrolar da entrevista ficou evidente que a pesquisadora estava diante do que Rosenthal (2014) chama de narração espontânea. Nego Gilson conseguiu se envolver em um fluxo narrativo próprio e recordativo mais longo, permitindo uma proximidade mais intensa com o passado vivenciado pelo entrevistado.

Finalizada a entrevista, os *rappers* me perguntaram se eu gostaria de acompanhá-los na gravação do videoclipe "Us pólvora negra" no bairro Dunas. Imediatamente respondi que sim, pois para mim essa era a brecha para conhecer pessoalmente o território de Gilson, comentado pouco antes na entrevista.

Chegando no local, estacionamos em frente à casa de Gilson que, entusiasmado, me convidou para entrar, pois gostaria de me apresentar a sua esposa

e a filha de dois anos. Foi uma vivência bem interessante, também tive a oportunidade de conhecer outros *rappers* e os bastidores da produção de um videoclipe, o que não é nada simples.

Retornamos à residência de Chikuta por volta das 20:00 horas. Enquanto conversávamos e preparávamos um lanche, aproveitei para expressar minha gratidão pelo acolhimento e avisei que partiria no dia seguinte pela manhã. Nessa ocasião, o *rapper* se dispôs a me conceder a entrevista. Então, fomos até o quarto onde eu estava hospedada, fechamos a porta, sentamo-nos um ao lado do outro e conversamos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após lido e assinado, com o gravador ligado sobre a mesa de madeira, posicionada ao lado da outra cama, eu fiz a única pergunta inicial.

Sem demora, o biografado responde que não sabe por onde começar, pois se considera uma pessoa muito fechada que não costuma falar muito. Na tentativa de estimular mais narrativas, eu reformulo a pergunta inicial. Sem efeito, busquei tranquilizá-lo comentando que eu poderia fazer perguntas mais pontuais. Ele concordou balançando a cabeça, com um ar mais entusiasmado, e disse "Sim! Daí fica mais fácil, pode ser, sim, fica mais fácil!"

O tom de voz baixo, pausado e, ao mesmo tempo, objetivo, não detalhou o enredo dos acontecimentos vividos por ele, nem por outros(as). Para responder aos meus questionamentos, narravam-se sínteses de sua história de vida.

Os silêncios que permearam a entrevista, não se constituíram como uma autobiografia. Além disso, entendendo a interação existente entre entrevistador-entrevistado/pesquisador-pesquisado e por acreditar que a arte da investigação científica é, entre outras coisas, perceber, rever e informar, não posso ignorar os deslizes no emprego do Método Interpretativo Narrativo Biográfico (BNIM), especialmente sobre a técnica da entrevista, que diante dos imprevistos, dos não ditos, da ausência de um roteiro pré-estabelecido, mediada por uma única pergunta inicial, eu cedi frente ao inesperado, tornando uma entrevista fechada de perguntas-respostas.

Contudo, para Henriques (2012), deve-se considerar os silêncios, que possuem grande relevância e tem sido trabalhado de diversas formas pelos principais teóricos da Psicologia e Psicanálise. O tema silêncio para Psicologia, inicialmente, remete à resistência ao processo de mudança por parte do paciente, seu surgimento

durante o processo terapêutico advém de inúmeros fatores, alertando que o silêncio conta uma história, tanto quanto a fala:

Ainda que se apresente como resistência, o silêncio denuncia territórios nos quais evitamos pisar e, assim, promove uma abertura para a emergência do inconsciente. É nesse momento que a interpretação do analista pode contribuir para um "se dar conta", uma tentativa de se oferecer um sentido para o não dito (HENRIQUES, 2012 apud PADRÃO, 2009, p. 95).

Em termos de Análise do Discurso, Dias (2002, apud GOMES, 2003), chama a atenção para o fato que não se deve esquecer daquilo que não foi dito. Isso porque, como realça Orlandi (1983, apud GOMES, 2003), aquilo que poderia ter sido dito e não foi também faz parte da significação. Na Psicanálise trabalha-se a "cura pela fala", sendo o principal acesso ao inconsciente para que as mudanças subjetivas desejadas aconteçam no processo terapêutico dos pacientes (HENRIQUES, 2012).

Eu, particularmente, já prefiro utilizar a expressão "interagente" no lugar de "paciente" e/ou "usuário", por considerar o processo terapêutico um movimento desassossegador, de interação e trocas. O ser paciente, é por mim, representado como um sujeito conformado, que utiliza os serviços de saúde esperando que a saúde se realize, enquanto aceita passivelmente os cenários que atravessam os processos de saúde-doença.

Dado o exposto, pode-se inferir que as falas pausadas e os silêncios recorrentes na entrevista, podem estar comunicando o incomunicável, talvez sejam sofrimentos, angústias, contradições, resistências, memórias e as dores vividas pelo entrevistado. Que, por sinal, comenta "Eu consigo escrever bastante. Como eu te falei [...] não tenho o costume de falar muito. Tá tudo nas minhas músicas de rap, o que tu achar ali que tem que bota no trabalho é só pegar e bota...". Portanto, a auto(narrativa) do sujeito é organizada discursivamente dentro do contexto musical do rap nacional, da expressão artística, sendo possível conhecer e interpretar sua história de vida na etapa de análise do discurso de suas obras musicais.

A entrevista durou 20 minutos, obtive respostas curtas sobre a sua infância, família, situação de saúde e emprego. Ao final da entrevista, conversamos um pouco sobre o movimento social *Hip Hop* e os eventos nos quais participou.

Na manhã seguinte, enquanto fazíamos o café, agradeci novamente pelo carinho e acolhida. Orlando Vitor resolveu ficar mais alguns dias, pois é acadêmico do Curso de Direito em uma Universidade de Pelotas e fica hospedado na casa de Chikuta nos dias em que tem aula presencial.

Segui viagem, foram quatro horas de estrada rumo à terceira e última entrevista, que ocorreu na cidade de Canoas/RS com Maciel Aranda Magnus. Por telefone, combinamos de nos encontrar às 18:00 horas em um café perto do metrô. Quando lá cheguei, o *rapper* já estava me aguardando do lado de fora da cafeteria, percebemos que o estabelecimento estava muito cheio e resolvemos caminhar pelas ruas do centro em busca de um local mais reservado. Durante o trajeto, Maciel me explicou que o irmão estava morando com ele e por isso preferiu fazer a entrevista em outro lugar. Após uns quinze minutos de caminhada, entramos em um bar que estava praticamente vazio, havia somente um garçom e o atendente de caixa, sentamo-nos na última mesa e pedimos um café.

Dessa vez eu estava mais tranquila, pois já tinha aplicado duas entrevistas. Além disso, o passeio pelo centro da cidade foi importante para quebrar o gelo. Primeiramente, lemos juntos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, após assinado, com o gravado ligado sobre a mesa, fiz a única pergunta inicial.

Maciel começa se apresentando, fala o nome completo, a data de nascimento e a cidade onde nasceu. Situado cronologicamente, ele narra uma sequência de eventos traumáticos vividos durante a infância e adolescência. O contar de sua história é permeado por constantes e repentinas mudanças de endereço e por uma falta de rede de apoio em momentos difíceis. As marcas deixadas pelos lugares onde passou não parecem impor um *status* de não pertencimento a nenhum lugar, comentando que considera o bairro Mathias Velhos em Canoas/RS, sua terra natal.

O entrevistado parece ter consciência dos impactos negativos causados pela vulnerabilidade social e familiar, expondo ter "uma cabeça muito afetada" com os problemas da família, que desde muito jovem pensava demasiadamente em ajudar sua mãe e, por isso, não conseguia se concentrar nos estudos, reprovando diversas vezes na escola. Ao relatar que não teve uma figura paterna presente, ele manifesta o desejo de ser um "bom pai", apresentando um comportamento distinto do que vivenciou, ressignificando suas vivências e tecendo caminhos alternativos para construir novas perspectivas de vida.

Maciel constrói uma narrativa de vida bem estruturada, sem elevar o tom de voz, ele demonstra ser uma pessoa tranquila e capaz de transformar suas dores e dificuldades em aprendizados, revelando que o sonho de montar o próprio estúdio de

gravação já está quase sendo realizado, assumindo uma postura determinada em relação aos seus projetos de vida.

### 7.2.2 Os contextos de vida

Para melhor visualização e organização das informações apresentadas a seguir, elaboraram-se quadros sínteses dos contextos de vida dos entrevistados (quadro 3, 4, 5), sendo possível observar que, assim como acontece em conversas informais, as narrativas não são lineares e se encontram de alguma maneira articuladas a eventos passados.

### Quadro 3 - Contexto de vida do Rapper X

Revela que quando era criança a sua mãe sofria violência doméstica. Naquela época, com nove anos, ele saiu de casa e foi morar nas ruas. Na adolescência fazia uso abusivo de substâncias psicoativas e, sem precisar a data, comenta que se envolveu com o tráfico de drogas e acabou sendo preso, quando saiu da prisão conseguiu recuperar seus filhos, recolhidos pelo Conselho Tutelar. Hoje em dia, está casado com outra mulher, com quem tem uma filha de um ano. Ele costuma realizar ações sociais na comunidade onde mora. Aos onze anos ele voltou a morar com a mãe. Com catorze anos se casou e foi morar com a companheira no chalé que havia na parte dos fundos da casa de sua mãe. Ele foi pai pela primeira vez quando tinha entre quinze e dezesseis anos e logo depois teve o segundo filho.

Ele ficou preso em regime fechado por cinco anos e nove meses, quando obteve a progressão de regime para o aberto, um dos antigos companheiros de cela emprestou uma casa para que ele fosse morar com os filhos que, até então, estavam em um instituto do carinho, pois a ex-companheira e mãe de seus filhos havia sido internada em uma entidade de recuperação para dependentes químicos. Naquela época, ele conheceu a atual companheira, e foram morar juntos, o seu irmão com necessidades especiais também foi morar com eles, mas veio a falecer.

Recém-saído da prisão, produzia jingles eleitorais para complementar a renda familiar, com a ajuda de um candidato a vereador da cidade, montou um estúdio de gravação em casa, formando o movimento 111 (um preto, um pobre, uma vida). Atualmente, está trabalhando no bairro laranjal das 8:00 às 17:30 horas, com uma remuneração de R\$ 300,00 por semana. A companheira trabalha das 18:00 às 03:00 em uma lancheria e recebe a quantia de R\$ 700,00 por quinzena. Até pouco tempo estava desempregado e a sua fonte de renda era a reciclagem. Ele canta *rap* desde os nove anos, fazia *freestyle* na avenida Bento Gonçalves quando estava em situação de rua. Hoje tem vinte e seis anos, e foi contemplado pelo Edital de Ações Culturais das Comunidades.

Após o cumprimento da pena, ingressou no Projeto da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC), que visa reinserir os egressos no mercado de trabalho. Recebia R\$ 600,00 mensais e os serviços eram prestados sem vínculo empregatício. Contraiu tuberculose no sistema prisional e não chegou a concluir o ensino fundamental, abandonando a escola antes de terminar a 4ª série.

Fonte: A autora (2022)

### Quadro 4 - Contexto de vida do Rapper W

Nasceu na cidade de Torres/RS, dia 8 de fevereiro de 1986. Com três anos, mudou-se com a família para outro município. Seus pais se separaram quando ele tinha cinco anos e a mãe começou um novo relacionamento. Ele comenta que viveu momentos bem difíceis na infância, pois sua mãe e o padrasto brigavam com frequência e se agrediam. Aos sete anos, foi morar com um parente no interior do estado para conseguir estudar. Porém, sofria agressões e era obrigado a fazer trabalhos domésticos. Cansado daquela situação, alguns anos depois, ele conseguiu entrar em contato com uma tia que morava em Canoas, no bairro Guajuviras, ficando lá por dois anos. Depois, morou com a irmã na cidade de Porto Alegre/RS.

O interesse pelo *rap* surgiu quando ele tinha quinze anos, após ganhar uma fita k7 do irmão mais velho, com os principais grupos de *rap* da época. Naquele tempo, ele retornou para o interior visando continuar os estudos. Mais tarde, aos vinte anos, ele voltou a morar com a mãe no bairro Mathias Velho e revelou que foram tempos marcados por sérias dificuldades financeiras, de insegurança alimentar e fome, devido à dificuldade de conseguir um emprego.

Na tentativa de encontrar uma solução rápida para os problemas, ele acabou se envolvendo com o tráfico de drogas, foi preso, passando quatro anos em regime fechado. Após ser solto, conseguiu um emprego em um supermercado, onde conheceu a mãe de seu filho, que hoje tem 7 anos. Atualmente, ele está trabalhando e montando o próprio estúdio de gravação musical, com o nome de "Barraco Sonoro".

Fonte: Autora (2022)

### Quadro 5 - Contexto de vida do Rapper F

Nasceu no bairro Castilho em Pelotas/RS, mas passou grande parte da infância mudando frequentemente de endereço. Morou com a mãe e os três irmãos nos bairros Dunas e Navegantes. Ele também tem outros irmãos por parte de pai, mas mantém pouco contato.

Com doze anos foi internado na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor em Pelotas/RS (FEBEM). Aos dezoito anos foi preso e levado para o Presídio Regional de Pelotas, logo depois foi transferido para uma das unidades prisionais de Charqueadas/RS.

Quando era criança passava a maioria do tempo brincando nas ruas, pois sua mãe trabalhava muito. No tempo em que esteve na FEBEM começou a escrever letras de *rap*. Na época em que estava cumprindo pena privativa de liberdade, conheceu a atual companheira.

Atualmente procura com frequência os serviços de saúde, pois sofreu um acidente de trabalho em que lesionou os dois joelhos. Está afastado do trabalho há meses, sem receber nenhum auxílio ou seguro. O *rapper* manifesta uma certa insatisfação com o Sistema Único de Saúde, relata ter dores recorrentes e limitações para se movimentar, não apresentando melhora com o tratamento clínico. Ele aguarda o resultado da perícia médica do INSS há mais de dois meses.

O primeiro evento de *rap* que participou foi dentro da FEBEM, na inauguração da escola da instituição. Depois, em liberdade, cantou no Fórum Social Mundial de 2001 que aconteceu na cidade de Porto Alegre. Em Pelotas fez o show de abertura da banda de *rap* do grupo paulistano Racionais MCs, e tem participado dos eventos que acontecem na própria comunidade e nas cidades vizinhas. Ele segue escrevendo novas canções, algumas já estão gravadas e prontas para serem lançadas, mas por ser muito seletivo ainda não colocou as músicas para o domínio público. No período em que esteve privado de liberdade contraiu tuberculose duas vezes.

Fonte: Autora (2022)

### 7.2.3 As temáticas materializadas nos enunciados

Os recortes selecionados no interior das três entrevistas foram organizados em sequências discursivas (SD) conforme as narrativas de cada *rapper* e as temáticas mais recorrentes. Optou-se por utilizar as siglas (SDR1; SDR2; SDR3) distribuídas aleatoriamente para dificultar o reconhecimento de suas identidades, mesmo que expressamente manifestado no TCLE a autorização da divulgação de suas identidades. Seguiu-se desse modo, pois as entrevistas envolvem dados pessoais sensíveis e de outros com quem convivem.

O primeiro recorte representa as sequências discursivas relacionadas à infância.

### 7.2.3.1 1º Recorte Discursivo – A infância

#### SDR1:

Bom assim começou minha vida né, a minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha cinco anos de idade, então, ela se juntou com um outro homem, meu padrasto já falecido [...] os dois bebiam muito dentro de casa, se agrediam, Ham... foram situações, bem difícil na infância, então.

E posso te dizer... então, foram... dali por uns 7 anos de idade eu fui morar com um tio meu lá pro interior, [...] só que no fim lá não foi tão fácil, que eu era agredido... eu com oito anos de idade eu era obrigado a fazer limpezas domésticas dentro de casa, então era bem difícil... [...] daí eu cansado daquilo ali, eu consegui falar com uma tia minha que morava aqui em canoas, pra mim, retornar pra cá e ficar aqui com ela.

#### SDR2:

O momento mais relevante ali... do que eu vivenciei, foi que a minha coroa era espancada quando eu era mandinho... com nove ano eu peguei um ônibus, fui parar no centro e lá conheci as ruas né [...].

Pô... eu vi minha mãe ser espancada... as pessoas falam: "Aí, para tu é sentimentalismo", não... não é sentimentalismo..., mas tu ver tua mãe tomando soco na cara de um homem... não é assim... se for teu pai já é ruim, imagina não sendo teu pai. Então, aquilo ali vai te gerando um ódio.

#### SDR3:

Nasci ali na Castilho, depois me criei no Dunas e nos Navegante... Morava com minha mãe e meu outro irmão e minhas duas irmãs. A mãe tava sempre se mudando, um pouco em cada canto.

Eu ia muito pra rua, ficava pouco em casa, procurava mais na rua... ela passava o dia trabalhando e eu na rua...

Nas três sequências discursivas, verifica-se a presença das categorias conceituais "mãe", "rua" e "mudanças residenciais frequentes". Além disso, é interessante observar as aproximações entre a SDR1 e SDR2 pelas temáticas "violência doméstica/intrafamiliar" e "uso de drogas lícitas e ilícitas".

De modo bastante semelhante, a SDR1 e SDR2 começam pelos acontecimentos traumáticos que marcaram a infância. A experiência de testemunhar episódios de violência doméstica contra a mãe durante a infância, parece ter influenciado decisivamente nos rumos de vida dos *rappers*. Para Sagim (2008), a criança exposta à violência conjugal sofre na mesma intensidade como se fosse a pessoa maltratada. Presenciar práticas violentas no ambiente familiar coloca essas crianças em risco de desenvolverem problemas de interação social, de saúde e comportamentais.

Mesmo que o foco das análises envolva narrativas de experiências pessoais, contemplando apenas a percepção subjetiva dos fatos do narrador-protagonista e as discussões teóricas da pesquisadora, os discursos acima representam a realidade social de muitos (as) que vivenciam situações de violência doméstica ou familiar no Brasil.

O reflexo dessa situação é apresentado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos que, no primeiro semestre de 2022, registrou um total de 31.398 denúncias e 169.676 violações envolvendo a violência doméstica contra as mulheres. Importa destacar que o número de casos de violações apresentados acima, são maiores do que as denúncias recebidas, visto que uma única denúncia pode conter mais de uma violação aos direitos humanos de mulheres (BRASIL, 2022).

Sagim (2008) argumenta que nos lares onde existe violência contra a mulher, os filhos também estão sujeitos a ações agressivas por parte do adulto, seja porque a criança busca interferir quando vê a mãe sendo violentada. No entanto, a SDR2 não deu detalhes sobre as agressões, nem comentou se chegou a sofrer algum tipo de violência na infância por parte de algum familiar ou mesmo do padrasto.

A violência doméstica aparece na SDR1 por outro angulo, o trecho "eu era agredido... eu com oito anos de idade, eu era obrigado a fazer limpezas domésticas" revela o crime de violência doméstica exercido sobre vítimas indefesas em razão da idade, envolvendo tanto a violência emocional como a violência física (APAV, 2012).

Provavelmente a impotência perante as cenas de violência praticadas pelos padrastos contra as mães, tenha reforçado nos *rappers* os seus papéis de homem na sociedade. Contudo, isso não significa que eles reproduzam este tipo de violência, pelo contrário, em diversos pontos das duas entrevistas, a violência parece ser mais uma questão de sobrevivência e defesa do que de ataque.

Na intenção de tentar reconstruir uma relação de efeitos gerados simultaneamente na vida do *rapper* (SDR2) por dois ou mais fenômenos, é notável a relação entre violência doméstica e a fuga do lar quando criança. Portanto, inconformado com a situação, o biografado sai de casa com nove anos e, não tendo para onde ir, fica em situação de rua. O momento do rompimento familiar é representado pelo trecho *"com nove ano eu peguei um ônibus, fui parar no centro e lá conheci as ruas né"*.

Para além da intenção da ação, existe um significado objetivo da ação, não acessível ao agente. No entendimento de Schütz (2004, apud SANGALLI; RINALDI, 2018) e de Max Weber, os sujeitos produzem suas ações a partir dos sentidos que atribuem às suas ações. Aqui, com as ideias de Garcia (2017), a ação do *rapper* de *desfugir* – expressão escolhida por representar não apenas uma fuga de casa, mas também por sinalizar os efeitos dela – pode ser representada como uma tentativa de barrar a violência pulsional na qual estava submetido. A rua parece ser menos perigosa do que continuar na mesma casa, e a saída do lar torna-se uma forma de sobrevivência física e psíquica para essas crianças. Diante de cenários familiares violentos, a criança ao *desfugir* tenta colocar um limite naquilo que os pais não tiveram condições de fazer de outra forma. Contudo, também existem outros conflitos considerados mais graves na visão dos filhos do que a própria violência, como, por exemplo, comprovar se eram ou não amados por seus pais.

Para não tornar as análises repetitivas, a categoria "mãe" e "mudanças residenciais" não serão analisadas aqui, pois elas apareceram constantemente nas músicas de *rap*, portanto, já foram problematizadas com base nos autores Winnicott (1982); Matsunaga (2008); Madeira (2009) e outros.

A partir de suas próprias experiências, os sujeitos compreendem que o ambiente familiar e social são fatores importantes para o desenvolvimento saudável ou não da criança. A presente pesquisa não tem a pretensão de contemplar integralmente a complexidade dos fenômenos da infância, mas busca estimular debates sobre a necessidade de ampliação das redes sociais de apoio, para o acolhimento e cuidado de crianças e famílias em contextos de fragilização e exclusão social.

## 7.2.3.2 2º Recorte Discursivo – As violências

#### SDR1:

Quando eu fui pro crime, no caso pro tráfico, a minha cabeça era juntar dinheiro, poder gravar o meu CD e gravando o meu CD, ajudar minha mãe e parar, entendeu.

Eu desde o início né, passei por muita dificuldade assim... até pra gravar uma música... Ham... eu me lembro que o primeiro CD que eu gravei foi a polícia que quebrou, eu tava vindo pra casa do estúdio... e a polícia me parou e quebrou o meu CD.

## SDR2:

Aí, nessa questão de se envolver com o tráfico, às vezes nem sabia por que... tava tomando tiro, tá ligado... passava uma moto te dava uns tiros, e aquilo te maquinava tua mente pro mau, né... que tu tem que devolver aquilo, que tu tem que ser foda, que tu tem que ser o cara, tá ligado... e... então, tinha aquela sobrevivência né...

Eu era metido a dar tiro e pá... andar armado né. Então, ao natural isso gerava também um... não te digo medo, mas um respeito, tá ligado meu... que gera ao natural, tá ligado... porque as pessoa tem medo da morte, tá ligado.

No tempo que eu traficava minha família tava sempre de barriga cheia, eu comprava presunto e queijo diretamente, comia lasanha direto, eu tinha um bom tênis pra andar... porque o tráfico te proporciona isso, porque não existe uma epidemia de uso de drogas (*ironia e risos*).

Quando eu me apartei da vida do crime, eu aprendi que eu teria que sobreviver com pouco. A sobrevivência vai se fazer quando tu largar a vida do crime... tem dias que a gente tem que fazer fogo de chão, tem dias que a gente passa frio, tem dias que a gente não tem roupa.

Agora mesmo nós tamo usando uma pomadinha na minha guriazinha que ela ralou o joelho e nunca curava, a pomadinha foi trinta e tantos reau. Tá ligado meu, que no atendimento médico as pessoas não sabe entender o que a gente tá falando, o médico fica "Não... o quê?... o quê?" de não entender o que o cara tá falando, nem o desespero do cara de ver que minha filha tá passando mal... porque as vivência é diferente.

Esse massacre também policial... o cara apanha às vezes sem falar nada... eles chegam ali "Oh... mão na cabeça aí... o quê?!! Não ouvisse?!!" ... já toma um tapão na cara.

SDR3: [silêncio]

Nas sequências discursivas SDR1 e SDR2, os recortes das expressões "dificuldade", "tomando tiro", "maquinava tua mente pro mau", "sobreviver com pouco", "a gente passa frio", "a gente não tem roupa", "no atendimento médico as pessoas não saber entender", "desespero" e "massacre policial", permitem vislumbrar que as representações sociais da doença podem estar relacionadas ao mal-estar psíquico causado pelas diversas formas de violência, associadas profundamente as desigualdades sociais e a pobreza, resultando na violação dos direitos fundamentais.

A polícia enquanto símbolo da violência é uma constante nas análises, aparecendo tanto nas canções como nas entrevistas, estando situada categoricamente na teoria das representações sociais de Moscovici (2007), uma vez que reflete o compartilhado no interior do grupo observado, demonstrando qual é a imagem agregada desse representar (objetivação).

A veracidade das denúncias sobre a conduta violenta da polícia nos discursos, pode ser comprovada a partir da Moção de Repúdio Nº 006, de 26 de maio de 2022,

do Conselho Nacional de Saúde, que trata sobre o uso abusivo e ilegal da força e violência, legitimada por parte do Estado através de seus agentes de segurança pública, especialmente contra jovens negros, pobres e moradores das favelas, alegando que:

As operações policiais levam os moradores e a cidade como um todo, a um estado de medo e ansiedade, que abala a saúde mental impactando diretamente na saúde pública e em todo o cotidiano de pessoas faveladas; [...] levando, inclusive, ao fechamento de escolas, unidades de saúde, comércio e impedindo as pessoas de saírem para estudar, trabalhar e exercer seus direitos de cidadania (CNS, 2022).

Portanto, a violência é um problema social e de saúde pública, preocupação constante do setor, uma vez que, segundo Agudelo (1990), representa um enorme risco para o processo da vitalidade humana, pois ameaça a vida, modifica a saúde, produz doenças, causa a morte ou a possibilidade dela.

Os discursos também elaboram uma relação entre violência, criminalidade e tráfico de drogas, aparecendo enquanto estratégia de sobrevivência diante de contextos de extrema vulnerabilidade social, representando uma busca por melhores condições de vida e saúde. Pereira (2009) explica que a inserção dos jovens no mercado das drogas oferece a oportunidade ao exercício do seu protagonismo, está ligada ao poder de consumo e a necessidade de pertencimento, de sentir-se respeitado pelos outros. No ponto de vista de Araújo (2017, p. 3) "Os grandes bolsões de miséria urbana geram por consequência a violência e criminalidade, mas não numa relação de causalidade e sim de potencialização, em outras palavras, a pobreza potencializa o crime".

Assim, as representações sociais de saúde e doença dos *rappers* alcançam ancoragem nos determinantes intermediários da saúde propostos por autores como Solar e Irwin (2010), especialmente no que tange a categoria das circunstâncias materiais, relacionada as condições de vida e trabalho, acesso à alimentação, à produção cultural, à moradia, ao emprego, aos serviços de saúde e como estes se organizam. Ainda segundo os autores, os determinantes estruturais são mecanismos que produzem e reforçam as hierarquias sociais, definindo quem tem o poder, prestígio e melhor acesso aos recursos materiais e imateriais da sociedade.

Nesse sentido, a terceira parte da SDR2, trata da experiência de um pai que busca atendimento médico para sua filha, traduzindo uma representação social de saúde também fundamentada na figura do médico. A narrativa levanta discussões

sobre as dissonâncias existentes entre os profissionais de saúde e os usuários dos serviços, especialmente do Sistema Único de Saúde (SUS). É uma problemática mais ampla, porque envolve questões sociais, culturais e de classe, em uma sociedade construída historicamente por relações de conflito e poder.

Como reflexo dessa situação, o vocabulário técnico e especializado representa um obstáculo linguístico que intensifica o distanciamento entre o médico e os pacientes das classes populares, como aponta Boltanski:

As explicações dadas pelos médicos ao doente variam, efetivamente, em função da classe social do paciente; os médicos, em geral, não dão longas explicações senão àqueles que julgam "bastante evoluídos para compreender o que vai lhes ser explicado". Para o médico, efetivamente, o doente das classes populares é em primeiro lugar um membro de uma classe inferior à sua, possui o mais baixo nível de instrução, e que, fechado na sua ignorância e seus preconceitos, não está, portanto, em estado de compreender a linguagem e as explicações do médico, e a quem, se se quer fazer compreender, convém dar ordens sem comentários, em vez de conselhos argumentados (BOLTANSKI, 2004, p.38).

Portanto, a inter-relação médico-paciente é também uma relação de classe, uma vez que a postura do médico é determinada especialmente em função da classe social do doente. Considerando os argumentos supracitados, é preciso entender que as variações linguísticas de traços históricos, geográficos, sociais e culturais podem ser objeto de preconceito linguístico e de outros preconceitos (étnicos, de classe, gênero), atuando como marcador de exclusão social e de outras formas de violência. A sensação de inferioridade social, pela desqualificação dos modos de falar, impacta negativamente a saúde, afeta a autoestima e pode levar a crises de ansiedade e/ou episódios de depressão (FALCÃO; SOUZA; COSTA, 2020).

Aliás, a meu ver, as músicas de *rap* talvez consigam diminuir essas distâncias. O profissional de saúde, colocando-se na posição de ouvinte, pode se aproximar das linguagens, identidades, sentidos, representações e expressões de alguns grupos sociais. Inclusive, descobrir se existem canções e cantores em seus territórios de atuação em saúde. Tornando familiar o que antes era estranho, como dito por Moscovici (2007), a ancoragem contribui para conhecermos algo novo, mas que não é habitual, e a objetivação permite armazenar de forma familiar em nossa coletânea para ser explicado, compreendido e aplicado facilmente.

## 7.2.3.3 3º Recorte Discursivo – Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas

SDR1:

Eu consegui me regenerar, tanto que... que nem muitos dizem... que... a pessoa que vai pro crime ela não tem volta, eu acho que tem, sim, se tiver uma cabeça boa ou alguém pra ajudar, eu no meu caso, não tive ninguém pra me ajudar, mas eu tinha uma cabeça boa, quando eu saí de lá fui atrás de serviço, voltei a estudar e graças a Deus tô aí.

Problemas assim... pessoas psicologicamente afetada, que nem um guri de 20 anos que mataram o irmão dele na rua, ele... ele... em uma semana ele adoeceu, desceu galeria pro hospital e morreu.

Foi em 2014 ela teve o meu filho. Então, ele me ajudou também nessa forma de... hoje em dia eu faço tudo em torno dele, tudo que eu for fazer de errado eu penso antes de fazer, penso nele, entendeu... ele é minha fonte de inspiração hoje em dia - (risos)

Teve há pouco tempo atrás, uma vizinha ali que matou a filha dela de cinco anos com uma facada no peito e se deitou na cama com a criança, entendeu. E disseram que... levaram ela pra um hospício, dizendo que ela era louca, entendeu. Aí diz que... no depoimento dela, que Deus deu... falou pra ela que ela tinha que fazer aquilo, mas que Deus é esse? Entendeu... muita coisa errada. Acho que tá bem afetada a saúde de todo mundo, em geral, acho. Principalmente psicologicamente.

Hoje em dia eles estão usando muito a questão "há, problema psicológico", pra poder fugir do castigo, né... e eu acho muito errado isso... entendeu, eu acho muito errado, porque a pessoa pode tá afetada psicologicamente, mas não de chegar ao ponto de tu matar um filho, eu penso assim entendeu... não ao ponto de matar um filho.

#### SDR2:

Voltei para casa com onze anos, cheguei e falei pra minha mãe: "oh, na real eu cheiro cola, fumo cigarro, se quiser que eu fique pelas volta de casa, é isso daí" e minha mãe disse: "oh, dentro de casa tu não vai usar droga e se tu quiser fumar cigarro, tu sustenta teu vício". Então, rolava uma realidade que já era chocante pra mim, tá ligado, mas mesmo assim a minha mente achava aquilo normal.

Mas é que nem dizem... (ironia) "Há... não existe uma epidemia do uso de crack" ... porra! Tá de brincadeira né cara... pô só se tu não viver a realidade... tu não tá vendo a realidade que são gerações que tão passando pra gerações. Tem um casal que mora na minha rua... e eles fumam oque... o cara fuma pedra, a mãe fuma pedra, o filho de dezesseis fuma pedra... o outro de doze ou treze, fuma pitico... que é pedra com maconha, tá ligado... então, é uma geração que tá passando pra outra... e eles têm mais dois, três filho pequeno. Então, tu imagina... e isso aí vai só se repassando.

O cara tem que saber que a droga vai te destruir... eu fui de curtida, tá ligado... usei um pouco e larguei. Então, se tivessem me avisado: "Oh, não usa droga... porque isso daí pode te levar pra um caminho tri pá" ... Graças a Deus eu consegui me esquivar

Ninguém é chinelo cara, ninguém quer sair roubando ninguém, ninguém quer chineliar ninguém por causa de uma droga. Infelizmente a dependência química, ela te torna o que... como é que eu vou te falar... ela te torna... no teu pensamento... tu é... como tu ser imortal, nada vai te acontecer, tá ligado...

SDR3: [silêncio]

Nos recortes discursivos sobre a saúde mental, álcool e outras drogas, destacam-se as frases e os termos "cabeça boa", "alguém para ajudar", "pessoas psicologicamente afetada", "adoeceu", "filho", "fugir do castigo", "matar", "hospício", "louca", "droga", "epidemia do uso de crack", "gerações", "chinelo" e "dependência química". Na SDR1 e SDR2, chama-se a atenção para os diferentes aspectos das representações sociais de saúde e doença.

Na SDR1, através da expressão "cabeça boa", a representação social de saúde encontra-se associada a noção de equilíbrio emocional, revelando que a ausência de doença física não é o único indicativo de saúde. O sentido de saúde mental também está articulado a uma habilidade interna, sendo representada por um tipo de "discernimento" emocional/psicológico próprio do sujeito. Além disso, o equilíbrio emocional é situado no discurso como uma ferramenta geradora de condutas positivas, capaz de "regenerar" os indivíduos transgressores, alterando os comportamentos desviantes para padrões previamente aceitos e estabelecidos pela sociedade.

A doença mental adquire status de senso comum na SDR1, através do relato sobre "uma vizinha ali que matou a filha dela de cinco anos com uma facada no peito e se deitou na cama com a criança, entendeu. E disseram que... levaram ela pra um hospício, dizendo que ela era louca, entende". A opinião do rapper, a respeito do fato ocorrido em sua comunidade, é construída a partir de crenças, imaginários e representações sociais acerca da doença, evidenciada pelo trecho: "Hoje em dia eles estão usando muito a questão "há, problema psicológico", pra poder fugir do castigo, né... e eu acho muito errado isso [...], porque a pessoa pode tá afetada psicologicamente, mas não de chegar ao ponto de tu matar um filho, eu penso assim entendeu".

A problemática do filicídio já foi alvo de análise nesta pesquisa, na música "Cenário de Louco", e contemplou a perspectiva histórico-cultural dos teóricos Rascovsky (1973); Maltz et al. (2008); Del Priore (2010); e Silva (2002). Agora, a questão passa a ser discutida sob as lentes do campo da saúde, uma vez que o infanticídio retratado na SDR1, é considerado "um desfecho da saúde mental ignorado pela sociedade [...]. Para a polícia, um homicídio, para médicos psiquiatras, pode se tratar de transtorno. Um trágico desfecho de um transtorno mental grave" (SIMERS, 2017 p. 1).

A opinião toca em um tema bastante polêmico, uma vez que, conforme apresentado por França (1998) em Medicina Legal, os crimes praticados por sujeitos acometidos por graves transtornos mentais, geralmente são de extrema violência e crueldade, gerando uma enorme revolta e indignação na sociedade, que clama por justiça e ignora o transtorno mental do agente infrator. O Estado, por sua vez, ao julgar um homem sem ao menos conhecê-lo, pratica um indisfarçável charlatanismo jurídico, preferindo apenas punir e prender os transgressores da lei.

Seguindo a análise da SDR1, a expressão "problema psicológico" aparece no universo consensual como uma desculpa para "fugir do castigo", dito de outro modo, o diagnóstico de transtorno mental é colocado como um instrumento que beneficia os sujeitos que praticam crimes de sangue, servindo para driblar o cumprimento da pena em presídios comuns. Além disso, a palavra "hospício" seguido de "louca" apresenta o cristalizado no imaginário social, uma representação social ancorada no modelo manicomial/asilar.

O hospício é assimilado no discurso como uma instituição destinada ao depósito de pessoas cruéis e indesejáveis, "o *louco* como um perturbador da ordem social, e assim, necessitando ser recluso da sociedade dita *normal*. Visão essa, que permanece até os dias atuais com outras roupagens" (MIRANDA, 2007 p. 105).

Na primeira parte da SDR2, observa-se a elaboração de um discurso consciente a respeito de seu comportamento precoce na iniciação do uso de drogas, exprimindo uma postura crítico-reflexiva que visa romper com a naturalização do consumo de drogas em seu meio social. A fala de que "a droga vai te destruir" traz a representação social da droga como um "caminho sem volta", o que, para Zanotto (2016), reforça um discurso "terrorista" alicerçado no senso comum e vinculado pela mídia, implicando em uma imagem negativa dos usuários de drogas, repleta de preconceitos e estigmas.

O consumo de crack é um dos elementos centrais da SDR2, sendo destacada por uma representação social extremamente negativa. Além disso, é interessante observar o tom irônico, de crítica e revolta empregado pelo *rapper* na frase "não existe uma epidemia do uso de crack", manifestando uma preocupação sobre o consumo de drogas, especialmente, no que diz respeito à sua comunidade.

A representação social do *rapper* acerca do uso de crack, é fortemente ancorada na crença da "epidemia de crack". Nesse sentido, Zanotto (2016) comenta

que a utilização dessa expressão configura um equívoco, tanto pela ausência de uma série histórica que contemple dados epidemiológicos quanto pela situação de "etiquetamento social", que coloca todos os usuários como doentes.

O biografado busca comprovar a gravidade da situação para a pesquisadora através do relato: "são gerações que tão passando pra gerações". Ainda, ancorandose no território de referência, o cenário "epidêmico" é legitimado por um exemplo familiar marcado pelo consumo intergeracional de substâncias psicoativas. Trazendo detalhes dos papéis sociais presentes naquele contexto familiar e das substâncias ilícitas por eles consumidas: "o cara fuma pedra", "a mãe fuma pedra", "o filho de dezesseis fuma pedra", "o outro de doze ou treze, fuma pitico... que é pedra com maconha". Nesse sentido, a postura alarmante do *rapper* sobre a "epidemia do crack", envolve uma associação de fatores e vivências no território que vão além das representações sensacionalistas disseminadas pelos meios de comunicação de massa.

Na SDR2, o recorte "se tivessem me avisado" parece destacar a importância do diálogo como estratégia de prevenção ao consumo abusivo de álcool, tabaco e outras drogas. Por outro lado, não basta simplesmente transmitir as informações, é preciso movimentar as ações preventivas de saúde para gerar novos cenários sociais, que estimulem comportamentos emancipatórios, preventivos e de autocuidado nos jovens.

O argumento "Ninguém é chinelo cara, ninguém quer sair roubando ninguém [...] por causa de uma droga", demonstra que o rapper tem conhecimento sobre os estigmas e preconceitos atribuídos aos usuários de drogas pela sociedade. O rapper parece compartilhar da noção exposta por Zanotto (2016), de que os problemas sociais mais frequentes estão relacionados a exclusão social e a imagem negativa socialmente construída sobre os usuários de drogas, "apontando-os como perigosos e associando-os à criminalidade" (2016, p. 133).

# 7.2.3.4 4º Recorte Discursivo – Serviços públicos essenciais

### SDR1:

Às vezes tu tem um emprego, mas falta uma habitação boa, tu tá pagando aluguel, mas tu não tem a alimentação... ou às vezes tu tem o alimento e não tem a casa, tem várias questões né, daí muitas vezes os pais já vem desde traz, da infância, com a estrutura bem ruim, aí teve filho, o filho vai continuar com aquela estrutura ruim, é briga dentro de casa, alcoolismo, droga... e o

filho nessa habitação totalmente né... errada no caso, que acaba influenciando até mesmo no estudo, como é que uma criança vai com uma mente dessa forma pra escola?

Eu tive... Ham... várias vezes na escola, eu rodei uns três, quatro anos, porque eu não... bah... eu tinha uma cabeça muito afetada com tudo isso sabe... porque desde pequeno eu sempre pensava de mais em ajudar e não conseguia me concentrar no estudo... como é que eu poderia fazer pra mim mudar de vida [...] tirar minha mãe daquela situação, que eu nunca tive meu pai do meu lado... nunca tive a presença realmente de um pai.

Há! Graças a Deus, eu nunca fiquei doente lá dentro, [...] eu nunca precisei, raramente tive dor de cabeça lá dentro, porque... eu vi muita gente sair de lá e morrer lá dentro.

#### SDR2:

Não tenho nada, não tenho recurso, não tenho acesso à saúde, não tenho acesso a saneamento básico, não tenho acesso a uma limpeza no bairro do cara, então o cara tem que sobreviver em meio a isso né meu.

Ninguém sabe, mas por mais que tua casa seja limpinha, daqui a pouco vai passar um rato, vai passar uma barata, porque tu não tem o teu saneamento, não é bem escoado, tu tem um monte de lixo amontoado em tudo que é lugar... e só quem vivencia a realidade do cara sabe... que os filhos do cara brincam no meio do barro, brincam no meio de mijo de rato, no meio de mijo de outros animais.

Tens que tá pensando "bah, tenho que ter no mínimo 100 reais guardado dentro de casa, porque a mãe do meu filho pode tá com uma virose, uma bactéria, uma infecção estomacal, alguma coisa."

Não temo ponto de coleta pra saúde... digo... pra fazer exame de sangue... a gente não sabe o que a gente tem ou o que a gente não tem, tá ligado... ou a previnição contra o HIV hoje em dia nem existe mais. Tem moleque de treze, quatorze... tudo fazendo sexo, tá ligado... e isso aí pra eles é normalidade.

Tinha vezes que o cara comeu só arroz e farofa [...] aqui ainda existe essa miséria, vai ter dias que tu vai ter ali... durante todo o dia... ter pra comer só batata-doce... oferece isso aí pra alguém, vê se alguém vai querer comer só batata-doce ou talvez nem tenha batata-doce, tenha só arroz... e, é foda meu... tu ter que comer só arroz, tu ter que dar só arroz pro teus filho.

tu tá ali... preparando a tua comida tranquilo e puf... acaba o gás e tu não tem um real dentro de casa, tens que ir lá, e fazer um fogo de chão... ou tu vai deixar teus filho com fome? Capaz, tu vai fazer um fogo de chão na hora, tu vais pegar um pedaço do colchão da cama... vais fazer, vai sobreviver né meu... então...

Então... o cara tem vivido assim né meu, tendo que sobreviver, a gente já nem vive mais... e o que o cara mais queria era isso né meu... poder <u>viver!</u> E hoje em dia o cara sobrevive, tá ligado.

### SDR3:

Agora mesmo eu comecei a procurar... precisar mais da... da saúde agora, por causa do meu joelho, mas mesmo assim não teve muito resultado... então...

Eu tive Tuberculose duas vezes, fiz o tratamento, fiz um de 6 meses e outro de 9 meses, eles davam os remédios pra trinta dias... eles só te isolavam por uns dias ali, uns dez, quinze dias... e depois tu ia pra galeria e se tratava lá dentro.

Uma pessoa saudável, eu acho que é uma pessoa que não precisa de médico pra nada (*Risos*), que procura o médico muito pouco.

As três sequências discursivas tratam das condições de vida, de trabalho, moradia, alimentação, entre outros, relacionados com a situação de saúde dos *rappers* e de seus pares (parentes, vizinhos, amigos e similares), apontando diretamente para os Determinantes Sociais da Saúde (DSS). Apesar da existência de diversos modelos explicativos sobre os DSS, na presente pesquisa, optou-se apoiar as análises principalmente no modelo mais utilizado em Determinantes Sociais da Saúde (DSS): o proposto por de G. Dahlgren e M. Whitehead em 1991.

Para demonstrar as formas de atuação dos DSS sobre as iniquidades em saúde dos grupos populacionais, apresenta-se as diversas camadas, que vão desde a mais basal até a camada mais distante. O nível mais basal, são as características individuais, como idade, sexo, gênero e fatores hereditários. Na camada imediatamente mais externa, estão os comportamentos e os estilos de vida, situandose no limiar entre os fatores individuais e os DSS, uma vez que os comportamentos não dependem apenas do livre arbítrio dos sujeitos, mas também de DSS, como acesso a informações, a alimentos saudáveis, propaganda, pressão de pares, lazer e outros. A camada seguinte, integra a influência das redes sociais e comunitárias de apoio, cuja maior ou menor riqueza expõe o nível de coesão social, de grande importância para a saúde da sociedade. No nível seguinte, estão os fatores relacionados às condições de vida e trabalho, disponibilidade de alimentos, ambientes e serviços essenciais, como saúde e educação. Por fim, no último nível, estão os macrodeterminantes (condições socioeconômicas, culturais, ambientais gerais e o processo de globalização), que possuem enorme influência sobre as demais camadas ou níveis (CNDSS, 2008; DAHLGREN; WHITEHEAD, 1991).

Em detalhe, as frases "tu tem um emprego, mas falta uma habitação boa", "tá pagando aluguel, mas tu não tem a alimentação [...] às vezes tu tem o alimento e não tem a casa", "não tenho nada, não tenho recurso, não tenho acesso à saúde, não tenho acesso a saneamento básico", "daqui a pouco vai passar um rato", "tem um monte de lixo amontoado", "os filhos do cara brincam [...] no meio de mijo de rato",

"pode tá com uma virose, uma bactéria, uma infecção estomacal", "tinha vezes que o cara comeu só arroz e farofa", "acaba o gás e tu não tem um real dentro de casa, tens que ir lá, e fazer um fogo de chão", tratam dos determinantes considerados intermediários e macro, e podem ser representados como indicadores de exposição, uma vez que a indisponibilidade de acesso a serviços de saúde, saneamento básico, habitação e alimentação, como apresentadas nas narrativas, indicam a situação de vulnerabilidade social e ambiental dos *rappers*, apresentando exposição a riscos que causam danos à saúde (SOBRAL; FREITAS, 2010 apud CNDSS, 2008).

Na perspectiva de Buss e Freitas (2007), um dos mecanismos dos quais os DSS causam iniquidades de saúde, correspondem aos "aspectos físicos-materiais" na produção da saúde e da doença, compreendendo que as diferenças de renda impactam na saúde pela escassez de recursos dos sujeitos e pela ausência de investimentos em infraestrutura comunitária. Para Sobral e Freitas (2010, p. 43):

É importante insistir no fato de que a integridade ecológica dos ecossistemas e a manutenção dos serviços que deles fazemos uso são temas que precisam ser incorporados de forma mais contundente no âmbito da Saúde Pública, por meio de parcerias entre diferentes áreas afeitas às questões ambientais (SOBRAL; FREITAS, 2010, p.43).

Na SDR1, o trecho "muitas vezes os pais já vem desde traz, da infância, com a estrutura bem ruim [...] é briga dentro de casa, alcoolismo, droga... e o filho nessa habitação [...] que acaba influenciando até mesmo no estudo", seguida de sua experiência pessoal "várias vezes na escola, eu rodei [...] eu tinha uma cabeça muito afetada com tudo isso [...] pensava de mais em ajudar e não conseguia me concentrar no estudo", falam dos determinantes individuais e intermediários exemplificados por Solar e Irwin (2010), relacionados aos fatores hereditários, também comportamentais e de estilos de vida, como os padrões de consumo de álcool e outras drogas, bem como os estressores psicossociais, isto é, as "circunstâncias estressantes, a falta de suporte social, etc." (2010, p. 15). A frase da SDR2 "o cara tem vivido assim [...] tendo que sobreviver, a gente já nem vive mais... e o que o cara mais queria era isso né meu... poder viver!", é mais um exemplo de circunstâncias estressantes, descrita pelos autores como fatores de risco que funcionam de maneira diferente conforme à posição socioeconômica dos sujeitos.

Os recortes apresentados a seguir, provocam uma série de reflexões sobre a evolução histórica dos conceitos e práticas de promoção da saúde, especialmente a respeito da participação da comunidade nas ações promovidas pelas unidades de

saúde e demais espaços comunitários. Além de expressar a violação do artigo 2º previsto na Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde de 2009, que trata sobre o direito "ao acesso a bens e serviços ordenados e organizados para garantia da promoção, prevenção, proteção, tratamento e recuperação da saúde" (BRASIL, 2009).

Na SDR2, a frustração por conta da ausência de ações voltadas para a promoção e prevenção da saúde é manifesta no discurso com um sentido de "nós", de identidade e pertencimento, reivindicando *práxis* em cuidados coletivos: "não temo ponto de coleta pra saúde... digo... pra fazer exame de sangue... a gente não sabe o que a gente tem ou o que a gente não tem".

A demanda do *rapper* por testagem anti-HIV, retoma a promoção da saúde a partir do modelo proposto por Leavell e Clark, em 1965, da história natural da doença e seus três níveis de prevenção. A prevenção primária, diz respeito ao período prépatogênico (antes da ocorrência da doença) e contempla ações de promoção da saúde e proteção específica, incluindo boa nutrição, moradia adequada, trabalho, lazer, educação sexual, orientação sanitária com exames periódicos e outros. Na prevenção secundária, o período patogênico (doença em curso) prevê o diagnóstico precoce, tratamento e o controle da doença. A prevenção terciária, com práticas de reabilitação (LEAVELL; CLARK, 1976).

O conceito de promoção da saúde, assim como suas práticas, tem se desenvolvido mais intensamente na última década como uma reação à medicalização da saúde na sociedade. A partir de uma concepção mais ampla dos processos de saúde-doença e de seus determinantes sociais, a promoção da saúde procura valorizar a participação social e seus conhecimentos, sugerindo a interlocução de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais, comunitários, públicos e privados para seu enfrentamento e resolução (BUSS, 2000).

A sequência discursiva (SDR2) de que "a previnição contra o HIV hoje em dia nem existe mais", sinaliza, conforme Verdi e Caponi (2005), a necessidade de as políticas públicas saudáveis assumir o papel de protagonista no âmbito da promoção da saúde, requerendo uma abordagem mais complexa e a reformulação de conceitos e práticas, tanto na perspectiva da saúde, quanto do Estado em seu compromisso diante da sociedade. Pensar em promoção da saúde na realidade brasileira, é pensar em políticas públicas para a redução das iniquidades sociais em saúde, a qual tem

suas raízes nas desigualdades de acesso ao conjunto de condições mínimas para a saúde. Nesse contexto, pensar em políticas públicas saudáveis:

Sem dúvida, implica, em primeiro lugar, ter como diretriz política a eliminação das múltiplas carências cotidianas da vida individual e coletiva, que passam pela pobreza, pela fome, pela exclusão social, inclusive de acesso aos serviços e práticas de saúde. Implica, também, em situar estes projetos no vértice da pirâmide de prioridades políticas, visto que são, os verdadeiros determinantes do desequilíbrio social e sanitário forjado em nossa sociedade (VERDI; CAPONI, 2005 p. 87).

A representação social do HIV/AIDS emerge associada ao senso comum, à promiscuidade e faixa etária, na fala "Tem moleque de treze, quatorze... tudo fazendo sexo, tá ligado... e isso aí pra eles é normalidade". Aproxima-se da promoção da saúde tradicional, centrada no indivíduo e grupos, uma visão que culpabiliza os sujeitos pelas doenças, responsabilizando-os pelo eventual risco de adoecer caso não sigam os padrões indicados como saudáveis, gerando a subalternidade às orientações médicas, sem a promoção da autonomia (VERDI, CAPONI, 2005).

# 7.2.3.5 5º Recorte Discursivo – Redes comunitárias e cultura Hip Hop

## SDR1:

Tudo eu fazia em torno de tentar ajudar a minha mãe... a ter uma vida melhor, coisas assim sabe.

Eu vim pra cá e não conseguia emprego de jeito nenhum... Então, eu queria uma solução rápida pra aqueles problemas, já tava a bastante tempo ali necessitando junto com a minha mãe, passando necessidade ali, e eu fui pra uma localidade traficar, entendeu.

Quando eu fui pro crime, no caso pro tráfico, a minha cabeça era juntar dinheiro, poder gravar o meu CD e gravando o meu CD, ajudar minha mãe e parar, entendeu.

Eu tô agora montando o meu estúdio, né, o "Barraco Sonoro" [...] eu resolvi eu mesmo montar meu próprio estúdio, me auto gravar, e, ao mesmo tempo, dar uma estrutura que aonde, tipo, alguns possam... às vezes não ter dinheiro e ir ali gravar também.

Eu não tive a oportunidade, eu tive que correr atrás da minha oportunidade, eu mesmo fazer ela. Então, eu quero dar a oportunidade também pra novos talentos, novas pessoas, até as pessoas já da antiga que querem retornar a cantar, que tem muita gente boa.

# SDR2:

Meu corre é o quê?... só pensando nisso... o que eu vou plantar pro meus filho, pros meus filho colher, tá ligado... e esse é meu corre, fazer isso daí pelos meus filho, pra que eles tenham uma realidade melhor.

Imagina se eu tivesse alguém que me desse a mão... se tivesse fomentado a cultura em mim?... dos nove ou onze anos... até hoje em dia [...] eu não teria passado pelo presídio, eu não teria traficado, não teria tomado tiro (suspiro)... talvez... graças a deus, eu agradeço por ter meus filho, mas talvez eu não teria sido pai precocemente... porque isso também trouxe problema pro meus filho.

E a caminhada do rap foi isso né meu, eu sempre fazendo ação social, tá ligado. Nunca foquei em dinheiro [...] E quem conhece meu nome, conhece por eu tá fazendo alguma coisa boa pra alguém, tá ligado.

Que nem eu te falei... tinha só arroz e feijão pra comer dentro da baia, mas tinha corrido mistura para fazer janta comunitária no outro dia, tá ligado. Não mexia em nada, pela minha própria consciência, pra eu mesmo não me martela depois "pô mexi nos bagulho que eu pedi para eles".

Minha realidade até hoje não é nada fácil, mas só de vivenciar a cena do rap, de saber... de saber que eu tenho voz na minha comunidade... nos lugar onde eu vou, tá ligado... que os cara sabe que eu sou bom mesmo! "O negão é bom".

SDR3: [silêncio]

As frases e expressões destacadas "ajudar a minha mãe a ter uma vida melhor"; "eu quero dar a oportunidade"; "uma realidade melhor"; "alguém que me desse a mão"; "fomentado a cultura"; "ação social"; "fazendo alguma coisa boa pra alguém"; "vivenciar a cena do rap"; "de saber que eu tenho voz"; "os cara sabe que eu sou bom", encontram-se profundamente relacionadas com a camada que trata das redes sociais e comunitárias de apoio dos Determinantes sociais da Saúde (DSS), de Dahlgren e Whitehead (1991).

Nesse cenário, desenvolvido através do apoio mútuo entre familiares, amigos, vizinhos, associações de moradores, movimentos sociais etc., as redes sociais e comunitárias oportunizam a construção de relações mais sólidas, pautadas na solidariedade, confiança e respeito entre os indivíduos e grupos. Essas redes sociais conseguem promover melhores condições de saúde, impactando positivamente no bem-estar psicológico, representando um importante determinante social da saúde (GERHARDT; SANTOS, 2012).

Abordado ao longo de toda pesquisa, o movimento social *Hip Hop* é, entre tantas coisas, representações individuais e coletivas, contempla relações plurais construídas continuamente através da interlocução entre os mais diversos sujeitos, que se encontram e se organizam de forma estratégica, criativa e enérgica, estimulando o protagonismo político nas diversas esferas da vida social e compondo redes solidárias de proteção. Além disso, dedicam-se na disseminação de

conhecimentos que visam a transformação e a construção de uma sociedade mais justa para todos. Por tudo isso, o movimento social-cultural *Hip Hop* também pode ser considerado determinante social da saúde.

# **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa buscou instigar aproximações entre a Saúde Coletiva e o Movimento Social-Cultural *Hip Hop*, visando identificar e compreender as representações sociais de saúde-doença construídas e disseminadas socialmente pelos *rappers*. Sem dúvida, as narrativas de vida contadas nas entrevistas e cantadas nas músicas, proporcionaram preciosos conhecimentos científicos em representações sociais na esfera da saúde, impulsionaram a composição de reflexões teóricas sobre um conjunto de temas inseridos em diferentes áreas do saber (até mais afastados da saúde coletiva) que, no entanto, permeiam a vida urbana e seus cenários de desigualdades e exclusões sociais.

Na etapa que envolveu o levantamento bibliográfico para assentar o alicerce teórico desta pesquisa, verificaram-se diversos estudos sobre o *Hip Hop*, com múltiplas metodologias, campos e eixos temáticos. Contudo, quando recortado para a dimensão narrativa dos *rappers*, sob a teoria das representações sociais, no âmbito dos processos de saúde-doença, não foram encontradas pesquisas. Essa escassez bibliográfica foi o principal desafio enfrentado na realização deste trabalho, mas concedeu maior liberdade no momento da interpretação dos dados e certamente não impossibilitou sua conclusão.

A partir da análise dos discursos, observou-se que os *rappers*, ao denunciarem as diversas dimensões e as influências dos fatores sociais que impedem ou dificultam o acesso de pessoas e grupos a uma vida diga e democrática, apresentam um entendimento de saúde que ultrapassa o conhecimento médico hegemônico, e encontram importantes conexões no discurso ampliado de saúde, defendido pelo Sanitarista Sergio Arouca durante a 8ª Conferência Nacional de Saúde.

Nesse sentido, utilizando as próprias palavras dos rappers, saúde é: viver "sem estresse", "ser livre em comunhão" e "ver meus filhos sorrindo", é "tê-los sempre comigo, longe do perigo, longe das armas, das drogas, longe da vida do crime". Saúde é "a liberdade, a família, os amigos" é poder "rever toda família, churrasco no domingo". Saúde é acordar "a cada dia sempre bem mais disposto", é ter "uma cabeça boa ou alguém pra ajudar", é "uma vida melhor", é "vivenciar a cena do rap", "saber que eu tenho voz na minha comunidade... nos lugar onde eu vou".

Igualmente, empregando as palavras dos narradores, as doenças são: fruto das "lembranças de infância dolorida e sofrida", dos "problemas nas minhas costas" e das exclusões sociais que "aprisionam sem corrente" e nos "tornam exilados" em uma "vida sem sentido" que "perdeu o seu valor" e "arrastou angústia, mágoa, dor, sofrimento". As doenças representam "as mãos do sistema capitalista e burocrata, que te cria, te escraviza e depois te mata", são os reflexos dos "pensamentos maus" pelos anos "trancado dentro de uma cela". As doenças são o resultado "de uma geração que às vezes não tinha pão", do "temporal e a enchente quase a nos afogar".

Os rappers representam a si mesmos de diferentes formas, posicionam-se através das ausências: "a gente já nem vive mais", entendendo que as exclusões abissais os impedem de existirem como "outro". Representam-se pelas interseccionalidades: "Cadeia só existe pra pobre, negro, favelado", bem como enquanto sujeitos emergentes: "Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não ouvirem nossa voz".

A vida é representada como "bem difícil", permeada "por muita dificuldade", de modo que precisam aprender a "sobreviver com pouco". Neste caso, considero que as representações sociais dos rappers não são apenas uma forma de construção da realidade. As exclusões abissais não são determinadas através dos conhecimentos construídos e partilhados socialmente, e nem se encontram em movimento, mas sim enraizadas. A sociedade excludente está aí, posta, não precisa ser construída pelo senso comum.

Os momentos difíceis vividos na infância aparecem nos discursos: "bebiam muito dentro de casa, se agrediam", "eu era agredido... eu com oito anos de idade era obrigado a fazer limpezas domésticas", "minha coroa era espancada", revelam a violência no interior das relações familiares e atribuem um sentido mais psicológico às representações sociais da doença. Além disso, as narrativas sobre a violência envolvem o cotidiano do tráfico de drogas e as injustiças sociais praticadas e perpetuadas pelo Estado, entendidas como uma forma de violentar a população e seus direitos fundamentais.

As palavras, entonações e demais aspectos dos processos discursivos que pude observar, deram origem à construção de categorias e subcategorias complementares. Vale destacar que o objetivo aqui, não é, contudo, engessar e classificar os discursos e as representações sociais de saúde e doença observadas,

mas sim facilitar a sua visualização e chegar a um consenso administrável, capaz de responder à pergunta de pesquisa. Sendo assim, os eixos temáticos que expressam as principais representações sociais de saúde e doença estão organizados no quadro a seguir.

Quadro 6 - Principais representações sociais de saúde-doença dos rappers

	rincipais representações sociais de saude-doença dos <i>rappers</i>
Categorias da doença	Subcategorias
I. Mal-estar psíquico	I.1. Traumas de infância.
	I.2. Perda do sentido da vida.
	I.3. Privação de liberdade.
	I.4. Pensamentos obsessivos.
	I.5. Sentimentos de ódio, revolta, angústia e mágoa.
	I.6. Problema psicológico, loucura e hospício.
II. Violências	II.1. Violência Intrafamiliar contra mulheres e crianças.
	II.2. Violência de Estado.
	II.3. Violência Urbana.
III. Uso e abuso de	III.1. Moral, culpabilização e patologização.
drogas	III.2. Epidemia do crack.
	III.3. Consequências geracionais.
	III.4. Consciência da estigmatização dos usuários de drogas.
IV. Desigualdades	IV.1. Falta de acesso à saúde, educação básica e superior,
sociais	eletricidade, moradia, bens de consumo, saneamento básico e
	alimentação.
	IV.2. Racismo estrutural e Interseccionalidades.
	IV.3. Empregos subalternos.
Categorias da saúde	Subcategorias
I. Bem-estar psíquico	I.1. Equilíbrio emocional.
	I.2. Habilidade individual.
	I.3. Comportamentos socialmente aceitos.
	I.4. Relações familiares.
II. Promoção da	II.1. Conceito tradicional de prevenção e promoção da saúde.
Saúde	II.2. Educação sexual centrada no indivíduo e grupos.
	II.3. Risco e Prevenção do HIV, associados à promiscuidade.
	II.4. Diálogo como estratégia de prevenção ao consumo de drogas.
III. Movimento Hip-	III.1. Representatividade política.
Нор	III.2. Encontro entre arte, saúde e cultura.
	III.3. Solidariedade.
	III.4. Novas atitudes de vida.

Fonte: autora, 2022.

As representações das doenças estão relacionadas com os determinantes sociais da saúde (DSS), às condições precárias de infraestrutura e a falta de acesso aos serviços públicos essenciais: "não tenho recurso, não tenho acesso à saúde, não tenho acesso a saneamento básico, não tenho acesso a uma limpeza no bairro", "era raro energia aqui na vila", "falta investimento na área da educação", "já morei na rua", "tinha vezes que o cara comeu só arroz e farofa", "a gente não tem roupa"

As representações sociais da doença também estão relacionadas ao consumo de drogas lícitas e ilícitas. A noção é ancorada na doença e na culpabilização

dos sujeitos. Os discursos apontam as consequências negativas "as drogas, é rotina suicida", "por muito tempo fui um nóia fracassado", "mata milhões por dia". A representação social do crack aparece fortemente enraizada na ideia de "epidemia do crack", expressando a existência de um consumo intergeracional de substâncias psicoativas "é uma geração que tá passando pra outra".

As representações sociais da saúde estão vinculadas a perspectiva da promoção da saúde, com acesso aos exames diagnósticos. A noção de equilíbrio psíquico representa uma habilidade interna saudável, um tipo de "bom senso" emocional/psicológico próprio do sujeito.

Os narradores urbanos usam a linguagem, com rimas, versos e ritmos de forma peculiar, para abordar temas polêmicos como seletividade penal, racismo estrutural, corrupção do colarinho branco, posições sociais, pobreza, colonialismo, escravidão, educação, saúde, entre outros conteúdos, que, ao serem imersos na musicalidade expressiva do rap, tornam-se ainda mais interessantes de serem analisados. Os discursos são constituídos por um vasto conjunto de elementos que criam significados, que podem ser estudados por meio da Psicanálise, Saúde Coletiva, Sociologia, Filosofia, Representações Sociais, dentre outras disciplinas, das quais eu me debrucei sem a pretensão de esgotar as discussões ou fornecer conclusões e verdades absolutas sobre os temas.

Os *rappers* ampliam as vozes de uma parcela da população que também é usuária do SUS. Nesse ponto, importa destacar o caráter original deste estudo, que inaugurou caminhos para futuras pesquisas em Saúde Coletiva, direcionadas para as narrativas dos agentes sociais do *Hip Hop* e suas representações sociais de saúdedoença.

Acredita-se que outras reflexões possam ser levantadas e problematizadas aqui, especialmente na atual conjuntura do país, onde as políticas públicas/estatais estão sendo tão questionadas. Espera-se que a pesquisa contribua para o aprofundamento dos debates e a geração de novos conhecimentos capazes de repercutir em novas práticas de saúde, no sentido de ultrapassar uma lógica individualizada, focalizada, assistencialista e, sobretudo, de ações invasivas, punitivas e criminalizantes.

# REFERÊNCIAS

AGUDELO, S. F. La violência: un problema de salud pública que se agraba en la región. **Boletin Epidemiológico de la OPS** (Organização Pan-Americana da Saúde), v. 11, n. 2, 1990. Disponível em:

https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/32605/8387.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 ago. 2022.

ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE. Z. A. **Teoria das Representações Sociais 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. pp. 42-898. Disponível em:

http://www.technopolitik.com.br/files/TRS%2050%20anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

ALMEIDA, R. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, pp. 185-213, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010. Acesso em: 13 jun. 2022.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/871313/mod\_resource/content/1/ALMEI DA%2C%20Silvio%20Luiz%20de.%20Racismo%20estrutural.%20S%C3%A3o%20Paulo%3B%20P%C3%B3len%2C%202019.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

ALVES, C. R. M.; BORGES, T. A memória e a infância revisitada por Bartolomeu Campos de Queirós. **Revista Signótica**, v. 32, 2020. Disponível em: (11) A memória e a infância revisitada por Bartolomeu Campos de Queirós | Cássia Regina Machado Alves - Academia.edu. Acesso em: 08 março 2022.

APAV. **Quem somos**. 2012. Disponível em: https://apav.pt/vd/index.php/features2. Acesso em: 16 jul. 2022.

ARAÚJO, T. T. F. **Violência e Criminalidade Urbana: Qual a solução?** JusBrasil, 2017. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/59428/violencia-e-criminalidade-urbana-qual-a-solucao. Acesso em: 19 ago. 2022.

ARCANGELO, F. H.; ASSUMPÇÃO, R. A. B. P. S. Os impactos da reforma previdenciária na desigualdade social. **Artigos Jurídicos**, 2021. Disponível em: https://jus.com.br/imprimir/94509/os-impactos-da-reforma-previdenciaria-na-desigualdade-social. Acesso em: 15 abr. 2022.

ASSIS, A. C. *et al.* Pesquisa em Música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas. **ANPPOM**, Goiânia, v. 1, 2009. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Pesquisa\_e\_Mu%CC%81sica.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.

ASSIS, R. D. A realidade atual do sistema penitenciário brasileiro. **Revista CEJ**, Brasília, ano 9, n. 39, p. 74-78, out./dez. 2007. Disponível em:

https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/949/1122. Acesso em: 13 fev. 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em:

https://dialogo.fflch.usp.br/sites/dialogo.fflch.usp.br/files/upload/paginas/BAKHTIN%2 C%20M.%20GE%CC%82NEROS%20DO%20DISCURSO%201-%20co%CC%81pia 0.pdf. Acesso em: 17 abr. 2021.

BARATA, B. R. Os desafios da teoria e da práxis da saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 6, n. 1, pp. 20-47, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/gDH3h9FwqLqvDjxLnmtFYGD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23 maio 2021.

BARATTA, A. Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da reintegração social do sentenciado. Alemanha: Universidade de Saarland, 2007. Disponível em: http://www.ceuma.br/portal/wp-content/uploads/2014/06/BIBLIOGRAFIA.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

BARRETO, M. L. Por uma epidemiologia da saúde coletiva. Instituto de Saúde Coletiva/UFBA. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 1, n. 2, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepid/a/wN6yFwnHCFmxnjSr4SjTW4h/?lang=pt. Acesso em: 07 fev. 2022.

BARROS, B. W. O sistema prisional em 2020-2021: entre a Covid-19, o atraso na vacinação e a continuidade dos problemas estruturais. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2021. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/11-o-sistema-prisional-em-2020-2021-entre-a-covid-19-o-atraso-na-vacinacao-e-a-continuidade-dos-problemas-estruturais.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

BASSANI, F. O grito mudo das cadeias ganha voz: cultura hip hop como ferramenta de educação, tratamento e protagonismo para jovens presos. **Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária**, Brasília, v. 1, n. 22, p.111-129, 2010.

BASTOS, P. N. Faces do Espelho: Processos de Construção de Sentidos sobre o Movimento Hip Hop do ABC Paulista. **Revista Passagens, do Programa de Pósgraduação em Comunicação**, Fortaleza: UFC, Ceará, v. 5, n. 1, p. 133-152, 2014. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46101/1/2014\_art\_pnbastos.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

BECKER, H. S. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Tradução: Maria Luiza X. de Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. Disponível em: https://criminologiacabana.files.wordpress.com/2015/08/howard-becker-outsiders-estudos-sobre-sociologia-do-desvio.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

BERTONI, M. L.; GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. *In*: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, BA: EDITUS, pp. 101-122, 2017. Disponível em: http://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

BOGDAN. R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, pp. 19-333, 1994. Disponível em:

https://www.academia.edu/6674293/Bogdan\_Biklen\_investigacao\_qualitativa\_em\_educacao. Acesso em: 16 jul. 2021.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/tuany/Downloads/BOLTANSKI%20-%20as%20classes%20sociais%20e%20o%20corpo%20(1).pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

BORDE, E.; ÁLVAREZ, M. H.; PORTO, M. F. S. Uma análise crítica da abordagem dos Determinantes Sociais da Saúde a partir da medicina social e saúde coletiva latino-americana. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 106., 2015. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Kdf3kjjB73Ym6n7QFJgxWQD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 jan. 2022.

BOURDIEU, P. F. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 maio 2022.

BRASIL. **Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União, DF*: Brasília, 20 set. 1990. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil 03/leis/l8080.htm. Acesso em: 29 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 1.820, de 13 de agosto de 2009**. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. DF: Brasília, 2009. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/ultimas\_noticias/2009/01\_set\_carta.pdf. Acesso em 28, nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde**. DF: Brasília, 1986. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8\_conferencia\_nacional\_saude\_relatorio\_final.pd. Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional De Saúde. **Moção de Repúdio Nº 006, de 26 de maio de 2022**. Manifesta repúdio à violência policial aplicada na intervenção do Estado no

Complexo da Penha, na comunidade Vila Cruzeiro no Rio de Janeiro e no caso de Genivaldo Santos, em Sergipe, 2022. Disponível em:

http://conselho.saude.gov.br/images/mocoes/2022/Moc\_006.pdf. Acesso em: 16 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 mai. 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS**: Anexo I da Portaria de Consolidação n. 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\_nacional\_promocao\_saude.pdf; Acesso em 19 abr. 2021.

BRASIL. Ministérios da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Brasil tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra mulheres até julho de 2022**. DF: Brasília, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-oufamiliar. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/LEIS/L7210.htm. Acesso em: 20 abr. 2020.

BREIL, J. Entrevista: Jaime Breilh. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 13, n. 2. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tes/a/Xz8LDQMG3j4kB8z3kVLcynR/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 07 fev. 2022.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus Determinantes Sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 77-93, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 06 set. 2022.

BUSS, P. M.; Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/HN778RhPf7JNSQGxWMjdMxB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 02 dez. 2022.

CABRAL, I. H. S. **Por Via Das Dúvidas, O Machismo: Uma análise do** *topos* **misógino na obra dos Racionais MC's**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199967/TCC%20-

%20Igor%20Henrique%20dos%20Santos%20Cabral.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 mai. 2022.

CAMPOS, G. W. S. Sete considerações sobre saúde e cultura. **Saúde e Sociedade**, v. 11, n. 1, 2002. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/sausoc/a/whFWhts3bdyz4q8v35hWLZN/?lang=pt. Acesso em: 14 mar. 2021.

CAMPOS, G. W. S.; MINAYO, M. C. S.; AKERMAN, M.; JÚNIOR, M. D.; CARVALHO, Y. M. **Tratado de Saúde Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

CAMPOS, K. F. C. Representações do processo saúde-doença: o usuáriosujeito no programa saúde da família. (Mestrado) Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: http://www.enf.ufmg.br/pos/defesas/306M.PDF. Acesso em: 06 set. 2022.

CAPELLARI, M. A. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). Tese (Doutorado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/publico/TESE\_MARCOS\_ALEXANDRE\_CAPELLARI.pdf. Acesso em: 03 fev. 2022.

CASTRO, A. L. Culto ao corpo: identidades e estilo de vida. *In:* VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: A questão social no novo milênio, 8ª ed., 2004. Coimbra. **Artigo**. Universidade de Coimbra: Portugal, 2004. p.1-14 Disponível em:

https://ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacastro.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

CEBALLOS, A. G. C. Modelos conceituais de saúde, determinação social do processo saúde e doença, promoção da saúde. UNA-SUS UFPE, Recife, 2015. Disponível em:

https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/3332/1/2mod\_conc\_saude\_2016.pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) FBSP: São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf. Acesso em: 20 mai. 2022.

CHIKUTA. **Sistema Covarde**. Gravadora: CrímíNaléPród. 2018a, Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bg7wngfRugE. Acesso em: 13 mai. 2021.

CHIKUTA. **Um Entre 100**. Gravadora: CrímíNaléPród. 2018b. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Neclyu iKv0. Acesso em: 16 mai. 2021.

CNDSSS - COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. Introdução. *In:* **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil**.

Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008, pp. 17-21. Disponível em: https://books.scielo.org/id/bwb4z/pdf/comissao-9788575415917-03.pdf. Acesso em: 06 set. 2022.

COELHO, I. P. Rap e Poesia para uma adolescência com privação de liberdade: Possibilidade de deslocamento da posição de vida nua. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2021. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/42898/1/2021\_Ism%c3%aaniaPintoCoelho .pdf. Acesso em: 14 mai. 2022.

CONCEIÇÃO, M.; ROSA, H. Saúde Coletiva e Movimento Social. **Psicologia Política**, v. 17, n. 39, 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a05.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

CORRÊA, A. S. A Influência do Rap Nacional como Instrumento Contemporâneo de Manifestação e Ressocialização da População Carcerária No Sistema Prisional Gaúcho. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 13., 2016, Santa Cruz do Sul. **Resumos [...].** Rio Grande do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016. p. 4655, ref. 1-20. Disponível em:

https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15796. Acesso em: 16 jul. 2021.

COSTA, J. S. *et al.* Covid-19 no Sistema Prisional Brasileiro: da indiferença como política a política de morte. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, pp. 1-19. jul. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/Jrx9BspBkMmvfLbTTLJLk9D/?lang=pt. Acesso em: 17 ago. 2021.

COSTA, P. H. A.; MENDES, K. T. Colonização, Guerra e Saúde Mental: Fanon, Martín-Baró e as implicações para a Psicologia Brasileira. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, ed. 36, Brasília, 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/27161/28823. Acesso em: 20 jul. 2020.

COURTINE, J. Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Ed. UFSCar, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/tuany/Downloads/pdfcoffee.com\_courtine-jean-jacques-analise-do-discurso-politico-o-discurso-comunista-endereado-aos-cristaos-pdf-pdf-free.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/696271/mod\_resource/content/1/Creswell.pd f. Acesso em: 12 mar. 2021.

D'ANDREA, T. P. A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, SP, 2013. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/publico/2013 TiarajuPabloDAndrea VCorr.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. Policies, and strategies to promote social equity in health. **Stockholm: Institute for Future Studies**, 1991. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/6472456.pdf. Acesso em: 06 set. 2022.

DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: https://docero.com.br/doc/ve10xxx. Acesso em: 10 mai. 2022.

DESLANDES, S. F.; NETO, O.C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

DUARTE, P. J. Foto-grafia do eu: memórias de um sobrevivente do sistema prisional do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) — Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13132/Diss%20464%20-%20PAULA%20JARDIM%20DUARTE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 jul. 2020.

ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239096/mod\_resource/content/0/A%20Sociedade%20Dos%20Individuos%20-%20Norbert%20Elias.pdf. Acesso em: 16 abr. 2021.

**ENTRE a luz e a sombra**. Direção: Luciana Burlamaqui. Produção de Zora Mídia. São Paulo: Zora Mídia, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XgW4dcJlvos. Acesso em: 05 jan. 2021.

FALCÃO, A. R. G.; SOUZA, L. A. P.; COSTA, R. Discriminação e preconceito linguístico: questões para promoção da saúde? **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 05, ed. 03, v. 02, pp. 17-31. 2020. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/discriminacao-epreconceito. Acesso em: 16 ago. 2022.

FALEIROS, P. V. et al. A Construção do SUS: histórias da Reforma Sanitária e do processo participativo. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/construcao\_do\_SUS\_2006.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

FELIX, C. M.; REIS, C. S. Poderá a justiça criminal ser emancipatória? Reflexões a partir do pensamento de Boaventura de Sousa Santos. **Revista Direito e Práxis**, v. 06, n. 01, 2015. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/15414/11721. Acesso em: 12 set. 2022.

FERNANDES, L.; BARBOSA, R. A construção social dos corpos periféricos. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 1, São Paulo, 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/sausoc/a/MMTMJPGgQTf3x5qCFKX83hj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 jun. 2021.

FERREIRA, M. A. Teoria das Representações Sociais e Contribuições para as Pesquisas do Cuidado em Saúde e de Enfermagem. **Editorial: EEAN**, Esc. Anna Nery, v. 2, n. 20, p. 214-219. UFRJ – Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/wdyxP7y3X3QZLLcZJWqX6mq/?lang=pt. Acesso em: 19 jul. 2021.

FILGUEIRAS, F. A tolerância à corrupção no Brasil: uma antinomia entre normas morais e prática social. **Opinião Púbica**, v. 15, n. 02. Campinas, 2009. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/op/a/8vW5w5whdMLRD3sqWPV6fgg/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

FLECK, M. P. A. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/csc/a/3LP73qPg5xBDnG3xMHBVVNK/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 02 dez. 2022.

FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009. Disponível em: https://renasf.fiocruz.br/sites/renasf.fiocruz.br/files/artigos/flick%20-%20desenho%20de%20pesquisa%20quali.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

FONSECA, A. F.; CORBO, A. M. D'A. (org.). **O território e o processo saúdedoença**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ, 2007. Disponível em:

http://www.retsus.fiocruz.br/upload/documentos/territorio\_e\_o\_processo\_2\_livro\_1.p df. Acesso em: 18 mar. 2021.

FRANÇA, G. V. Medicina Legal. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". Tradução: Júlio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, v. 14, n. 14. São Paulo, 2006.

FREITAS, C. M. *et al.* Desastres naturais e saúde: uma análise da situação do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, pp. 3645-3656, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/qXzXxxhczq66WnKnZfbtdMk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 jun. 2022.

FURLAN, R. A importância da discussão sobre a noção de sujeito: Foucault, Sartre, Merleau-Ponty. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1035-1054, out./dez., 2017. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ep/a/SGjdfFPDS3jW6wLS97xdPWx/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 set. 2021.

- GARCIA, C. F. O ato de fugir de casa na adolescência: algumas hipóteses a partir de casos atendidos no projeto Caminho de Volta. **Rev. aSEPHallus**, v. 12, n. 23, 2017. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero\_23/pdf/5-o ato de fugir de casa na adolescencia.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora PERSPECTIVA, 1974.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/7128572/A\_Arte\_de\_Pesquisar\_Mirian\_Goldenberg. Acesso em: 04 jul. 2021.
- HEGENBERG, L. **Doença: um estudo filosófico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. Disponível em: https://docplayer.com.br/11737515-Doenca-um-estudo-filosofico.html. Acesso em: 07 fev. 2022.
- HELING, J. E. **Pensando o espaço da prisão a partir da categoria "linha abissal"**. *In:* 20° Congresso Brasileiro de Sociologia, Belém PA. Universidade Federal de Pelotas, UFPA. 2021. Disponível em: https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFt cyI7czozNToiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVEIWSURBREUiO3M6MjoiMzMiO30iO3M6M ToiaCI7czozMjoiYjVIN2E2NWNjMzk4N2ZINDJmOWVkMDQ0MGFjMmEzYTYiO30% 3D&ID\_ATIVIDADE=33. Acesso em: 15 fev. 2022.
- HENRIQUES, R. M. **O silêncio em análise**. (Monografia) Faculdade de Ciências da Saúde e da Educação, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2732/3/20838607.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.
- HINKEL, J.; MAHEIRIE K. Rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica. Universidade Federal de Santa Catarina, **Psicologia & Sociedade**, v. 19 ed. 2. Florianópolis, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/WTyX3kCtwMjpLT5jvJchnmr/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.
- JAMBEIRO, F. S. V. Da senzala para o cárcere: A legitimação do racismo estrutural através da seletividade penal no Brasil. **Revista Jus Navigandi**, jan. 2021. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/87748/da-senzala-para-o-carcere-a-legitimacao-do-racismo-estrutural-atraves-da-seletividade-penal-no-brasil. Acesso em: 07 fev. 2022.
- JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. *In:* D. Jodelet (Ed). Les représantations sociales. Paris: PUFF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão: Alda Judith Alvez Mazzotti. UFRJ, 1993.

- JODELET, D. Place de l'expérience vécue dans le processus de formation des représentations sociales. Rennes: Les Press Universitaire de Rennes, 2006, p. 33. Disponível em:
- http://classiques.uqac.ca/contemporains/jodelet\_denise/place\_experience\_processus/place\_experience\_processus.pdf. Acesso em: 7 jul. 2021.
- JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais e Esfera Pública: Um estudo sobre a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/v7n09a09.pdf. Acesso em: 27 nov. 2022.
- KELLNER, D. A cultura da mídia estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001. Disponível em:
- https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner\_a-cultura-da-mc3addia\_2001.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.
- KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Ed 1. Rio de Janeiro: COBOGÓ, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS\_DA\_PLANTACAO\_-\_EPISODIOS\_DE\_RAC\_1\_GRADA.pdf. Acesso em: 16 abr. 2022.
- LAURELL, A. C. A saúde-doença como processo social. Trad. E. D. Nunes *in:* La salud-enfermedad como proceso social". **Revista Latinoamericana de Salud**, México, v. 2, pp. 7-25, 1982. Disponível em: https://unasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod resource/content/1/Conteud
- o\_on-line\_2403/un01/pdf/Artigo\_A\_SAUDE-DOENCA.pdf. Acesso em: 11 set. 2022.
- LEAL, G. P. O.; CAMPOS, R. M. O. Ocupando o cubo branco: reflexões sobre a entrada da pixação no mundo da arte. **Revista de Antropologia**, v. 65, n. 3, 2022. Disponível em:
- https://www.scielo.br/j/ra/a/7Wndqp5WJML9JqQwBRZz6LB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 dez. 2022.
- LEAVELL, H.; CLARK E. G. **Medicina Preventiva**. McGraw-Hill, São Paulo, 1976. Disponível em:
- https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2476910/mod\_resource/content/1/Leavell%2 0%20Clark.pdf Acesso em: 28 nov. 2022.
- LEGNANI, V. N.; D'ARAGÃO, S.; SPINOLA, J. M.; PALADINO, L. M. Grupos de adolescentes no espaço escolar: o papel do professor face às fratrias adolescentes. **Linhas Críticas**, Universidade de Brasília, Brasília, v. 18, n. 35, 2012. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3848/3519. Acesso em: 29 nov. 2021.
- LEVY, C. M. D.; CUNHA, L. **Embates em torno do Estado laico**. São Paulo: SBPC, 2018. Disponível em:
- http://sbpcacervodigital.org.br/bitstream/20.500.11832/2897/1/Livro%20eletronico%20Embates%20em%20torno%20do%20Estado%20Laico.pdf. Acesso em: 16, mai. 2022.

LIMA, B. S. B.; BOAS, J. M. V.; ALMEIDA, E. S.; PIVA, S. G. N.; OLIVEIRA, A. D. F. Controle social e desenvolvimento territorial: Desafios no protagonismo social dos usuários dos serviços de saúde na manutenção da rede e do Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Controle Social e desenvolvimento Territorial**, v. 6, n. 8, 2020. Disponível em:

https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/csdt/issue/view/438/347. Acesso em: 28 ago. 2022

LIMA, E. A.; CASTRO, E. D.; BUELAU, R. M.; VALENT, I. U.; INFORSATO, E. A. Interface arte, saúde, cultura: um campo transversal de saberes e práticas. **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v.19, n. 55. SP: São Paulo, 2015. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/icse/a/Ynm4wjGRnzZXjJ6m7yPsybm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 03 set. 2022.

LUIZ, M.; ELIANE, G. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas de em saúde. **Revista Cronos**, UFRN, v.11, n. 2. RN: Natal, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2157/pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

MCCOTTER, S. S. Collaborative groups as professional development. **Teaching and Teacher Education**, v. 17, n. 6, 2001.

MACEDO, L. C. *et al.* Análise do discurso: uma reflexão para pesquisar em saúde. **Interface Comunicação Saúde Educação**, v. 12, n. 26, p. 649-57, jul./set. 2008. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/icse/a/4vm8ycTGFRQzzTZM6dFqZCz/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 abr. 2021.

MADEIRA, M. O.M. "EU SOU TU, TU ÉS EU, SOMOS PARTE DO DIVINO EU" A FUNÇÃO MÃE E A PSICOSE. Monografia (Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES) Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2009. Disponível em:

https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2737/2/20511500.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

MAFFIOLETTI, C. de A. Retomando a nossa esquina: O Movimento Hip-Hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/99030/000919640.pdf?sequence= 1. Acesso em: 16 mar. 2021.

MAGNUS, M. A. **A luta não acabou**. Grupo Conscient Ments. Psicose Records, Youtube, 2020b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X11ZcwgNvGl. Acesso em: 24 abr. 2021.

MAGNUS, M. A. **Cenário de Louco**. Grupo Conscient Ments. Produção Independente, Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i\_b9Uabqwls. Acesso em: 20 abr. 2021.

- MAGNUS, M. A. **Visão Retrô**. Grupo Conscient Ments. Psicose Records, Youtube, 2020a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QSmOdl\_9I-0. Acesso em: 20 abr. 2021.
- MALTZ, R. S.; ZAVASCHI, M. L.; LEWKOWICZ, A. B.; BUGIN, A. M.; LAHUDE, D.; SUAREZ, E. M. F.; SOIBELMANN, L.; SORDI, R. O.; FORTES, S. Poder paternal e filicídio: um estudo interdisciplinar. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 3, 2008. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0486-641X2008000300010&Ing=pt&tIng=pt. Acesso em: 20 abr. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/MARCUSCHI-Luiz-Antonio\_\_O-processo-de-producao-textual.pdf. Acesso em: 16 mai. 2021.

MARSIGLIA, R. M. G. Temas Emergentes em Ciências Sociais e Saúde Pública/Coletiva: a produção do conhecimento na sua interface. **Saúde & Sociedade.** São Paulo, v. 22, n. 1, p. 32-43, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/5nHYZxGBTjGtMrTtTHGSXbS/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 16 mar. 2021.

MARTINS, R. Rap Nacional e as Práticas Discursivas Identitárias. **Música & Cultura,** n. 3. Revista on-line de Etnomusicologia, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/376789/mod\_resource/content/0/110-126-1-PB-Rosana%20Martins-Rap.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

MATSUNAGA, P. S. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, pp. 108-116, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/SNpCrjgrnM5f9FMV8R7Jpjn/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 jun. 2022.

MATTOS, H. M. O Ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. *In:* ABREU, M.; SOIHET, R. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; FAPERJ, 2003.

MELLO, L.; GONÇALVES, E. Diferença e Interseccionalidade: Notas práticas para pensar práticas em saúde. **CRONOS, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN**, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2157/pdf. Acesso em: 09 ago. 2021.

MENDES, E. V. As Redes de Atenção à Saúde. Ciências & Saúde Coletiva, v. 15, n. 5, 2010. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/csc/a/VRzN6vF5MRYdKGMBYgksFwc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 07 fev. 2022.

MENDES, G. G. Efeito colateral que o seu sistema fez: O Rap Político dos Racionais MC'S e a cidade de São Paulo. **Revista Sociologia em Rede**, v. 06, n. 6, 2016. Disponível em: https://silo.tips/download/efeito-colateral-que-o-seu-sistema-fez-o-rap-politico-dos-racionais-mc-s-e-a-cid. Acesso em: 15 nov. 2021.

MENEZES, K.; BRAGA, C. F. **A saúde como campo das Representações Sociais**. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *In:* XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Federal de Goiás. AM: Manaus, 2013. Disponível em:

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0661-1.pdf. Acesso em: 27 nov. 2022.

MERTON, R. Social Theory and Social Structure. New York: Free Press, 1968.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIR, Luís. Guerra Civil: Estado e Trauma. Geração Editorial, São Paulo, 2004.

MIRANDA, M. L. A. Narrativas Interativas de Presidiários Sobre a Experiência da Paternidade. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15921/ccv\_ppgpsico\_me\_Marcia\_LA M.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 02 mai. 2022.

MIRANDA, T. A política de saúde mental e as repercussões do cuidado ao portador de transtorno mental infrator na vida da família e da mulher cuidadora. Trabalho de conclusão, Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2007. Disponível em: http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial285881.PDF. Acesso em: 12 jul. 2022.

MIZRAHI, B. G. Winnicott, Kohut e a teoria da intersubjetividade: uma psicanálise do pertencimento frente à precariedade contemporânea dos vínculos. **Cad. Psicanálise** (**CPRJ**), Campos dos afetos, Rio de Janeiro vol. 39, n. 36., 2017.

MONTEIRO, C. A. Fome, Desnutrição e Pobreza: além da semântica. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 01, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/mTc9BVfnwCwmx3zxhJtW6dH/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 20 out. 2021.

MOORE, C. Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 1.ed. Belo Horizonte: **Maza Edições**, 2007.

MORAIS, A. de; ORNAT, M. J. Espaço figura materna e masculinidades no/do rap da cidade de Ponta Grossa, Paraná. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 22, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/29602. Acesso em: 13 mai. 2022.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: Investigações em Psicologia Social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 404. Disponível em: https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI\_S\_Representa%C3%A7%C3%B 5es Sociais. Acesso em: 15 jan. 2021.

- NEGO GILSON. **Dias das mães**. Produção independente. 2020a, Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eQNr2dL5wZQ. Acesso em: 17 jun. 2022.
- NEGO GILSON. **Eu Vi**. Produção: Estúdio 111 Records. 2021, Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=86Ru7CkY9nw. Acesso em: 22 jul. 2022.
- NEGO GILSON. **Vivenciei**. Estúdio Livre-Dunas Rap. 2020b, Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9TFI7lbbiM8. Acesso em 22 jul. 2022.
- NIETZSCHE, **A vontade de poder**. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F.W. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NOUR, G. F. A. *et al.* Ação Educativa de Promoção da Saúde Mental na Cadeia Pública de Sobral (CE). **SANARE**, Sobral, v.14, n. 2, p.84-90, jul./dez. 2015. Disponível em: https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/830. Acesso em: 15 jul. 2021.
- NUNES, J. A.; LOUVISON, M. Epistemologias do Sul e descolonização da saúde: por uma ecologia de cuidados na saúde coletiva. **Saúde & Sociedade**, v. 29, n. 3. São Paulo, 2020. Disponível em:
- https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8XdsBw8dwhVQfr7B4ccBvVH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 jan. 2022.
- NUNES, T. R. A influência da música sobre as representações sociais de meio ambiente no contexto de uma exploração científica. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Florianópolis, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101572/213505.pdf?sequence =1. Acesso em: 15 set. 2021.
- OLIVEIRA, L. A percepção da qualidade ambiental. *In:* **Ação do homem e a qualidade ambiental**. Rio Claro: ARGEO e Câmara Municipal, São Paulo, 1983.
- OLIVEIRA, M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, 2004. Disponível em:
- https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hxygmJs8PvY8S54bqn8hdzQ/?lang=pt. Acesso em: 15 fev. 2021.
- OPAS ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Desastres Naturais e Saúde no Brasil**. Brasília, DF: OPAS, Ministério da Saúde, pp 49. (Série Desenvolvimento Sustentável e Saúde, 2) 2014. Disponível em: https://www.paho.org/bra/dmdocuments/Desastres%20e%20Saude%20Brasil.pdf. Acesso em: 09 jul. 2022.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-

- digital/ORLANDI-Eni-P-Analise-Do-Discurso-Principios-e-Procedimentos.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- ORLANDI, E.P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. Vozes e contrastes: Discurso na Cidade e no Campo. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- PAIM, J. S. Modelos de Atenção e Vigilância da Saúde. *In:* Rouquayrol, M.Z. & Almeida Filho, N. (Org.)., **Epidemiologia & Saúde**. 6. ed., Rio de Janeiro: Medsi, 2003. Disponível em:
- http://portal.saude.pe.gov.br/sites/portal.saude.pe.gov.br/files/modelos\_de\_atencao\_e\_vigilancia\_da\_saude\_-\_paim\_0.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.
- PAIM, J.S. **Desafios para a Saúde Coletiva no século XXI**. Editora da UFBA. Salvador BA, 2007.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. *In:* GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). 3. ed. Tradução: Bethania Mariani *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PEREIRA, S. E. F. N. Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas. Tese Departamento de Psicologia Clínica (Instituto de Psicologia) Universidade de Brasília, DF: Brasília, 2009.
- PEREIRA, V. T.; GUARESCHI, P. A. Representações sociais da psicologia sobre os usuários do CRAS: culpabilização dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social. **Diálogo**, Canoas, n. 26, 2014. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1626/1152. Acesso em: 05 mai. 2022.
- PETER, G. D. Santa Bárbara: O Braço Morto Do Arroio Que Ainda Vive Na Memória. Trabalho de Conclusão do Módulo I (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Departamento de Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul URGS, Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://docplayer.com.br/2717255-Santa-barbara-o-braco-morto-do-arroio-que-ainda-vive-na-memoria.html. Acesso em: 20 dez. 2021.
- PEZ, T. D. P. Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. *In:* VII SEMINÁRIO EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7. ed., 2008, Londrina. **Anais**. Londrina: Eduel, 2008. p. 1-14. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPez.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.
- PIERUCCI, A. F. O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo, Editora 34, 2003. Disponível em: https://toaz.info/docview. Acesso em: 17 abr. 2022.

- PINHEIRO, M. G. C.; RODRIGUES, I. D. C. V.; SILVA, R. A. R.; MIRANDA, F. A. N. Ampliando horizontes na interface Práticas Integrativas com Epistemologias do Sul. **Revista Cuba Enfermagem**, v. 35, n. 3, 2019. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1156418. Acesso em: 18 abr. 2022.
- PIRES, J. R. X. **Da Tropicália ao Hip-Hop: Contracultura, Repressão e alguns diálogos possíveis**. Monografia (Bacharel em História) Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.overmundo.com.br/banco/da-tropicalia-ao-hip-hop-contracultura-repressao-e-alguns-dialogos-possiveis. Acesso em: 28 mar. 2022.
- PONCIO, G. R. O rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência: enfrentamento, a prisionização e a seletividade do sistema penal. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) Departamento de serviço social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul URGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em:

https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134404/000985826.pdf?sequence=1&is Allowed=y. Acesso em: 10 jan. 2021.

- PRADO, A. R. M.; SILVA, M. A. M. A adoção de ações afirmativas para a população prisional e egressos: uma via para contenção dos efeitos negativos do encarceramento. **Rev. De Criminologias e Políticas Criminais**, v. 2, n. 2. Curitiba, 2016. Disponível em: https://indexlaw.org/index.php/revistacpc/article/view/1456/pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.
- PUNTEL L.; CHAGURI, F. **O grito do Hip Hop**. São Paulo: Ática, 2004. Disponível em: https://pdfslide.net/education/o-grito-do-hip-hop-fatima-chaguri-e-luiz-puntel.html. Acesso em: 16 jul. 2021.
- QUEIRÓS, P.J. P. Enfermagem, uma ecologia de saberes. **Cultura de los cuidados**, v.20, n.45, 2016. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/57360/1/CultCuid 45 15.pdf. Acesso em:

15 abr. 2022.

RASCOVSKY, A. **O assassinato dos filhos**. Editora Documentário. Rio de Janeiro: 1973.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR (rede PENSSAN). VIGISAN: Il inquérito nacional sobre segurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. Rio de Janeiro: **Rede Penssan**, 2022. Disponível em: https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

REIS, A. R.; KIND, L. A saúde de homens presos: promoção da saúde, relações de poder e produção de autonomia. **Psicologia em Revista,** Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 212-231, ago. 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n2/v20n2a02.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.

- RIGHI, V. J. **RAP: Ritmo e Poesia: Construção Identitária do Negro no Imaginário do RAP brasileiro**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e em português) Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:
- https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10853/1/2011\_VolneiJoseRighi.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- ROCHA, B. C. RAP E RELIGIÃO: Análise do Imaginário Religioso em Racionais MC'S. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Humanidades e Direito) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em:

http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2169/2/Bruno%20Rocha2.pdf. Acesso em: 08 jun. 2022.

- ROCHA, E.; RODRIGUES, J. C. Corpo e Consumo: Roteiro de estudos e pesquisas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012. Disponível em: http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook\_corpo\_consumo.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.
- RODRIGUES, C. C. F. M.; CARVALHO, D. P. S. R. P.; SALVADOR, P. T. C. O.; MEDEIROS, S. M.; MENEZES, R. M. P.; JÚNIOR, M. A. F.; PEREIRA, V. E. Ensino inovador de enfermagem a partir da perspectiva das epistemologias do sul. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 2, 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ean/a/DCVJm5qgZvcWjzrmPJpwyHf/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 abr. 2022.

ROSA, T. H. O acesso à energia elétrica como manifestação do direito ao mínimo existencial: uma análise com ênfase na dimensão defensiva do direito de acesso à energia elétrica. Dissertação (Mestrado), Porto Alegre: PUCRS, Faculdade de Direito, 2016. Disponível em:

https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6787/2/DIS\_TAIS\_HEMANN\_DA\_ROSA\_PARCIAL.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

ROSAS, R. H. Um salve a todas as comunidades: representações sociais sobre violência de rappers que frequentam o CREA II de Londrina – PR. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, 2017. Disponível em: https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/266/1/Rudy%20Heitor%20Rosas.pdf.

https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/266/1/Rudy%20Heitor%20Rosas.pdf Acesso em: 18 mar. 2021.

ROSENTHAL, G. Life history and life story: The interrelation between experience, remembering and narrating. *Civitas - Rev. de Ciênc. Soc.*, v. 14, n. 2, 2014. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/civitas/a/5SY8P9tjdsvTMJdvTBkcLxH/abstract/?lang=en&form at=html. Acesso em 13 mar. 2022.

ROSÁRIO, A. R.; TATIANA, W. F. B.; MATTA, G. C. Sentidos da universalidade na VIII Conferência Nacional de Saúde: entre o conceito ampliado de saúde e a ampliação do acesso a serviços de saúde. **SAÚDE DEBATE**, v. 44, n. 124, 2020. Disponível em:

- https://www.scielo.br/j/sdeb/a/xmZCCHhzYYd7CwZfnsVnTQp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 nov. 2022.
- SAGIM, M. B. Violência doméstica observada e vivenciada por crianças e adolescentes no ambiente familiar. Tese, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo USP, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09092008-141033/publico/MIRIAN\_BOTELHO\_SAGIM.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.
- SANTA CATARINA. Secretaria Estadual da Saúde. **Setembro amarelo alerta para a conscientização e prevenção ao suicídio**. 02 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.sc.gov.br/noticias/temas/saude/setembro-amarelo-alerta-para-a-conscientizacao-e-prevenção-ao-suicidio. Acesso em: 20 mai. 2022.
- SANTANA, L. H. C.; SILVA, C. F.; SOUZA, E. R. O discurso hegemônico e idealista na troca do termo favela por comunidade. Trilhas linguístico-literárias: conexões e fenômenos fronteiriços. **Revista Porto das Letras**, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/7745/1833 6. Acesso em: 11 mai. 2022.
- SANTOS, B. S. Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. *In:* MENESES, M. P. *et al.* (*org*). **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia essencial.** 1. ed. Buenos Aires: CLASCO, 2018.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, CEBRAP, n. 49, pp. 71-94, nov. 2007. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 14 ago. 2022.

SANTOS, B. S. Poderá o direito ser emancipatório?. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 65, 2003. Disponível em:

https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10811/1/Poder%c3%a1%20o%20direito%20ser%20emancipat%c3%b3rio.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (*Orgs.*). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em:

https://temascontemporaneosdotorg.files.wordpress.com/2016/02/boaventura-desousa-santos-maria-paula-meneses-epistemologias-do-sul-cortez-editora-2014.pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.

SANTOS, H. B.; NARDI, H. C. Masculinidades entre matar e morrer: o que a saúde tem a ver com isso? **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 931-949, 2014. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/physis/a/xGrVZh6NC5p78bpjnmQgjjk/abstract/?lang=pt. Acesso em: 18 fev. 2021.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993. Disponível em: https://docero.com.br/doc/v5n8s08. Acesso em: 12 abr. 2022.

- SANTOS, M. A.; OLIVEIRA, V. H.; PERES, R. S.; RISK, E. N.; LEONIDAS, C.; CARDOSO, E. A. O. Corpo, saúde e sociedade do consumo: A construção social do corpo saudável. **Saúde & Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 3, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170035. Acesso em: 15 abr. 2022.
- SANTOS, M. As cidades mutiladas. *In:* LERNER, Junior (*Org.*). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997. Disponível em: http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/As-cidadanias-mutiladas MiltonSantos1996-1997SITE.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.
- SANTOS, N. B. Resenha do livro Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social de Serge Moscovici. **Revista Ciências & Ideias**, n. 2, v. 1, abril/setembro, 2010. Disponível em:

https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/viewFile/69/87. Acesso em: 15 mar. 2021.

- SCHIAVON, M. I.; FAGUNDES, J. L.; RUTZ, E. C.; DIAS, L. C. POLUIÇÃO DO CANAL SANTA BÁRBARA. *In:* XX Congresso de Iniciação Científica: **III Amostra Científica**, UFPEL. CIC, 2011. Disponível em:
- https://www2.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/CH/CH\_00916.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?lang=pt&format=p df. Acesso em: 10 jan. 2021.
- SEGATO, R. L. Em busca de um léxico para teorizar a experiência territorial contemporânea. Brasília: Universidade de Brasília, Brasília, 2005. (Série Antropologia 373). Disponível em: http://dan.unb.br/images/doc/Serie373empdf.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- SEGNINI, L. R. P. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, pp. 72-81, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/7g5d46nQkNQ7KRdnfZP5mgk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 mar. 2022.
- SILVA, A. C. L. G.; NAZARIO, N. O.; LIMA, D. C. Atenção à Saúde do Homem Privado de Liberdade. Curso de Atenção à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, 2015. Disponível em:
- https://unasus.ufsc.br/saudeprisional/files/2018/06/Aten%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Sa%C3%BAde-do-Homem-Privado-de-Liberdade.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SILVA, D. S.; SILVA, F. V. **Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados na Análise do Discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- SILVA, L. M. P.S. **Violência doméstica contra a criança e ao adolescente.** EDUPE: Recife, pp. 240, 2002. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia\_criancas\_adolesc.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SILVA, R. P. Trauma Cultural e sofrimento social: Do banzo às consequências psíquicas do racismo para o negro. *In:* XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA DA DEMOCRACIA, 29ª ed. 2017. Disponível em:

https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488493521\_ARQUIVO\_Traum asocialesofreimentocultural.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

SILVA, V. G. B.; SOARES, C. B. As mensagens sobre drogas no rap: Como sobreviver na periferia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 9, p. 975-985, 2004. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/csc/a/P4SNNhSMPgPHwTTg6pp7Kxq/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 mar. 2021.

SIMERS - SINDICATO MÉDICO DO RIO GRANDE DO SUL. Infanticídio: Um desfecho da saúde mental ignorado pela sociedade. 13 abril de 2017.

SOBRAL, A.; FREITAS, C.M. Modelo de Organização de Indicadores para Operacionalização dos Determinantes Socioambientais da Saúde. **Saúde & Sociedade**. São Paulo, v. 19, n. 1, pp. 35-47, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/xt9VTQXXLTgxhm6WMyhz3TD/?format=pdf&lang=p t. Acesso em: 06 set. 2022.

SOLAR, O.; IRWIN, A. A conceptual framework for action on the social determinants of health. **Social Determinants of Health Discussion Paper 2**. Genebra: OMS, 2010. Disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44489/9789241500852\_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 ago. 2022.

SOLEDADE, A. C. Entre o ethos criminoso e o professoral: A tentativa de censura do videoclipe "Isso aqui é uma guerra" do grupo Facção Central. **Rev. Política e Cultura**, Salvador, v. 11, n. 1. 2018. Disponível em:

https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/26614/17501. Acesso em: 10 abr. 2022.

SOUZA, A. M. A globalização do movimento hip-hop: estabelecendo relações de consumo e gênero. *In:* Seminário Internacional Fazendo o Gênero no ST 43 "Corporalidade, Consumo, Mercado". **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2006, p. 1-7. Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/A/Angela\_Maria\_de\_Souza\_43.pdf. Acesso em: 16 abr. 2021.

SOUZA, L. E. P. F. Saúde Pública ou Saúde Coletiva. **Rev. Espaço para a Saúde**. Londrina, v. 15, n. 4, 2014. Disponível em:

http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/saude\_publica\_4.pdf. Acesso em: 16 jan. 2022.

- SOUZA, S. A. F. Conhecendo a Análise do Discurso: Linguagem, Sociedade e Ideologia. Manaus: Editora Valer, 2006, p. 106. Disponível em: https://www.sergiofreire.pro.br/ad/SOUZA-ConhecendoAD.pdf. Acesso em: 10 jan.
- 2021.
- SOUZA, T. D. de; BERNARDES, A. "O rap é compromisso": A territorialidade das batalhas de MC's na Região Norte Fluminense RJ. **Revista Formação**, v. 25, n. 44, 2018. Disponível em:

https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5186/4399. Acesso em: 19 nov. 2022.

- TADDEO, C. E. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo: Edição do autor, 2012.
- TADDEO, C. E. **Estamos mortos**. Produção: Dj Luiz. São Paulo: Eduardo: 2020. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wXeKX6V0exs. Acesso em: 12 jan. 2021.
- TAMPA DI TETO; NEGO GILSON, CHIKUTA MRS. **Regressos do Sistema**. Produção: Estúdio 111 Records. 2021, Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U4earWwUpcE. Acesso em: 20 mai. 2022.
- TERÇAS, A. C. P. *et al.* Na detenção ou na liberdade: onde eu encontro minha saúde? **Investigación en Enfermería: Imagen y Desarrollo**, 2019, v. 21, n. 2. Disponível em:

https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/imagenydesarrollo/article/view/19246. Acesso em: 19 mar. 2021.

TESSER, C. D.; SERAPIONI, M. Obstáculos à universalização do SUS: gastos tributários, demandas sindicais e subsídio estatal de planos privados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 6, 2021. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/csc/a/LwSt5tVhNRntcw45gsgtx9L/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 30 nov. 2022.

TOLEDO, L. M.; SABROZA, P. C. (*Org.*) **Movimentos sociais e saúde**. Rio de Janeiro, ENSP/FIOCRUZ, 2013. Disponível em: https://docplayer.com.br/16529031-Movimentos-sociais-e-saude.html. Acesso em: 12 ago. 2021.

VASCONCELOS, J. S. Entre a guerra e a crise política. **IDE**, São Paulo, v. 36, n. 57, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v36n57/v36n57a05.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

VERAS, R. P. **Os crimes do colarinho branco na perspectiva da sociologia criminal**. Dissertação (Mestrado). PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Direito. 2006. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp012998.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.

VERDI, M; CAPONI, S. Reflexões sobre a promoção da saúde numa perspectiva bioética. **Texto Contexto Enferm.**, v. 14, n. 1, 2005. Disponível em:

- https://www.scielo.br/j/tce/a/tWPcMnd5KgmhHSxJqCWzPmH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 02 dez. 2022.
- VERDI, M.; MATIAS, M. C. S.; JUNIOR, C. A. S. G. **Acolhimento e Humanização** nas **Práticas de Gestão e Atenção à Saúde de Pessoas Privadas de Liberdade**. Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, 2015.
- WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Rev. Interam. Psicol.**, v. 4, n. 3, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.
- WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. *In:* MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998, p. 3-25.
- WENGRAF, T. Biographic-Narrative Interpretive Method (BNIM). For researching lived experience and whole lives, A summary. **Short Guide to BNIM**. London: Sage Publications, 2008. Disponível em:
- https://is.muni.cz/el/1423/podzim2014/SOC932/um/Wengraf\_manual.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.
- WERMUTH, M. A. D.; NIELSSON, J. G. Ultraliberalismo, Evangelicalismo Político e Misoginia: A força triunfante do patriarcalismo na sociedade brasileira pósimpeachment. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/27291/pdf. Acesso em: 09 mai. 2022.
- WINNICOTT, D. W. **O** ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Artmed, Porto Alegre, 1983. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/WINNICOTT-O-Ambiente-e-os-Processos-de-Maturacao.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.
- XIMENES, E.F. Enchentes e Saúde: levantamento das diferentes abordagens e percepções, Região do Médio Paraíba, RJ. Dissertação (Mestrado) Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/34401/2/ve\_Elisa\_Francioli\_ENSP\_2010. Acesso em: 22 jun. 2022.
- YAEGASH, S. F. R. *et al.* A Teoria das Representações Sociais como referencial teórico-metodológico na pesquisa em Geografia: análise de teses e dissertações presentes na Capes de 2012 a 2016. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 50, p. 239-261, jan./abr. 2019. Disponível em:
- https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1197/pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.
- YOUNG, I. M. Representação política, identidade e minorias. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, n. 67, 2006. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ln/a/346M4vFfVzg6JFk8VZnWVvC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 mar. 2022.

ZANOTTO, D. F. **Usuários de crack: uma análise a partir de reportagens de jornal e revistas de circulação nacional.** [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/172180/343122.pdf?sequence =1&isAllowed=y. Acesso em: 20 ago. 2022.

ZORZAL, G. Democracia representativa e democracia participativa: limites e complementaridade. Espírito Santo: 2014. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/scsufes/article/view/8567. Acesso em: 17 abr. 2022.

# APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu sou Tuany Flesch Pereira, estudante de mestrado do Programa de Pósgraduação em Saúde Coletiva (PPGSC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva, realizarei uma dissertação envolvendo um estudo cuja proposta é conhecer as representações sociais sobre saúde e doença de homens *rappers* que vivenciaram a privação de liberdade. A pesquisa tem como título: "Representações sociais sobre saúde-doença de homens *rappers*". Dessa forma, estou lhe convidando a participar dessa pesquisa.

A partir dessa pesquisa, como benefício, você poderá contribuir para ampliar o conhecimento sobre as repercussões da prisionalização na constituição do sujeito, podendo, inclusive, subsidiar com dados científicos outras pesquisas relacionadas à saúde e sociedade. Para participar, é necessário que você entenda este documento e sobre o que trata a pesquisa. O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para participar do estudo.

Caso você decida aceitar o convite, adotaremos os seguintes procedimentos: seleção, compilação e análise de três obras musicais de sua autoria, entrevista individual não estruturada, que durará aproximadamente 50 minutos. A entrevista será realizada no Instituto Parrhesia Erga Omnes, localizado na Rua Venezianos, no bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/RS, e acontecerá de acordo com sua concordância e disponibilidade, sem prejudicar suas atividades. Se eu precisar de mais informações, poderei entrar em contato com você futuramente.

A entrevista será registrada em um gravador de áudio, sendo que não é obrigado a responder a todas as perguntas e se pode desistir a qualquer momento de participar da pesquisa. Por isso, peço sua permissão para gravar somente o áudio; e posteriormente, os áudios serão transcritos e o áudio será apagado, assim como todas as informações que possam lhe identificar serão omitidas do trabalho, como nome e

outras características, sendo adotados nomes fictícios para os participantes e suas obras musicais.

Ressaltamos que a pesquisadora e seu orientador serão as únicas pessoas a terem acesso às informações das entrevistas e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo, a confidencialidade e a privacidade, a proteção de imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. Todavia, sempre existe a possibilidade, mesmo que remota, da quebra do sigilo involuntário e/ou não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei.

Além disso, é importante esclarecer que você tem o direito de decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública. Portanto, rubrique dentro dos parênteses abaixo as opções desejadas:

- ( ) Permito a revelação da minha identidade na publicação dos resultados da pesquisa.
- ( ) Permito a revelação do meu nome artístico na publicação dos resultados da pesquisa.
- ( ) Não permito a revelação da minha identidade na publicação dos resultados da pesquisa.
- ( ) **Não** permito a revelação do meu nome artístico na publicação dos resultados da pesquisa.

Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão de participar é voluntária, o que significa que o Sr. terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de participar a qualquer momento, inclusive depois da realização da entrevista, sem qualquer efeito negativo para você.

Esclareço que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação ética do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade

e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

O pesquisador responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que regula as normas éticas para a realização de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais em que os procedimentos metodológicos abranjam a utilização de dados diretamente obtidos com as/os participantes, que é o caso deste estudo.

Os riscos referentes a sua participação nesta pesquisa referem-se a possíveis constrangimentos, aborrecimentos e desconfortos em expor percepções e sentimentos sobre a sua vivência, e/ou não entendimento em relação a alguma pergunta durante a entrevista. Com intuito de minimizar esses riscos a postura da pesquisadora durante a entrevista será acolhedora, contribuindo para um ambiente seguro. Caso sinta algum tipo de desconforto no decorrer da entrevista, e se sinta incapacitado de dar continuidade, a pesquisadora compromete-se a interromper a entrevista e oferecer suporte psicológico necessário, assim como o participante tem total liberdade de recusar-se a dar continuidade. Durante os procedimentos de coleta de dados você estará sempre acompanhado pela pesquisadora, que lhe prestará toda a assistência necessária ou acionará pessoal competente para isso. Após a etapa da coleta de dados, você ainda poderá solicitar assistência caso considere necessário.

Os registros da entrevista ficarão sob posse da pesquisadora, os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não, sendo que os dados coletados serão utilizados para a redação da minha Dissertação de Mestrado e de publicações científicas. Caso seja do seu interesse, posso lhe enviar uma cópia de todo material produzido, basta entrar em contato comigo e me solicitar.

Informamos que a legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Ressaltamos que você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, mas, em caso de despesas com transporte e/ou alimentação, decorrentes da sua participação na pesquisa, você será ressarcido integralmente pela pesquisadora. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

Quaisquer dúvidas que você tiver a respeito da pesquisa ou se você quiser desistir de participar dela, a qualquer momento, poderá entrar em contato comigo, ligando a cobrar a qualquer momento no número (051) 991426416. Se preferir, pode me procurar pelo e-mail: tuany jb@hotmail.com. Você ainda poderá entrar em contato com o coordenador principal desta pesquisa, o professor Mauro Serapioni, pelo email: mauro.serapioni@ufsc.br ou ainda presencialmente na Sala 130 do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina no Centro de Ciências da Saúde, localizado na Rua Delfino Conti, Bairro Trindade, Florianópolis, Santa Catarina. Poderá também contatar ou dirigir-se ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) no Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Florianópolis/SC CEP 88.040-400. Trindade, ou pelo e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br, ou ainda pelo número: + 55 (48) 3721-6094.

Mais uma vez, garanto que não haverá qualquer despesa para você. Esse Termo foi elaborado em duas vias, devendo ser ambas rubricadas e assinadas, sendo que uma das vias será obrigatoriamente entregue para você (participante), e outra de igual teor ficará guardada, sob sigilo, com os pesquisadores. Após a leitura desse documento, gostaria de saber se você aceita participar da pesquisa. Se você aceitar, peço que assine o consentimento abaixo.

# CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu,
fui esclarecido sobre todos os procedimentos da pesquisa "Representações sociais
sobre saúde-doença de homens <i>rappers</i> " e obtive, de forma clara e objetiva, todas as
informações necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea
vontade participar da pesquisa.
Permito gravação por áudio: ( ) sim ( ) não.
,dede 2022.
Assinatura do participante
Assinatura do pesquisador responsável (Prof. Mauro Serapioni)
Assinatura da pesquisadora principal (Tuany Flesch Pereira)

# APÊNDICE B – ARTIGO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SAÚDE-DOENÇAS DE HOMENS *RAPPERS*

Conforme o Regimento do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina, os resultados da pesquisa devem ser apresentados em formato de artigo científico.

# Representações sociais sobre saúde-doenças de homens rappers

Tuany Flesch Pereira Dr. Mauro Serapioni

### Resumo

Este artigo teve como objetivo compreender as representações sociais sobre saúdedoença de homens rappers que vivenciaram a privação de liberdade. Trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa, que utilizou como instrumento de coleta dos dados as entrevistas narrativas biográficas, a observação participante com registro em diário de campo, além da análise documental de nove canções do gênero discursivo rap de autoria dos três participantes da pesquisa. A interpretação dos dados foi alicerçada na técnica de análise do discurso proposta por Michel Pêcheux e na teoria das representações sociais de Serge Moscovici. O estudo envolveu debates teóricos sobre o movimento social-cultural Hip Hop, o sistema prisional brasileiro e a situação de saúde dos homens privados de liberdade, contemplou os modelos conceituais em saúde e os aspectos mais relevantes da história da saúde no Brasil. Observou-se que as representações sociais de saúde-doença dos rappers estão relacionadas aos Determinantes Sociais da Saúde, às Determinações Sociais, às Interseccionalidades e aos diversos modelos conceituais de saúde-doença construídos ao longo da história. Os discursos abordaram temas como seletividade penal, racismo, corrupção do colarinho branco, posições sociais, colonialismo, escravidão etc. Impulsionaram reflexões teóricas em torno da Psicanálise, Saúde Coletiva, Sociologia, Filosofia e Representações Sociais, enfim, diferentes áreas do conhecimento e campos de saber.

**Palavras-chave:** Representações Sociais; Saúde Coletiva; Movimento Hip-Hop; Análise do Discurso.

#### Abstract

This article aimed to understand the social representations of health-illness of male rappers who have experienced deprivation of liberty. This is exploratory research with a qualitative approach, which used biographical narrative interviews, participant observation with field diary recording, in addition to the documentary analysis of nine songs of the discursive rap genre authored by the three participants of the research. The interpretation of the data was based on the technique of analysis of the discourse proposed by Michel Pêcheux and on the theory of social representations of Serge Moscovici. The study involved theoretical debates about the Hip Hop social and

cultural movement, the Brazilian prison system and the health situation of men deprived of freedom, including the conceptual models in health and the most relevant aspects of the history of health in Brazil. It was observed that the rappers' social representations of health-illness are related to the Social Determinants of Health, Social Determinations, Intersectionalities, and the various conceptual models of health-illness constructed throughout history. The speeches addressed issues such as penal selectivity, racism, white-collar corruption, social positions, colonialism, slavery, etc. They stimulated theoretical reflections around Psychoanalysis, Collective Health, Sociology, Philosophy, Social Representation, different areas of knowledge and fields of expertise.

**Keywords**: Social Representations; Public Health; Hip-Hop Movement; Discourse Analysis.

### Introdução

A ditadura militar (1964-1985) acentuou as desigualdades sociais do Brasil, proporcionando à temática 'saúde e democracia' maior visibilidade, e a relação entre elas passou a ser alvo constante de reflexões e debates entre os movimentos sociais, dando origem ao movimento da Reforma Sanitária e a conformação de um novo campo de saberes e práticas, de natureza transdisciplinar, denominado de Saúde Coletiva<sup>1</sup>.

O movimento da Saúde Coletiva nasce como uma forma de contestação ao autoritarismo de Estado, busca introduzir a promoção da saúde como prática prioritária, incorporando novos atores sociais no cenário político do país, dando voz e intencionalidade a outros sujeitos<sup>2</sup>. Assim, é possível identificar alguns pontos de confluência entre o movimento da Saúde Coletiva e o movimento social *Hip Hop*, uma vez que ambos compartilham novos saberes, ideias e práticas, visando o exercício da cidadania e a superação das desigualdades sociais.

A cultura *Hip Hop* é um movimento de luta, organização e mobilização social, que penetra as prisões para romper com o estereótipo criminal, explanando sobre a seletividade penal a que os sujeitos ali estão submetidos. O *rap* pode ser percebido como um discurso político que proporciona maior visibilidade à realidade suburbana, denunciando os abusos sofridos pela opressão do Estado e classes dominantes. O sujeito, com uma nova forma de agir, passa a ter consciência de sua própria história e a representar interesses coletivos<sup>3</sup>.

A estrutura do sistema penal brasileiro segue legitimando o encarceramento em massa da população negra e pobre, a partir de um perfil de criminoso idealizado

em traços divisórios de raça, escolaridade e renda, suscitando reflexões importantes que vão ao encontro das considerações teóricas de Boaventura de Sousa Santos, sobre o conceito de epistemologias do sul; que procura superar o pensamento moderno ocidental marcado por um sistema de distinções visíveis e invisíveis, estabelecidas a partir de linhas abissais que dividem a realidade social "deste lado da linha" e do "outro lado da linha", impossibilitando a coexistência de dois lados da mesma linha<sup>4</sup>.

As linhas abissais demarcam fronteiras e campos de mortes, dividem as grandes cidades em zonas civilizadas e zonas selvagens. Desse modo, o Estado atua de forma mais democrática e protetora nas zonas civilizadas, enquanto nas zonas selvagens, a exemplo dos guetos e prisões, o Estado se comporta como um predador, punitivo e repressivo, direcionando fortemente a sua espada afiada da "justiça" sobre os grupos excluídos, aqueles que se encontram do outro lado da linha abissal<sup>5</sup>.

Diante dessas aproximações, o estudo sobre as representações sociais emergiu como uma alternativa para esta pesquisa, que buscou o entendimento da realidade vivida em seu contexto social e histórico para compreender as representações sociais sobre saúde-doença de homens *rappers* que vivenciaram a privação de liberdade.

### Metodologia

Este estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com o seguinte parecer final: 5.533.613.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória. A abordagem qualitativa busca entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de diferentes maneiras, através da análise de experiências individuais e grupais, assim como da investigação de documentos (textos, imagens ou músicas), ou traços semelhantes de vivências e integrações pessoais e/ou sociais<sup>8</sup>.

Dessa forma, utilizaram-se diferentes instrumentos para a coleta dos dados, como as entrevistas narrativas biográficas, a observação direta com o registro em diário de campo, além da análise documental de canções do gênero discursivo *rap* dos próprios participantes da pesquisa.

As entrevistas narrativas biográficas foram estruturadas em duas subseções, contemplando os aspectos teóricos de Wengraf<sup>9</sup>. A primeira subseção envolveu uma única pergunta, construída de modo a induzir narrativas e a evitar enquadramento de temas, estruturada da seguinte forma: *Por favor, conte-me sua história de vida e os pontos que foram pessoalmente mais importantes para você, comece de onde quiser e leve o tempo que precisar*. Na subseção dois, depois de alguns minutos de interlúdio e quando necessário, a entrevistadora solicitou mais narrativas sobre os acontecimentos pessoais com base nas palavras mais utilizadas pelo narrador e na ordem de sua criação.

As entrevistas aconteceram simultaneamente com a imersão da pesquisadora no campo, utilizando a técnica da observação direta e o diário de campo como espaço de registro das observações, o que permitiu chegar mais perto da "perspectiva dos sujeitos", buscando descobrir os sentidos atribuídos às suas próprias ações e à realidade que os cerca<sup>10</sup>.

A escolha das músicas sucedeu em conjunto com os autores, sob os seguintes critérios: produzidas livremente pelos *rappers*, não estando "amarradas" a qualquer tema indicado, enriquecendo os dados da pesquisa. No total, foram selecionadas nove músicas de *rap*, sendo: *Visão Retrô*<sup>10</sup>, *Cenário de Louco*<sup>11</sup> e *A Luta Não Acabou*<sup>12</sup>, do *Rapper* Maciel Aranda Magnus; *Sistema Covarde*<sup>13</sup> e *Um Entre 100*<sup>14</sup>, do *Rapper* Chikuta MRS; *Regressos do Sistema*<sup>15</sup>, dos *Rappers* Tampa di Teto, Nego Gilson e Chikuta MRS; *Dias das Mães*<sup>16</sup>, *Eu Vi e Vivenciei*<sup>17</sup>, do *Rapper* Nego Gilson.

Sinaliza-se que depois do processo de produção, escuta, transcrição e leitura do *corpus* de materiais, passou-se a análise textual e discursiva. Os trechos foram selecionados a partir dos temas mais prevalentes, tendo em vista os sentidos produzidos pelos narradores no interior das canções. Por sua vez, as passagens retiradas das entrevistas narrativas foram organizadas em sequências discursivas (SD), conforme os relatos de cada *rapper* e agrupadas por semelhanças temáticas.

Para tanto, utilizaram-se os princípios e procedimentos da Análise do Discurso propostos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, fundamentada nos conceitos de sujeito, linguagem e discurso, constituído por quatro etapas: Objeto Discursivo, Processo Discursivo, Formações Discursivas e as Formações Ideológicas. Além disso, dedicouse na observação de como esses atores sociais fazem a apresentação de si e do

mundo à sua volta, valendo-se do conhecimento teórico de Serge Moscovici<sup>18</sup> sobre as representações sociais.

### Resultados e Discussão

Os resultados estão organizados em três subtópicos: o primeiro aborda as análises dos discursos das músicas de *rap*. Na segunda etapa, apresenta-se um relato do contexto observado durante as entrevistas, enfatizando o modo como cada sujeito construiu seus relatos de vida. Por fim, ocupa-se das análises das entrevistas narrativas biográficas.

### Análise do discurso das músicas de rap

A produção artística dos *rappers* foi extremamente relevante para os desdobramentos da pesquisa, sendo através da análise do gênero discursivo letra de música que se buscou debater os temas mais citados nas canções de *rap*.

A música "Visão Retrô"<sup>10</sup> do rapper Maciel Aranda Magnus, é uma autobiografia, que contém fragmentos de sua história de vida desde a infância. O trecho "Vivemos em guerra diariamente com nós mesmos, matando os demônios que atormentam os pensamentos", traz a relação entre guerra, colonização e saúde mental de Frantz Fanon e Ignacio Martín-Baró<sup>19</sup>, que visam uma saúde mental anticolonial, antirracista e anti-imperialista, tecendo críticas ao caráter hegemônico, normativo e apassivador da Psicologia e Psiquiatria.

A forma de compreensão dos autores Fanon e Baró, permite demonstrar o cenário social do nosso país, uma vez que (re)pensar a saúde mental implica em perceber o não-lugar do brasileiro colonizado que nasceu dos conflitos, das guerras, da escravidão e da subtração entre europeus, índios e africanos, ou seja, é um ninguém e um não-europeu, também desindigeanizado e desafricanizado, que vem da ninguendade, mas que se vê e busca ser algo, mesmo em meio a vivência constante de guerra<sup>19</sup>.

Fica evidente no trecho "lembranças de infância dolorida e sofrida, o tempo passa, mas fica as feridas", que a representação social de saúde-doença do rapper aponta para os Determinantes Sociais da Saúde (DSS), envolve um contexto social e familiar de extrema vulnerabilidade social, de modo que o discurso sobre o sofrimento psíquico na infância é uma constante na canção.

Quando se debate a problemática das iniquidades sociais no Brasil, não se trata de questionar as condições de vida de centenas de pessoas, mas de milhões que sobrevivem em situação de extrema pobreza. O inquérito realizado pela Rede de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), entre novembro de 2021 a abril de 2022, através do projeto II Vigisan, aponta que a fome retornou aos índices dos anos 90. Atualmente, em 2022, a insegurança alimentar grave afeta 15,5% da população, revelando que 33,1 milhões de pessoas convivem diariamente com a fome<sup>20</sup>.

Essa situação, é sinalizada de maneira tocante: "a fome era tanta e amargava o sabor. A luz do lampião iluminava os barraco, era raro energia aqui na vila sapo". Inclusive, mais do que um direito fundamental, o acesso à energia elétrica é importante para o desenvolvimento econômico, cultural e para a promoção da qualidade de vida<sup>22</sup>.

Ao mesmo tempo que o *rapper* denuncia as iniquidades sociais, é possível observar nos recortes "o erro cometido a saudade não traz, o que é bem pior, muitos gostam de um pó, agora vejam só vários viraram pó" e "o que é bem mais triste, é ver vários tropeçar e no mesmo erro insistir", uma representação social da droga, em especial da cocaína, ancorada nas noções de ordem moral, que culpabiliza os sujeitos por sua situação vulnerável, atribuindo aos supostos "desajustes" a origem de seus insucessos<sup>23</sup>.

As frases "vou atrás da vaga auxiliar de qualquer merda" e "da merda da miséria já vi gente de montão", expõem as relações entre educação, trabalho e desenvolvimento social, refletindo as contradições de nossa sociedade, sinalizando que as disparidades de concentração de terra, renda, as altas taxas de analfabetismo, a violência e o não-direito à saúde, são estabelecidas por marcadores sociais de gênero, classe, raça e etnia<sup>24</sup>.

A música "Cenário de Louco", evoca o campo da saúde mental como representação social da loucura. Os recortes "Condenaram a extinção, corromperam a alma, petrificaram o coração, a fé que se tinha não se tem mais" e "Vida sem sentido, perdeu o seu valor", dão sentido ao exposto por Pinheiro<sup>25</sup>, de que a noção de conhecimento científico como único conhecimento verdadeiro, deixou de lado a fé, as crenças, mitos, ervas e chás que igualmente eram valorosos para as práticas de cuidado em saúde.

Os trechos acima também falam da perda do sentido da vida na pósmodernidade, um dos objetos de estudo e preocupação das ciências sociais, elucidando com maestria o fenômeno "desencantamento do mundo", de Max Weber. Nesse cenário, a racionalização ganha espaço e torna-se um instrumento de poder, o mundo passa a ser entendido pela supremacia da "verdade" científica e tecnológica, resultando na despersonificação do indivíduo, que acaba sendo visto como "coisa" 26.

O fragmento "eu enxergo os dois lados que você não enxerga", é endereçado diretamente a quem o escuta, mas certamente não para aqueles que enfrentam a penúria de viver na periferia, demostrando que o *rapper* tem consciência de que não canta somente para a sua classe social, mas para a sociedade toda.

Na música "A Luta Não Acabou", o rapper questiona o racismo estrutural: "Me diz quantos negros existe em sua faculdade?". O sistema educacional superior é problematizado segundo Kilomba<sup>27</sup> que aponta a academia como um espaço branco, onde o direito de fala tem sido negado para os indivíduos negros. Historicamente, os brancos têm edificado narrativas que cientificamente manipulam as pessoas negras como "outras/os" inferiores, nesse local, são descritas/os, classificadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os e mortas/os. Nas salas de aula, são feitas/os de "objetos" e raramente são os "sujeitos" acadêmicos. Ironicamente, as pessoas brancas tornaram-se "especialistas" da cultura negra, pois ainda não há o controle sobre tais estruturas e o trabalho de escritoras/res e intelectuais negras/os permanece geralmente fora do corpo acadêmico.

A fala "aprisionam sem corrente, nos tornam exilados", comprova com perícia a tese do geógrafo Milton Santos<sup>28</sup> sobre o exílio na periferia. Para o autor, as grandes cidades são um polo da pobreza, o lugar com mais força e competência para atrair e reter gente pobre. As grandes cidades são o cenário de inúmeras atividades "marginais" do ponto de vista tecnológico, organizacional, financeiro, fiscal e previdenciário.

Agora, o foco das análises é sobre as músicas do *rapper* Chikuta MRS (Mais um Refém do Sistema). A canção "Sistema Covarde" é um registro vivo, feito na primeira pessoa do singular. O sujeito do discurso estabelece um diálogo com seus interlocutores (o povo), pela necessidade de "guerrilhar, revolucionar o sistema corrupto". A canção é baseada em suas memórias de vida antes, durante e após a privação de liberdade.

Com uma postura lírica provocativa, observa-se nos versos "Eu tentei mudar, mas fui discriminado, pra sociedade, sempre, presidiário" e "Revoltado, eu to na cena, hoje sou o pesadelo do sistema"<sup>13</sup>, que o rapper assume o estereótipo de criminoso que a sociedade deposita sobre ele. Em tom de sarcasmo, o discurso busca responder a um sistema hegemônico que vê o pobre, negro e morador de periferia como alguém desprovido de qualidades e criminoso em potencial.

O rótulo de criminoso, assumido de forma irônica pelo *rapper*, reporta ao conceito da profecia autorrealizável, criado em 1946 pelo sociólogo Robert Merton. Trata-se de um fenômeno psíquico descrito como uma definição inicialmente mentirosa, que estimula um novo comportamento e faz com que a concepção original se torne verdadeira, fazendo emergir, para a teoria criminológica do etiquetamento social, a maioria das carreiras criminosas<sup>29</sup>.

A frase do filósofo Nietzsche<sup>30</sup> (p. 822): "nós temos a arte para não sucumbirmos junto à verdade", se encaixa na representação social do cantor de que "o rap é revolução, é o resgate, obra de arte, lição de vida"<sup>13</sup>, bem como de outros sujeitos da periferia que driblam o mundo do crime, as drogas, a depressão e até a morte, com o auxílio do *rap* e do movimento social-cultural *Hip Hop* no todo.

O impacto da prisão na saúde mental fica latente na estrofe "Meu coração tem sequela, a mente tá em conflito, quero me livrar dos pensamentos maus, mas não consigo"<sup>13</sup>. Como descreve Mir<sup>31</sup>, o trauma não é apenas físico, pode ser entendido como todo evento ou experiência marcante vivida por um sujeito, que lhe causa diversos transtornos e geralmente deixa sequelas. É uma ferida no profundo do self que paralisa o pensamento e coloca o sujeito em uma perturbadora solidão, da qual não consegue transcender nem superar, essa impossibilidade de afastar de si o sofrimento, produz ainda mais dor e sofrimento.

A atenção à saúde das pessoas privadas de liberdade é um direito que precisa ser garantido, além do diagnóstico e cuidados com a saúde mental, entre outras demandas de saúde dos presos, o sistema penitenciário precisa ser repensado na totalidade, pois são inúmeros os fatores de risco que comprometem a saúde no interior das prisões<sup>32</sup>.

A canção "Um entre 100"<sup>14</sup> produz uma crítica ao sistema penitenciário e sinaliza sobre a inviabilidade da ressocialização pelo encarceramento. O *rapper* ocupa o lugar social de egresso do sistema prisional, construindo um discurso que abriga

diferentes sujeitos e, consequentemente, diferentes vozes e saberes. Esse lugar social do sujeito, define o que pode, o que deve e o que não deve ser dito, serve para qualificar o indivíduo encerrado a uma identidade que reconhece como sua<sup>33</sup>.

A insuficiência das políticas públicas prisionais aparece nos excertos "Na prisão um entre 100 se recupera, mas não é o sistema, a cadeia não regenera. Não tem nenhum projeto de ressocialização, aqui, o papo é o crime, sangue bom". Os versos concordam com Baratta<sup>34</sup>, de que a esperança no tratamento reeducativo e ressocializador como fim último da pena se perdeu completamente, não apenas para os especialistas, que acreditavam na possibilidade de utilizar o cárcere como lugar e meio de ressocialização, mas também para a massa carcerária.

As reflexões sobre um passado anterior ao cárcere, deixam nítido a relação entre amigos, contexto social e valorização do consumo de drogas "Quando bancava rodadas de cerveja, as gurias eram todas minha, todas cercavam minha mesa"<sup>14</sup>, "Era cerveja, whisky e drogas a vontade"<sup>14</sup>. Então, o que antes era transmitido pela autoridade simbólica - família e religião - perde a sua relevância, e o novo pacto social é mais direcionado ao culto do corpo, a imagem de sucesso e ostentação, um reconhecimento do outro como consumidor, independentemente dos caminhos trilhados para alcançar esse poder de consumo<sup>35</sup>.

Os trechos<sup>14</sup> "Irmãos, daria o mundo pra ver meus filhos agora", "Daria o mundo pra ver meus filhos sorrindo", "Longe do perigo, longe das armas, das drogas", "Longe da vida do crime, porra, essa vida é foda", trazem um relato comovente sobre a paternidade do rapper, sublinham sentimentos como perda, saudade e arrependimento, manifestam uma grande preocupação com os filhos e sinalizam uma sensação de impotência por não conseguir exercer o papel social de pai protetor, devido ao distanciamento provocado pela situação de privação de liberdade.

A problemática é reforçada por Miranda<sup>36</sup>, ao contextualizar que a experiência da paternidade no sistema prisional e suas implicações familiares têm sido negligenciadas pelo controle penal, pela sociedade e suas políticas públicas, como também pelas pesquisas científicas que pouco abordam a temática da paternidade no âmbito da privação de liberdade.

Na música "Regressos do Sistema"<sup>15</sup>, a figura materna aparece representada e inserida no ambiente do lar, o espaço privado, reafirmando a perspectiva naturalizada de fragilização e vitimização da mulher que sofre e luta para manter a

família e os filhos unidos. A figura da mãe continua sendo um modelo de identificação que determina a identidade da mulher através da dimensão biológica, associado à natureza, perpetuando um imaginário social sobre as funções atribuídas a mulher na sociedade patriarcal, em especial, no cuidado da casa e dos filhos<sup>37</sup>.

Os padrões de masculinidades e de feminilidades dominam constantemente as narrativas dos *rappers*. Essas relações sociais de poder entre homens e mulheres, agora são tratadas na música "Dia das Mães"<sup>16</sup>, do *rapper* Nego Gilson. Falar sobre o papel social da mãe e de como este tema está envolvido com a saúde mental dos sujeitos não é tarefa simples. Trata-se de um tema delicado, uma vez que engloba papéis, funções e relações sociais.

A função mãe visa produzir a ponte entre subjetivo e objetivo, entre ilusão e realidade. A relação inicial com a mãe é importante para o desenvolvimento emocional primitivo do ser humano, essa relação entre mãe e bebê é constituída primeiramente por suas necessidades, para sua satisfação e, ao passo que vai se desenvolvendo, formam-se laços, vínculos e comunicações<sup>38</sup>.

As convenções de gênero que validam atributos básicos de masculinidades como força e agressividade, o que implica renunciar aos sentimentos, aparecem associados ao espaço carcerário e desnaturalizadas pelo *rapper* no trecho: "dentro do lugar eu vi que um homem chora" 16. O pensamento disseminado socialmente de que o homem "não pode chorar, nem ter sentimentos" produz impactos negativos sobre a saúde do homem, como é perceptível na fala do *rapper* que confessa: "às vezes pensei até na morte" 16.

A exemplo, o suicídio é uma das principais causas de morte no Brasil e no mundo, segundo a Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina<sup>39</sup>, no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), foram 769 mortes por suicídio registradas em 2020 no Estado, dos quais 611 (79%) foram cometidos por pessoas do sexo masculino. Até julho de 2021, a proporção manteve-se semelhante, com 416 registros, sendo 366 do sexo masculino. No período de 2017 a 2020, a maior proporção dos óbitos concentrou-se na faixa etária de 30 a 59 anos.

Na música "Eu vi"<sup>17</sup>, o rapper Nego Gilson descreve a infância como um momento difícil de sua vida, expondo as condições precárias de alimentação e moradia do bairro onde cresceu. A frase: "o temporal e a enchente quase a nos afogar"<sup>17</sup>, chama a atenção para o cenário de inundações que vêm ocorrendo de

forma cada vez mais frequente, principalmente nos centros urbanos, atingindo mais intensamente às populações pobres, vulneráveis e marginalizadas<sup>40</sup>.

Os desastres naturais ainda são pouco pesquisados e compreendidos no âmbito da Saúde Coletiva no Brasil. Os impactos destes desastres sobre a saúde das populações não se limitam apenas aos de curto prazo, envolvem também os efeitos de médio e longos prazos. Abrange ferimentos leves, graves e óbitos, é caracterizado pela ocorrência de algumas doenças transmissíveis, a exemplo da leptospirose e doenças diarreicas, podendo agravar quadros clínicos de doenças não transmissíveis em pacientes crônicos, a exemplo da hipertensão<sup>41</sup>.

# O contexto das entrevistas narrativas biográficas

A maneira como a linguagem foi colocada, formando os relatos de vida dos *rappers* Nego Gilson, Maciel Aranda Magnus e Chikuta MRS, estampa muito sobre o contexto histórico e socioeconômico em que estão inseridos.

O rapper Nego Gilson foi o primeiro entrevistado, sua linguagem é bem específica e raramente aparece no espaço formal e acadêmico, utiliza gírias ligadas ao dialeto periférico que expressam a realidade vivida em sua comunidade. Ele apresentava uma fala acelerada, não linear, alterando entre o passado e o presente, parecia estar à vontade e interessado em narrar a própria história.

Mesmo que não tenha sido solicitado que falasse sobre os delitos que o levaram à justiça, seu relato enfatizou justamente as ações que antecederam e sucederam às práticas ilícitas, expondo algumas "justificativas" para explicar como sua vida se desviou de uma trajetória socialmente aceita e desejada. No desenrolar da entrevista ficou evidente que a pesquisadora estava diante do que Rosenthal<sup>41</sup> chama de narração espontânea. O *rapper* conseguiu se envolver em um fluxo narrativo próprio e recordativo mais longo, permitindo uma proximidade mais intensa com o passado vivenciado pelo entrevistado.

A segunda entrevista, concedida pelo *rapper* Chikuta, foi permeada por silêncios. O tom de voz suave, com falas pausadas e breves, não trouxe detalhes sobre os acontecimentos vividos por ele, nem por outros(as). As perguntas sobre a infância, família, emprego e situação de saúde, foram respondidas de forma objetiva e pontual.

Nesse sentido, entendendo a interação existente entre entrevistadorentrevistado e por acreditar que a arte da investigação científica é, entre outras coisas, perceber, rever e informar, não posso ignorar os deslizes no emprego do método narrativo autobiográfico, que diante dos imprevistos, dos não ditos e da ausência de um roteiro, eu cedi frente ao inesperado, transformando a entrevista narrativa em semiestruturada.

Em termos de Análise do Discurso, Orlandi<sup>43</sup> argumenta que aquilo que poderia ter sido dito e não foi também faz parte da significação. Dado o exposto, pode-se inferir que os silêncios recorrentes na entrevista podem estar comunicando o incomunicável, talvez sejam sofrimentos, angústias, contradições, resistências, memórias e as dores vividas pelo cantor. Portanto, a auto(narrativa) de Chikuta é organizada discursivamente dentro da expressão artística, sendo possível conhecer e interpretar a sua história de vida na etapa de análise do discurso de suas obras musicais.

A última entrevista, diz respeito ao rapper Maciel Magnus, situado cronologicamente, ele narra uma sequência de eventos traumáticos vividos durante a infância e adolescência, demonstrando ter consciência dos impactos negativos causados pela vulnerabilidade social. O contar de sua história é permeado por repentinas mudanças de endereço e por uma falta de rede de apoio em momentos difíceis.

O entrevistado constrói uma história de vida bem estruturada, ele manifesta o desejo de ser um "bom pai", apresentando um comportamento distinto do que vivenciou, ressignificando suas vivências e tecendo caminhos alternativos para construir novas perspectivas de vida.

# Análise do discurso das entrevistas narrativas biográficas

Os recortes analisados foram selecionados no interior das entrevistas e organizados em sequências discursivas (SD) através das siglas: SDR1; SDR2; SDR3, identificando genericamente as narrativas dos *rappers*, pois envolvem dados pessoais sensíveis e de outros com quem convivem.

#### 1º Recorte Discursivo - A infância

De modo semelhante, a SDR1 e SDR2 começam pelos momentos traumáticos que marcaram a infância. A experiência de testemunhar episódios de violência

doméstica contra a mãe na época em que os *rappers* eram crianças, parece ter influenciado decisivamente nos rumos de suas vidas. Para Sagim<sup>44</sup>, a criança exposta à violência conjugal sofre na mesma intensidade como se fosse a pessoa maltratada. Presenciar práticas violentas no ambiente familiar coloca essas crianças em risco de desenvolverem problemas de interação social, de saúde e comportamentais.

A violência doméstica aparece na SDR1 por outro angulo, o trecho "eu era agredido... eu com oito anos de idade, eu era obrigado a fazer limpezas domésticas" revela o crime de violência doméstica exercido sobre vítimas indefesas em razão da idade, envolvendo tanto a violência emocional como a violência física<sup>45</sup>.

Na intenção de tentar reconstruir uma relação de efeitos gerados simultaneamente na vida do *rapper* (SDR2) por dois ou mais fenômenos, é notável a relação entre violência doméstica e a fuga do lar quando criança. O momento do rompimento familiar é representado pelo trecho "com nove ano eu peguei um ônibus, fui parar no centro e lá conheci as ruas né".

A rua parece ser menos perigosa do que continuar na mesma casa, e a saída do lar torna-se uma forma de sobrevivência física e psíquica para essas crianças. Diante de cenários familiares violentos, a criança ao *desfugir* tenta colocar um limite naquilo que os pais não tiveram condições de fazer de outra forma<sup>46</sup>.

### 2º Recorte Discursivo – As Violências

Nas sequências discursivas SDR1 e SDR2, os recortes das expressões "dificuldade", "tomando tiro", "maquinava tua mente pro mau", "sobreviver com pouco", "a gente passa frio", "a gente não tem roupa", "no atendimento médico as pessoas não sabem entender", "desespero" e "massacre policial", permitem vislumbrar que as representações sociais da doença podem estar associadas ao mal-estar psíquico causado pelas diversas formas de violência.

A veracidade das denúncias sobre a conduta violenta da polícia nos discursos dos *rappers*, pode ser comprovada a partir da Moção de Repúdio Nº 006, de 26 de maio de 2022, do Conselho Nacional de Saúde<sup>46</sup>, que trata sobre o uso abusivo e ilegal da força e violência, legitimada por parte do Estado através de seus agentes de segurança pública, especialmente contra jovens negros, pobres e moradores das favelas.

Portanto, a violência é um problema social e de saúde pública, preocupação constante do setor, uma vez que, segundo Agudelo<sup>48</sup>, representa um enorme risco para o processo da vitalidade humana, pois ameaça a vida, modifica a saúde, produz doenças, causa a morte ou a possibilidade dela.

Os discursos também elaboram uma relação entre violência, criminalidade e tráfico de drogas, aparecendo enquanto estratégia de sobrevivência diante de contextos de extrema vulnerabilidade social, representando uma busca por melhores condições de vida e saúde.

Assim, as representações sociais de saúde e doença dos *rappers* alcançam ancoragem nos determinantes intermediários da saúde propostos por autores como Solar e Irwin<sup>49</sup>, especialmente sobre a categoria das circunstâncias materiais, relacionada as condições de vida e trabalho, acesso à alimentação, à produção cultural, à moradia, ao emprego, aos serviços de saúde e como estes se organizam. Segundo os autores, os determinantes estruturais são mecanismos que produzem e reforçam as hierarquias sociais, definindo quem tem o poder, prestígio e melhor acesso aos recursos materiais e imateriais da sociedade.

A terceira parte da SDR2, trata da experiência de um pai que busca atendimento médico para sua filha, traduzindo uma representação social de saúde fundamentada na figura do médico. A narrativa também levanta discussões sobre o obstáculo linguístico apontado por Boltanski<sup>50</sup>, que intensifica o distanciamento entre o médico e os pacientes das classes populares.

Diante disso, é preciso entender que as variações linguísticas de traços históricos, geográficos, sociais e culturais podem ser objeto de preconceito linguístico e de outros preconceitos (étnicos, de classe, gênero), atuando como marcador de exclusão social e de outras formas de violência. A sensação de inferioridade social, pela desqualificação dos modos de falar, impacta negativamente a saúde, afeta a autoestima e pode levar a crises de ansiedade e/ou episódios de depressão<sup>51</sup>.

# 3º Recorte Discursivo - Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas

Na SDR1, através da expressão "cabeça boa", a representação social da saúde encontra-se associada a noção de equilíbrio emocional, revelando que a ausência de doença física não é o único indicativo de saúde para o rapper. O sentido de saúde

mental também está articulado a uma habilidade interna, sendo um tipo de "discernimento" emocional/psicológico próprio do sujeito.

O hospício é assimilado no discurso como uma instituição destinada ao depósito de pessoas cruéis e indesejáveis<sup>52</sup> (p. 105), "o *louco* como um perturbador da ordem social, e assim, necessitando ser recluso da sociedade dita *normal*. Visão essa, que permanece até os dias atuais com outras roupagens".

O consumo de crack é um dos elementos centrais da SDR2, sendo destacada por uma representação social extremamente negativa. É interessante observar o tom irônico, de crítica e revolta empregado pelo *rapper* na frase "não existe uma epidemia do uso de crack", manifestando uma preocupação sobre o consumo de drogas, especialmente, no que diz respeito à sua comunidade. Nesse sentido, Zanotto<sup>53</sup>, comenta que a utilização dessa expressão configura um equívoco, tanto pela ausência de uma série histórica que contemple dados epidemiológicos quanto pela situação de "etiquetamento social", que coloca todos os usuários como doentes.

O argumento "Ninguém é chinelo cara, ninguém quer sair roubando ninguém [...] por causa de uma droga", demonstra que o rapper tem conhecimento sobre os estigmas e preconceitos atribuídos aos usuários de drogas pela sociedade. O rapper parece compartilhar da noção exposta por Zanotto<sup>53</sup> (p. 133), de que os problemas sociais mais frequentes estão relacionados a exclusão social e a imagem negativa socialmente construída sobre os usuários de drogas, "apontando-os como perigosos e associando-os à criminalidade".

# 4º Recorte Discursivo – Serviços públicos essências

As três sequências discursivas tratam das condições de vida, de trabalho, moradia, alimentação, entre outros, relacionados com a situação de saúde dos *rappers* e de seus pares (parentes, vizinhos, amigos e similares), apontando diretamente para os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) propostos por de G. Dahlgren e M. Whitehead, em 1991<sup>54</sup>.

Na perspectiva de Buss<sup>55</sup>, Sobral e Freitas <sup>56</sup>, um dos mecanismos dos quais os DSS causam iniquidades de saúde, correspondem aos "aspectos físicos-materiais" na produção da saúde e da doença, compreendendo que as diferenças de renda impactam na saúde pela escassez de recursos dos sujeitos e pela ausência de investimentos em infraestrutura comunitária.

Nas entrelinhas, é possível observar os determinantes individuais e intermediários exemplificados por Solar e Irwin<sup>49</sup>, relacionados aos fatores hereditários, comportamentais e de estilos de vida, como os padrões de consumo de álcool e outras drogas, bem como os estressores psicossociais, isto é, as "circunstâncias estressantes, a falta de suporte social, etc." (p. 15).

### Conclusões

O artigo buscou instigar aproximações entre a Saúde Coletiva e o Movimento Social-Cultural *Hip Hop*. Sem dúvida, os discursos proporcionaram preciosos conhecimentos científicos em representações sociais na esfera da saúde, impulsionaram a composição de reflexões teóricas sobre um conjunto de temas inseridos em diferentes áreas do saber que permeiam a vida urbana e seus cenários de desigualdades e exclusões sociais.

Importa sinalizar que se verificou diversos estudos sobre o *Hip Hop*, com múltiplas metodologias, campos e eixos temáticos. Contudo, quando recortado para a dimensão narrativa dos *rappers* sobre as representações sociais de saúde-doença, não foram encontradas pesquisas. Essa escassez bibliográfica, foi o principal desafio enfrentado na realização deste trabalho, mas concedeu maior liberdade no momento das análises.

A partir da análise dos discursos, observou-se que os *rappers*, ao denunciarem as diversas dimensões e as influências dos fatores sociais que impedem ou dificultam o acesso de pessoas e grupos a uma vida diga e democrática, apresentam um entendimento de saúde que ultrapassa o conhecimento médico hegemônico, e encontram importantes conexões no discurso ampliado de saúde, defendido pelo Sanitarista Sergio Arouca durante a 8ª Conferência Nacional de Saúde.

Os rappers representam a si mesmos de diversas formas, posicionam-se através das ausências: "a gente já nem vive mais", entendendo que as exclusões abissais os impedem de existirem como "outro". Representam-se pelas interseccionalidades: "Cadeia só existe pra pobre, negro, favelado", bem como enquanto sujeitos emergentes: "Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não ouvirem nossa voz".

A vida é representada como "bem difícil", permeada "por muita dificuldade", de modo que precisam aprender a "sobreviver com pouco". Neste caso, considero que

as representações sociais dos *rappers* não são apenas uma forma de construção da realidade. As exclusões abissais não são determinadas através dos conhecimentos construídos e partilhados socialmente, e nem se encontram em movimento, mas sim enraizadas. A sociedade excludente está aí, posta, não precisa ser construída pelo senso comum.

Os eixos temáticos que expressam as principais representações sociais de saúde e doença estão organizados no quadro a seguir.

QUADRO 1 - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SAÚDE-DOENÇA DOS RAPPERS

Categorias da doença	Subcategorias
Mal-estar psíquico	I.1. Traumas de infância.
	I.2. Perda do sentido da vida.
	I.3. Privação de liberdade.
	I.4. Pensamentos obsessivos.
	I.5. Sentimentos de ódio, revolta, angústia e mágoa.
	I.6. Problema psicológico, loucura e hospício.
II. Violências	II.1. Violência Intrafamiliar contra mulheres e crianças.
	II.2. Violência de Estado.
	II.3. Violência Urbana.
III. Uso e abuso de	III.1. Moral, culpabilização e patologização.
drogas	III.2. Epidemia do crack.
	III.3. Consequências geracionais.
	III.4. Consciência da estigmatização dos usuários de drogas.
IV. Desigualdades	IV.1. Falta de acesso à saúde, educação básica e superior,
sociais	eletricidade, moradia, bens de consumo, saneamento básico e
	alimentação.
	IV.2. Racismo estrutural e Interseccionalidades.
	IV.3. Empregos subalternos.
Categorias da saúde	Subcategorias
I. Bem-estar psíquico	I.1. Equilíbrio emocional.
	I.2. Habilidade individual.
	I.3. Comportamentos socialmente aceitos.
	I.4. Relações familiares.
II. Promoção da	II.1. Conceito tradicional de prevenção e promoção da saúde.
Saúde	II.2. Educação sexual centrada no indivíduo e grupos.
	II.3. Risco e Prevenção do HIV, associados à promiscuidade.
	II.4. Diálogo como estratégia de prevenção ao consumo de drogas.
III. Movimento Hip-	III.1. Representatividade política.
Нор	III.2. Encontro entre arte, saúde e cultura.
	III.3. Solidariedade.
	III.4. Novas atitudes de vida.

Fonte: autora, 2022.

As representações das doenças estão relacionadas com os determinantes sociais da saúde (DSS), às condições precárias de infraestrutura e a falta de acesso

aos serviços públicos essenciais: "não tenho recurso, não tenho acesso à saúde, não tenho acesso a saneamento básico, não tenho acesso a uma limpeza no bairro", "era raro energia aqui na vila", "falta investimento na área da educação", "já morei na rua", "tinha vezes que o cara comeu só arroz e farofa", "a gente não tem roupa".

As representações sociais de saúde-doença dos *rappers* vão ao encontro da definição ampla de saúde defendida pelo sanitarista Sergio Arouca, durante a 8ª Conferência Nacional de Saúde.

Utilizando as próprias palavras dos rappers, saúde é: viver "sem estresse", "ser livre em comunhão" e "ver meus filhos sorrindo", é "tê-los sempre comigo, longe do perigo, longe das armas, das drogas, longe da vida do crime". Saúde é "a liberdade, a família, os amigos" é poder "rever toda família, churrasco no domingo". Saúde é acordar "a cada dia sempre bem mais disposto", é ter "uma cabeça boa ou alguém pra ajudar", é "uma vida melhor", é "vivenciar a cena do rap", "saber que eu tenho voz na minha comunidade... nos lugar onde eu vou".

Igualmente, empregando as palavras dos narradores, as doenças são: fruto das "lembranças de infância dolorida e sofrida", dos "problemas nas minhas costas" e das exclusões sociais que "aprisionam sem corrente" e nos "tornam exilados" em uma "vida sem sentido" que "perdeu o seu valor" e "arrastou angústia, mágoa, dor, sofrimento". As doenças representam "as mãos do sistema capitalista e burocrata, que te cria, te escraviza e depois te mata", são os reflexos dos "pensamentos maus" pelos anos "trancado dentro de uma cela". As doenças são o resultado "de uma geração que às vezes não tinha pão", do "temporal e a enchente quase a nos afogar".

Os narradores urbanos usam a linguagem, com rimas, versos e ritmos de forma peculiar, para abordar temas polêmicos como seletividade penal, racismo estrutural, corrupção do colarinho branco, posições sociais, pobreza, colonialismo, escravidão, educação, saúde, entre outros conteúdos, que, ao serem imersos na musicalidade expressiva do rap, tornam-se ainda mais interessantes de serem analisados.

Os discursos são constituídos por um vasto conjunto de elementos que criam significados, que podem ser estudados por meio da Psicanálise, Saúde Coletiva, Sociologia, Filosofia, Representações Sociais, dentre outras disciplinas, das quais eu me debrucei sem a pretensão de esgotar as discussões ou fornecer conclusões e verdades absolutas sobre os temas.

Os *rappers* ampliam as vozes de uma parcela da população que também é usuária do SUS. Nesse ponto, importa destacar o caráter original deste estudo, que inaugurou caminhos para futuras pesquisas em Saúde Coletiva, direcionadas para as narrativas dos agentes sociais do *Hip Hop* e suas representações sociais de saúdedoença.

Acredita-se que outras reflexões possam ser levantadas e problematizadas aqui, especialmente na atual conjuntura do país, onde as políticas públicas/estatais estão sendo tão questionadas. Espera-se que a pesquisa contribua para o aprofundamento dos debates e a geração de novos conhecimentos capazes de repercutir em novas práticas de saúde, no sentido de ultrapassar uma lógica individualizada, focalizada, assistencialista e, sobretudo, de ações invasivas, punitivas e criminalizantes.

# **REFERÊNCIAS**

- Conceição M, Rosa H. Saúde Coletiva e Movimento Social. Psicol Política [Internet]. 2017 [acesso em 17 ago. 2021];17(39): 247-260. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a05.pdf.
- 2. Barata RB. Os desafios da teoria e da práxis da saúde coletiva. Ciênc. e Saúde Coletiva [Internet]. 2001 [acesso em 23 mai. 2021];6(1): 20-47. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/gDH3h9FwqLqvDjxLnmtFYGD/?format=pdf&lang=pt.
- Poncio GR. O rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência: enfrentamento, a prisionização e a seletividade do sistema penal [tese na internet]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2014 [acesso em 10 jan. 2021]. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134404/000985826.pdf?sequence=1 &isAllowed=y.
- Santos BS, Meneses, MP organizadores. Epistemologias do Sul [Internet]. São Paulo (SP): Cortez; 2013 [acesso em 07 fev. 2022]. Disponível em: https://temascontemporaneosdotorg.files.wordpress.com/2016/02/boaventura-de-sousa-santos-maria-paula-meneses-epistemologias-do-sul-cortez-editora-2014.pdf.
- 5. Felix CM, Reis CS. Poderá a justiça criminal ser emancipatória? Reflexões a partir do pensamento de Boaventura de Sousa Santos. Rev. Dir Práxis [Internet]. 2015 [acesso em 12 set. 2022];6(1): 508-550. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/15414/11721.

- 6. Rosas RH. Um salve a todas as comunidades: representações sociais sobre violência de rappers que frequentam o CREA II de Londrina [dissertação na internet]. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa; 2017 [acesso em 18 mar. 2021]. Disponível em: https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/266/1/Rudy%20Heitor%20Rosas.pdf.
- Almeida AMO, Santos MFS, Trindade ZA. Teoria das Representações Sociais 50 anos [Internet]. Technopolitik; 2014 [acesso em 10 jan. 2021];2: 842-898. Disponível em: http://www.technopolitik.com.br/files/TRS%2050%20anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf.
- 8. Flick, U. Desenho da Pesquisa Qualitativa [Internet]. São Paulo (SP): Artmed; 2009 [acesso em 20 jun. 2021]. Disponível em: https://renasf.fiocruz.br/sites/renasf.fiocruz.br/files/artigos/flick%20-%20desenho%20de%20pesquisa%20quali.pdf.
- 9. Wengraf, T. Biographic-Narrative Interpretive Method (BNIM). For researching lived experience and whole lives, A summary [Internet]. London: Sage Publications; 2008 [acesso em 10 mar. 2021]. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/podzim2014/SOC932/um/Wengraf manual.pdf.
- 10. Magnus, MA. Visão Retrô. Grupo Conscient Ments. Porto Alegre (RS): Psicose Records [Internet]. 2020 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QSmOdl 9I-0.
- 11. Magnus, MA. Cenário de Louco. Grupo Conscient Ments. Produção Independente [Internet]. 2021 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i b9Uabqwls.
- 12. Magnus, MA. A luta não acabou. Grupo Conscient Ments. Porto Alegre (RS): Psicose Records [Internet]. 2020 [acesso em 24 abr. 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X11ZcwgNvGI.
- 13. Chikuta MRS. Sistema Covarde. Porto Alegre (RS): CrímíNaléPród [Internet]. 2018 [acesso em 13 mai. 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bg7wngfRugE.
- 14. Chikuta MRS. Um Entre 100. Porto Alegre (RS): CrímíNaléPród [Internet]. 2018 [acesso em 16 mai. 2021]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Neclyu\_iKv0.
- 15. Tampa Di Teto, Nego Gilson, Chikuta MRS. Regressos do Sistema. Porto Alegre (RS): Estúdio 111 Records [Internet]. 2021 [acesso em 20 mai. 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U4earWwUpcE.
- 16. Nego Gilson. Dias das mães. Porto Alegre (RS): Produção independente [Internet]. 2020 [acesso em 17 jun. 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eQNr2dL5wZQ.

- 17. Nego Gilson. Eu vi. Porto Alegre (RS): Estúdio 111 Records [Internet]. 2021 [acesso em 22 jul. 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=86Ru7CkY9nw.
- 18. Bogdan RC, Biklen, SK. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos [Internet]. Portugal: Porto Editora; 1994 [acesso em 16 jul. 2021]. Disponível em: https://www.academia.edu/6674293/Bogdan\_Biklen\_investigacao\_qualitativa\_em educacao.
- 19. Moscovici, S. Representações sociais: Investigações em Psicologia Social [Internet]. Petrópolis (RJ): Vozes; 2007 [acesso em 15 jan. 2021]. Disponível em: https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI\_S\_Representa%C3%A7%C3%B5es Sociais.
- 20. Rede Brasileira De Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (rede Penssan). VIGISAN: Il inquérito nacional sobre segurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil [Internet]. Rio de Janeiro: Rede Penssan, 2022 [acesso em 29 nov. 2022]. Disponível em: https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf.
- 21. Costa PHA, Mendes KT. Colonização, Guerra e Saúde Mental: Fanon, Martín-Baró e as implicações para a Psicologia Brasileira. Psi Teoria Pes [Internet]. 2020 [acesso em 20 jul. 2021]; (36). Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/27161/28823.
- 22. Rosa TH. O acesso à energia elétrica como manifestação do direito ao mínimo existencial: uma análise com ênfase na dimensão defensiva do direito de acesso à energia elétrica [dissertação na internet]. Porto Alegre (RS): PUCRS, Faculdade de Direito; 2016 [acesso em 15 abr. 2022]. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6787/2/DIS\_TAIS\_HEMANN\_DA\_RO SA PARCIAL.pdf.
- 23. Pereira VT, Guareschi PA. Representações sociais da psicologia sobre os usuários do CRAS: culpabilização dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social. Diálogo [Internet]. 2014 [acesso em 05 mai. 2022];(26): 9-24. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1626/1152.
- 24. Segnini LRP. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. São Paulo Persp [Internet]. 2000 [acesso em 01 mar. 2022];14(2): 72-81. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/7g5d46nQkNQ7KRdnfZP5mgk/?format=pdf&lang=pt.
- 25. Pinheiro MGC, Rodrigues IDCV, Silva RAR, Miranda FAN. Ampliando horizontes na interface Práticas Integrativas com Epistemologias do Sul. Rev. Cuba Enf [Internet]. 2019 [acesso em 18 abr. 2022];35(3): 1-14. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1156418.

- 26. Pierucci AF. O desencantamento do mundo: todos os passos de um conceito [Internet]. São Paulo (SP): Editora 34; 2003 [acesso em 17 abr. 2022]. Disponível em: https://toaz.info/doc-view.
- 27. Kilomba G. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano [Internet]. Rio de Janeiro (RJ): Cobogó; 2019 [acesso em 16 abr. 2022]. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS\_DA\_PLANTACAO\_-\_EPISODIOS\_DE\_RAC\_1\_GRADA.pdf.
- 28. Santos M. A urbanização Brasileira [Internet]. São Paulo: HUCITEC; 1993 [acesso em 12 abr. 2022]. Disponível em: https://docero.com.br/doc/v5n8s08.
- 29. Merton R. Social Theory and Social Structure. New York: Free Press, 1968.
- 30. Nietzsche FW. A vontade de poder. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- 31. Mir LGC. Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- 32. Silva ACLG, Nazario NO, Lima DC. Atenção à Saúde do Homem Privado de Liberdade [Internet]. Curso de Atenção à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, 2015 [acesso em 15 fev. 2021]. Disponível em: https://unasus.ufsc.br/saudeprisional/files/2018/06/Aten%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Sa%C3%BAde-do-Homem-Privado-de-Liberdade.pdf.
- 33. Pez TDP. Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. In: Seminário em Ciências Humanas [Internet]. 2008 [acesso em 18 mar. 2022];(7): 1-14. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPez.pdf.
- 34. Baratta A. Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da "reintegração social" do sentenciado [Internet]. Alemanha: Universidade de Saarland; 2007 [acesso em 18 mar. 2022]. Disponível em: http://www.ceuma.br/portal/wp-content/uploads/2014/06/BIBLIOGRAFIA.pdf
- 35. Coelho IP. Rap e Poesia para uma adolescência com privação de liberdade: Possibilidade de deslocamento da posição de vida nua [dissertação na internet]. Brasília (DF): Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; 2021 [acesso em 18 mar. 2022]. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/42898/1/2021\_lsm%c3%aaniaPintoCoe lho.pdf.
- 36. Miranda MLA. Narrativas Interativas de Presidiários Sobre a Experiência da Paternidade [dissertação na internet]. Campinas (SP): Centro de Ciências da Vida da PUC; 2016 [acesso em 02 mai. 2022]. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15921/ccv\_ppgpsico\_me\_Marcia\_LAM.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

- 37. Matsunaga PS. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. Psi & Soc [Internet]. 2008 [acesso em 13 jun. 2022];20(1):108-116. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/SNpCrjgrnM5f9FMV8R7Jpjn/?format=pdf&lang=pt.
- 38. Madeira MOM. "Eu sou tu, tu és eu, somos parte do divino eu": a função mãe e a psicose [monografia na internet]. Brasília (DF): Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília; 2009 [acesso em 10 jun. 2022]. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2737/2/20511500.pdf.
- 39. Santa Catarina, Secretaria Estadual da Saúde. Setembro amarelo alerta para a conscientização e prevenção ao suicídio [Internet]. Santa Catarina, 2021 [acesso em 20 mai. 2022]. Disponível em: https://www.sc.gov.br/noticias/temas/saude/setembro-amarelo-alerta-para-aconscientizacao-e-prevencao-ao-suicidio.
- 40. Ximenes EF. Enchentes e Saúde: levantamento das diferentes abordagens e percepções, Região do Médio Paraíba, RJ [dissertação na internet]. Rio de Janeiro (RJ): Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; 2010 [acesso em 22 jun. 2022]. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/34401/2/ve\_Elisa\_Francioli\_ENSP\_201 0.
- 41. Freitas CM, Silva DRX, Sena ARM, Silva ELS, Sales LBF, Carvalho ML, Mazoto ML, Barcellos C, Costa AM, Oliveira MLC, Corvalán F. Desastres naturais e saúde: uma análise da situação do Brasil. Ciênc & Saúde Col [Internet]. 2014 [acesso em 13 jun. 2022];19(9): 3645-3656. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/qXzXxxhczq66WnKnZfbtdMk/?format=pdf&lang=pt.
- 42. Rosenthal G. Life history and life story: The interrelation between experience, remembering and narrating. Civitas; Rev. de Ciênc e Soc [Internet]. 2014 [acesso em 13 mar. 2022];14(2): 227-249. Disponível em: https://www.scielo.br/j/civitas/a/5SY8P9tjdsvTMJdvTBkcLxH/abstract/?lang=en&f ormat=html.
- 43. Orlandi EP. Análise de Discurso: Princípios & procedimentos [Internet]. Campinas: Pontes; 2009 [acesso em 10 jan. 2021]. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/ORLANDI-Eni-P-Analise-Do-Discurso-Principios-e-Procedimentos.pdf.
- 44. Sagim MB. Violência doméstica observada e vivenciada por crianças e adolescentes no ambiente familiar [tese na internet]. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo; 2008 [acesso em 19 abr. 2022]. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09092008-141033/publico/MIRIAN BOTELHO SAGIM.pdf.
- 45. APAV. Quem somos [Internet]. 2012 [acesso em 16 jul. 2022]. Disponível em: https://apav.pt/vd/index.php/features2.

- 46. Garcia CF. O ato de fugir de casa na adolescência: algumas hipóteses a partir de casos atendidos no projeto Caminho de Volta. Rev. aSEPHallus [Internet]. 2017 [acesso em 12 out. 2022];12(23): 45-59. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero\_23/pdf/5-o\_ato\_de\_fugir\_de\_casa\_na\_adolescencia.pdf.
- 47. Brasil. Conselho Nacional De Saúde. Moção de Repúdio Nº 006, de 26 de maio de 2022 [Internet]. Manifesta repúdio à violência policial aplicada na intervenção do Estado no Complexo da Penha, na comunidade Vila Cruzeiro no Rio de Janeiro e no caso de Genivaldo Santos, em Sergipe; 2022 [acesso em 16 set. 2022]. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/mocoes/2022/Moc 006.pdf.
- 48. Agudelo SF. La violencia: un problema de salud pública que se agraba en la región. Boletin Epi de la OPS [Internet]. 1990 [acesso em 27ago. 2022];11(2): 1-7. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/32605/8387.pdf?sequence=1&isAll owed=y.
- 49. Solar O, Irwin A. A conceptual framework for action on the social determinants of health [Internet]. Genebra: OMS; 2010 [acesso em 17 ago. 2022]. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44489/9789241500852\_eng.pdf? sequence=1&isAllowed=y.
- 50. Boltanski L. As classes sociais e o corpo. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- 51. Falcão ARG, Souza LAP, Costa R. Discriminação e preconceito linguístico: questões para promoção da saúde?. Rev Cien Mult Núcleo do Conh [Internet]. 2020 [acesso em 16 ago. 2022];3(2):17-31. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/discriminacao-epreconceito.
- 52. Miranda T. A política de saúde mental e as repercussões do cuidado ao portador de transtorno mental infrator na vida da família e da mulher cuidadora [trabalho de conclusão de curso na internet]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2007 [acesso em 12 jul. 2022]. Disponível em: http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial285881.PDF.
- 53. Zanotto DF. Usuários de crack: uma análise a partir de reportagens de jornal e revistas de circulação nacional [tese na internet]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2016 [acesso em 20 ago. 2022]. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/172180/343122.pdf?seque nce=1&isAllowed=y.
- 54. Dahlgren G, Whitehead M. Policies, and strategies to promote social equity in health. Stockholm: Institute for Future Studies [Internet]. 1991 [acesso em 6 set. 2022]. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/6472456.pdf.
- 55. Buss PM, Filho APA. A Saúde e seus Determinantes Sociais. Physis [Internet]. 2007 [acesso em 6 set. 2022];17(1): 77-93. Disponível em:

- https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?format=pdf&lang=pt.
- 56. Sobral A, Freitas CM. Modelo de Organização de Indicadores para Operacionalização dos Determinantes Socioambientais da Saúde. Saúde & Soc [Internet]. 2010 [acesso em 6 set. 2022];19(1): 35-47. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/xt9VTQXXLTgxhm6WMyhz3TD/?format=pdf&lan g=pt.

# ANEXO A - DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA



Instituto Parrhesia Erga Omnes CNPJ 145785370001-48 Email: <u>radioweb@parrhesia.org.bx</u> Travessa Venezianos n° 30 Cidade Baixa Porto Alegre RS CEP 90050370

#### DECLARAÇÃO

(Instituto Parrhesia Erga Omnes)

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição Eu Orlando Vitor Noal, Diretor Executivo do Instituto Parrhesia Erga Omnes CNPJ 157853700018, tomei conhecimento do projeto de pesquisa "Representações sociais sobre saúde-doença de homens rappers" sob responsabilidade de Mauro Serapioni (pesquisador responsável) e cumprirei os termos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

	Florianópolis, 29/04/2022
ASSINATURA:	

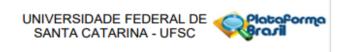
CARGO: DIRETOR EXECUTIVO DO INSTITUTO ERGA OMNES
CARIMBO DO RESPONSÁVEL

NOME: ORLANDO VITOR NOAL NETO



Página 1 de 1

# ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM **PESQUISA**



Continuação do Parecer: 5.533.613

### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1878210.pdf	23/06/2022 20:49:31		Aceito
Declaração de concordância	CONCORDANCIA_assinado.pdf		TUANY FLESCH PEREIRA	Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.pdf		TUANY FLESCH PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	22/03/2022 14:46:25	TUANY FLESCH PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14:05:15	TUANY FLESCH PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf		TUANY FLESCH PEREIRA	Aceito

(Coordenador(a))

Situação do Parecer: Aprovado	
Necessita Apreciação da Não	CONEP: FLORIANOPOLIS, 18 de Julho de 2022
	Assinado por: Luciana C Antunes

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701

Bairro: Trindade CEP: 88.040-400

UF: SC Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3721-6094

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Página 04 de 04

# ANEXO C - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DAS LETRAS DE MÚSICAS

Composições Maciel Aranda Magnus:

### "Visão Retrô"

Vivemos em guerra diariamente com nós mesmos, matando os demônios que atormentam os pensamentos. Me deram espelhos enxerguei o passado, dia quente ensolarado que deixava enjoado, meio amoado. Lembranças de infância dolorida e sofrida, o tempo passa, mas fica a feridas.

Barraco de zinco, barulho ensurdecedor, a fome era tanta e amargava o sabor. A luz do lampião iluminava os barraco, era raro energia aqui na vila sapo.

Admirava as vitrine, ah! como eu queria tudo aquilo. A jaca da Colcci é pixulium.

O sonho de menino e quem não se lembra dos pisante louco e da hora, quando não se tinha bora de chinelo pra escola, bora de chinelo pra escola.

# [refrão]

Sonhos sonhados que não foram realizados, isso me deixa um pouco frustrado, mas vamo até o final só pra ver o resultado, mas vamo até o final só pra ver o resultado.

Sonhos sonhados que não foram realizados, isso me deixa um pouco frustrado, mas vamo até o final só pra ver o resultado, mas vamo até o final só pra ver o resultado.

Falando na humilde, contando um por um, em memória de todos que se foram mais cedo, eu to aqui presente para relatar fatos ocorridos na periferia, onde eu nascei, cresci. Já to acostumado com boas e más notícias. Toma enquadro, depois de vários tombos aprendi a jogar. O mundão é assim, não admite falhas no caminho estreito. A subida nem se fala, os degrau de espinho. A vida é uma escada difícil de subir, eu também já tropecei com respeito, humildade,

guerreiro me levantei.

É só olhar pra trás e ver que vários jaz. O erro cometido a saudade não traz, o que é bem pior, muitos gostam de um pó, agora vejam só vários viraram pó. Então senta na poltrona assiste a reprise, controlados pelo sistema assim que a gente vive, fora do script. O que é bem mais triste é ver vários tropeçar e no mesmo erro insistir. Rap é história denunciando o preconceito. Desde 1500, o tráfico negreiro mostrando como deve ser. O outro lado de Colombo a mile ano atrás. A escravidão de um bando, o que mudou de lá pra cá.

Várias treta, chinelagi, vem na memória vários mano. Porra, sinto saudade.

Vários irmãos morreram, isso que me revolta, o crime é um caminho só de ida sem volta.

Aqui tem vários 21, mas não é Embratel, é o artigo que bate o martelo de um réu.

A tentação ta aumentando, jesus me liberta, vou atrás da vaga auxiliar de qualquer merda. Infelizmente só tem trampo com experiência na agência, que tédio, não se conquista nada sem um ensino médio.

Falta investimento na área da educação, da merda da miséria já vi gente de montão e mesmo assim ainda o povo veste a camisa do que fala mais bonito e da várias entrevistas.

## [refrão]

Sonhos sonhados que não foram realizados, isso me deixa um pouco frustrado, mas vamo até o final só pra ver o resultado, mas vamo até o final só pra ver o resultado.

Sonhos sonhados que não foram realizados, isso me deixa um pouco frustrado, mas vamo até o final só pra ver o resultado, mas vamo até o final só pra ver o resultado.

Essa é nossa visão retrô de um passado não muito distante. Família consciente ments.

### "Cenário de Louco"

Vivemos de escolhas, erros e acertos, fazer ou não fazer, matar ou morrer. Mundo em decadência sequestraram a inocência, condenaram a extinção, corromperam a alma, petrificaram o coração, a fé que se tinha não se tem mais, a moeda fala mais alto pra se obter a paz.

Vida sem sentido perdeu o seu valor, o pai mata o filho depois fala de amor.

### [refrão]

Olhos vermelhos em meio a neblina, cenário de louco bem-vindos a Mathias. Olhos vermelhos em meio a neblina, cenário de louco bem-vindos a Mathias.

Quebrada sinistra, realidade cabulosa, cheiro de sangue se mistura com a pólvora. Olhar malicioso preparados pra matar, o sistema cria o monstro depois manda executar.

Eu enxergo os dois lados que você não enxerga, olhares oprimidos preparados para guerra.

O mau te intima, cobiça te atrai, quando se dá conta já é tarde demais. O suor escorre se funde com as lagrimas, apenas saudade sem

Acende uma vela, pois já se conformou, o filho fez a escolha e a morte o levou, a morte o levou, a morte o levou.

### [refrão]

nenhuma palavra.

Olhos vermelhos em meio a neblina, cenário de louco bem-vindos a Mathias.

Olhos vermelhos em meio a neblina, cenário de louco bem-vindos a Mathias, bem-vindos a Mathias, bemvindos a Mathias.

### "A Luta Não Acabou"

Lágrimas do passado escorrem na atualidade, maquiaram a verdade nós escancara a realidade.

País da mentira, país da sacanagem, me diz quantos negros existe em sua faculdade.

Não deixaram depoimento, mas também não se calaram, acabou no papel, mas continuamos escravos. Apontam suas armas, nos oprimem todo dia, realidade que eu vejo você não mostra em sua mídia.

Aprisionam sem corrente, nos tornam exilados. Cadeia só existe pra pobre, negro, favelado. Cadeia só existe pra pobre, negro, favelado.

Alguém me explique não consigo entender, não pedimos pra nascer muito menos pra morrer. Matemática existente que não vamos resolver. Nascemos pobres e morremos miseráveis, culpa dos nossos governantes do Estado.

Sabe quem é quem, então me aponte o culpado, sabe quem é quem.

### [refrão]

Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não ouvirem nossa voz, enquanto não ouvirem nossa voz. Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não responderem pra nós, enquanto não responderem pra nós.

Muito antes da bíblia e das cores da pele, estávamos em harmonia ao lado de Deus vivendo sem estresse, sem tempo pra agonia ou espaço pra covardia. Ser livre em comunhão, não é viver na anarquia.

Não to aqui pra distorção, ponha as tuas mãos na boca ao falar de união, se contar melanina no sangue, tem sangre negro nas tuas mãos.
Racismo não existe, fogo no circo dessa palhaçada. E pra cada olhar torto, olho roxo e soco na cara.
Agredir não leva a nada, mas de tanta agressão nessa história, nossa vitória os matara.

Ai preto, ai preta, mestiços da favela, parem de invejar a burguesia. E plantem pro sustento da sua vida e da família uma horta ou um jardim. O dinheiro compra batalhas nesse fim de era, mas é a sabedoria quem ganha a guerra. O dinheiro compra batalhas nesse fim de era, mas é a sabedoria quem ganha a guerra, quem ganha a guerra.

Quero fazer valer cada noite sem dormir, cada verso que escrevi, cada tempo que perdi. Muitas vezes eu caí, mas eu não desisti, acreditei que eu seria muito mais que isso daqui. Sou uma pergunta sem resposta, um neguinho na aposta, cansei de viver na bosta, com problemas nas minhas costas. To em busca de proposta, cansei de viver de sobra, nesse mundo que só cobra, só pedi, não colabora.

### [refrão]

Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não ouvirem nossa voz, enquanto não ouvirem nossa voz. Os gritos da periferia não podem parar, enquanto não responderem pra nós, enquanto não responderem pra nós.

Composições Chikuta MRS:

### "Sistema Covarde"

É nois povo, MRS no ar, pra guerrilhar, revolucionar o sistema corrupto.
As pessoas que controlam o mundo podem criticar, eu sei o meu lugar.
Enquanto nois se mata trabalhando o ano inteiro, playboy troca de iate, se limpa com dinheiro.

Isso gera uma revolta em qualquer ser humano, só quem passou fome sabe do que eu to falando.

Bola o plano, meto os cano se preciso for, cria da periferia, não filho de doutor.

Na vida que eu vivo a regra é bem clara, se tu vacilar, doido, tu da vaga. Eu tentei mudar, mas fui discriminado, pra sociedade, sempre, presidiário, tipo tatuagem numa marca que não sai. Liberdade infelizmente, nunca mais.

Quando saí daqui, de trás das grades, ficarei preso ao preconceito da sociedade.

### [refrão]

Sistema covarde, filho da puta, gera a revolta, me obriga a ir à luta.

Cano na nuca do burguês engravatado, de joelhos ele pede pra não virar finado.

Revoltado eu to na cena, hoje sou o pesadelo do sistema.

Sistema covarde, filho da puta, gera a revolta, me obriga a ir à luta. Cano na nuca do burguês

engravatado, de joelhos ele pede pra não virar finado.

Revoltado eu to na cena, hoje sou o pesadelo do sistema.

Sistema trema, pois agora to de volta, despertei do pesadelo cheio de ódio, revolta.

A vida é foda, o sofrimento ensina, não quero ver a molecada nessa rotina. Bebida, cocaína ou perdidos no crack. O crime, as drogas é rotina suicida. Não perdi minha vida, mas perdi parte dela, foram anos trancado dentro de uma cela.

O rap é revolução é o resgate, obra de arte, lição de vida. Meu coração tem sequela, a mente ta em conflito, quero me livrar dos pensamentos maus, mas não consigo. Meu inimigo íntimo foi o tempo, ele arrastou angústia, mágoa, dor, sofrimento.

Por muito tempo fui um nóia fracassado, hoje sou um MC, em rap, sou viciado. Boto no prato, na seda, no cachimbo. Rap não é moda, rap é compromisso. O meu artigo agora é o Hip Hop, o microfone é minha arma, minha Glock. Vai, tenta a sorte, sistema pode vim, mas só vão me calar quando Deus decretar o meu fim. Não quero que com meus filhos se repita o meu passado, aos 12 na FEBEM, aos 18 lá em Charqueadas. Condenado a mais de 30 de reclusão, rezando pra cair algo na apelação. Fudido nas mãos do sistema capitalista e burocrata. Que te cria, te escraviza e depois te mata.

### [refrão]

Sistema covarde, filho da puta, gera a revolta me obriga a ir à luta. Cano na nuca do burguês engravatado, de joelhos ele pede pra não virar finado. Revoltado eu to na cena, hoje sou o pesadelo do sistema.

"Regressos do Sistema" – Chikuta MRS, Tampa Di Teto e Nego Gilson.

A noite cai é mais um dia que vai. Só concreto e aço, livra-nos oh! Pai, de toda a maldade que se vê só no olhar.

Cadeia, nunca queira vir para cá. Vi vários chegar e poucos ir embora. Quando tu tá preso a mãe aqui em casa chora. É foda, mas logo, logo tamo indo, rever toda família, churrasco no domingo.

Vai ser lindo, sonhar não custa nada. A melhor viagem é na família do que a mente atrofiada. Envenenada, só maquinando o mal, neste tipo de parada eu tô tranquilo, eu tô legal. Firmeza total, com os ladrão que tão na rua, curtindo a liberdade só na paz, de boa.

Feliz tá os coroa, porque o filho tá em casa, não precisa mais levar sacola domingo e quarta.

# [voz do repórter]

Os presos fizeram fogueiras e queimaram roupas e colchões. Depois, agitaram faixas com reivindicações, debaixo de uma chuva forte. Quando a polícia resolveu agir, o resultado foi trágico. Muitos feridos começaram a ser retirados às pressas e o nervosismo aumentou. Durante a madrugada, tensos e muito emocionados, os parentes dos presos pediram informações.

Lágrimas correm no rosto, tô me sentindo indisposto. Minha mãe tentou me educar, mas sempre fui o oposto. Pra ela só dei desgosto, me viu de ferro na mão, boné cavado na cara e baleão do negão.

Ela desceu do busão, veio na reta correndo, me deu um abraço apertado, disse o que eu estava fazendo.
E agora estou entendendo o que minha mãe me dizia, que tudo que eu fizesse um dia eu pagaria.

Paguei com a minha liberdade, sem poder ver a cidade e dos meus filhos pequenos eu sinto tanta saudade.
Sem poder ver a verdade do que se passa lá fora, não ta perto da minha nega quando sozinha ela chora.
Mas quando chegar a hora de se abrir o portão, eu agradecerei de joelho fazendo uma oração.

# [voz do repórter]

A polícia saiu do presídio por volta das quatro da manhã, debaixo de vaias e protestos. Agora cedo, a tensão continuou, na porta do presídio as famílias esperam por notícias que não vem. A todo o momento acontecem atritos entre policiais e os parentes. Carros do instituto médico legal ainda continuam saindo, mas a diretoria da casa nada explica.

O sistema quer me vê pondo fogo em colchão. Quer me vê, liderando rebelião. Quer ver meus irmãos na prisão se matar, mas a minha cara é outra, é revolucionar.

Mostrar pros irmãos qual que é o inimigo, porque o inimigo não divide a galeria comigo.

Corro perigo, mas não vou me entregar, as balas de borracha não vão me parar.

O juiz vai assinar mais de vinte transferência, mas é nois que tá de frente, assumindo as consequência. Paciência é a chave, e a nossa esgoto. O culpado dessa porra toda é o diretor, verme, opressor, seguidor de nazista. Pode escapar de nós, mas na lei de Deus tá na lista.

# Composições Nego Gilson:

### "Dia das Mães"

Esse rap aqui, vai em homenagem as coroinha. Independentemente do que tu vai ser ou não. Se tu for ladrão, se tu for traficante, se tu for trabalhador, a tua mãe vai te amar do mesmo jeito. É a única mulher, que não importa a situação que tu tiver, ela vai tá sempre contigo.

Ei, mãe, senti saudade da senhora. Dentro do lugar eu vi que um homem chora. Mas sei, que o senhor me abençoou e hoje podendo cantar pra senhora estou.

A vida com a senhora foi deselegante, te deu um filho, assim, caído, cadeirante. O outro traficante, o outro deselegante. Mas mãe, eu quero mudar bastante.

Quero ver a senhora com um sorriso no rosto. Me acordo a cada dia sempre bem mais disposto. E mãe, tudo isso que um dia eu tenho passado, talvez a senhora não viu que eu tinha chorado. Mas to lembrando, mãe, do que passei. Mas toda vez que da senhora eu me lembrei, eu me fortifiquei e fiquei bem mais forte. Confesso que às vezes pensei até na morte. Mas hoje to de volta e posso te

Mãe, eu estou aqui e digo que eu te amo. Quando sinto medo na madruga é teu nome que eu chamo.

abraçar. Pra comer um churrasco

posso te convidar.

Oh mãe, eu quero te dizer que estou aqui. Sei na minha vida tudo aquilo que eu já vivi.

Já morei na rua, dormi pelo relento. Fazia malabares nos faróis da Bento. Mas eu hoje estou aqui na quebrada. Entendo tudo, vejo o mundo e sigo na minha pegada.

Talvez os manos nunca vão me entender, mas digo pra você, que meu irmão Ailson que eu to cuidando, não é por gratidão, sim, é porque eu amo. E, mãe, é a senhora que tá junto comigo. Dia a dia nessa batalha, nesses utensílios.

E talvez os manos não vão me compreender, quando eu faço esse rap, mãe, que é só pra você. Te amo tanto e queria te falar: mãe, seu dia nunca vai se acabar.

### "Eu Vi"

Eu vi esse Dunas se criar, eu vi também casa chalé e quem seguiu na fé pra seus filhos criar.

Eu vi esse Dunas se criar, eu vi também casa chalé e quem seguiu na fé pra seus filhos criar.

Sou fruto da geração que às vezes não tinha pão. Tremia o chalé, a mãe fazendo oração. Pedindo a Deus proteção, pro chalé não derrubar. O temporal e a enchente quase a nos afogar.

Me lembrei, que tudo aqui era muerão. Me lembrei, que a minha praia era os barreirão. Me lembrei, que tudo tá mudado meu irmão. Mas salve, salve, o meu jeito é a minha geração. Eu vi esse Dunas se criar, eu vi também casa chalé e quem seguiu na fé pra seus filhos criar. Eu vi esse Dunas se criar, eu vi

Eu vi esse Dunas se criar, eu vi também casa chalé e quem seguiu na fé pra seus filhos criar. E eu vi, eu vi, esse Dunas se criar. Eu vi também a fé e seus filhos criar. E tenho pedido paz, simplesmente paz.

Ei, nova geração, respeitem os seus pais, porque eles te amam demais. Parem com a putaria, só orgia não te leva a nada mais.

Eu vi esse Dunas se criar, eu vi com os meus próprios olhos tudo aqui começar.

#### "Vivenciei"

Hoje foi mais um dia loco que eu vivenciei. As sete horas da manhã, cedo me acordei. To sempre pronto pra batalha, então fui e lutei, com as armas do meu senhor, meu verdadeiro rei.

Eu sei que o mundo tá bem loco, ta tudo um caos, mas acredito que um dia volte ao normal. O importante é que a gente não perdeu o astral e ainda existe aquele rap que fale a real. E o importante é que as barreiras estão sendo quebradas e que a atitude do gueto segue na mesma pegada. Salve minha rapaziada que ainda pede liberdade, pa pode anda tranquilo nos becos dessa cidade.

Eu vo sozinho como sempre, mas sempre tranquilo. Agora só com o meu pedaço, abandonei os quilo.

É que os homi tão de loco e parece uns esquilo. E já farejam de longe o movimento, amigo.

E eu já cansei desse sufoco, eu quero memo é paz. Poder mostrar para os meus filhos as coisas reais. E que as coisas legais nem sempre são legais, pois o bonde de hoje pode te puxar pra trás. E digo mais, nessa vida loca que eu já vivi, teve muita coisa boa, manos, que eu aprendi. Sofri mais não desisti, simplesmente estou aqui. E tudo que eu passei me serviu pra refleti. E que se foda o Bolsonaro e mais um bando de otário, que diz que presidiário o auxílio não vai levar. Não to por porra nenhuma, quero mais que vocês suma, e que a terra consuma todo esse teu mau olhar. Que o sorriso das crianças é o que traz esperança. Que o dia da cobrança logo, logo vai chegar.

E Bolsonaro eu quero ver, pra onde tu vai correr quando o povo se revoltar e a bala for comer. E as mesmas armas que cê liberou vão matar você, seja com balas de oitão ou rajadas de rap. Eu to tranquilo na quebrada, suave no lado leste, sempre na mesma caminhada. Ir pra casa, pro trampo e rap.

### [refrão]

Hoje foi mais um dia loco que eu vivenciei. As sete horas da manhã, cedo me acordei. To sempre pronto pra batalha, então fui e lutei, com as armas do meu senhor, meu verdadeiro rei.